FON FON
ANNO XXIII N.º 47
Rio, 23 de Novembro 1929
PREÇO: 1$000
BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
OROZIO
RIO
29

A fonte da eterna belleza

e da alegria de viver, é o somno são e reparador. Um pezar é mais facil de ser removido quando nos refugiamos sob o manto protector do somno que nos faz esquecer mais depressa as dôres e miserias da vida. Não vacillae! Não temei a noite! Dois comprimidos Bayer de Adalina proporcionarão tranquillidade aos vossos nervos e um somno são e profundo.

AMEAÇA COSNTANTE

Um dente cariado representa verdadeira ameaça á saude e mesmo á vida, porque constitue um perigoso deposito de germes pathogenicos. Para se defender deste perigo e para evitar novas caries, ha toda conveniencia de manter rigoroso asseio da bocca, escovando os dentes depois das refeições e, sobretudo, á noite, com agua, sabão ou, melhor, com a solução feita com os glóbulos de Ortizon Bayer. Estes glóbulos, dissolvidos em agua, formam uma especie de agua ozonizada perfumada, excellente para a remoção dos detritos que se depositam entre os dentes e para a desinfecção geral da bocca. E' indispensavel remover estes detritos, que se putrefazem, determinando as caries, o mau halito e as dores de dentes. Para este fim nada melhor que o Ortizon.

BRIGAS

Ha orgãos do corpo que, de vez em quando, estabelecem sérias luctas internas, pondo os demais em alvoroço.

Um dos mais reincidentes nestas dissenções são os intestinos que, por preguiça ou relaxamento, provocam sempre desordens.

Para evitar taes brigas, é necessario disciplinal-os, regularizal-os, obrigando-os a cumprir diariamente o seu dever.

Para esse fim não existe melhor elemento disciplinador que a Isticina Bayer (em comprimidos), de commoda administração e absolutamente inocuos.

Não é necessario usal-os diariamente, para combater a prisão de ventre, basta tomal-os uma ou duas vezes por semana, para ter as funcções sempre regularizadas.

A Serena Virtude de Perdoar...

"Sem ti, que serei eu?"
M. F.

ELLE tomou, em incontido desespero, as mãos indifferentes e vazias, e de seu peito de touro sairam-lhe numa caudal vertiginosa e immensa, a verdade de sua vontade passional, o segredo doloroso e maldito de seu coração.

— Gabriella! Gabriella! minha vida está em ti!

Elle a sentia tão perto de seus anseios, tão perto de seus braços e de seus labios, que, si ella o quizesse, suas boccas se uniriam...

Desde a lucta que abalroára seu espirito, deixando-lhe a dorida sensação de abandono e de solidão, Gabriella olhava a Vida debilmente, como convalescente miraculosa de uma catastrophe physica. Attingira-lhe, porém, o espirito recatado e doce, e fôra mais funda a contusão porque muito maior o desespero moral...

Em troca do desejo novo de luctar, valorosa e altiva, ficara-lhe a morbida melancolica que não exalta nem glorifica a Vida...

Fugira-lhe elle...

A debilidade de seu caracter, a fraqueza de sua masculinidade deixara-lhe o travo da maior decepção.

A alegria apparente e alvoroçada, que a sacudia inteira, satisfazia aos menos sagazes ou aos mais indifferentes.

O pensamento, porém, batalhava no desanimo inquietante e profundo: perdia-se em sombras e vagava, vagava...

E a esperança, feiticeira e jocunda, dizia-lhe de homens novos fortalecidos e sadios, de individualidade vigorosa e recta, mas... o desapontamento na mentira do eleito trouxéra-lhe, tambem, a vontade inerte, apagada, morta...

Fugira-lhe o favor que nos lega a Vida uma vez...

Para que, pois, sondar sentimentos e apalpar terrenos que tambem poderiam sêr estereis ou cheios de falsa emoção?

Longe, os mais... não lhe fugira elle?

E, no insensivel desespero a que a atirára o egoismo da natureza humana, desejou odial-o, por que não conseguira perdoal-o nem esquecel-o...

O COMMENTARIO

O telegrapho noticia que o congresso da Colombia approvou o tratado de limites feito com o Brasil. Anteriormente já havia sido approvado pelo parlamento de Assuncion o realizado entre o Paraguay e o nosso paiz. A discussão deste ultimo foi violentissima e sua approvação custou muito a ser effectuada. A velha pendencia de fronteiras que nos deu desgostos graves em 1857 e dahi por deante não cessou de dal-os deveria ter sido resolvida quando estavamos com a faca e o queijo na mão após o esmagamento daquelle paiz, afim de lhe não permittir piruetas dessa ordem nos nossos dias. A discussão daquelle outro foi menos brava, mas os oppositores acharam que o Governo colombiano poderia ter arranjado melhores vantagens, esquecendo tudo o que temos aberto mão, tolamente, por gostarem de figurações nossos ridiculos diplomatas. E 19 votos se manifestaram contra o tratado.

Está ahi no que dão as concessões: ninguem as agradece e sempre se acha pouco tudo quanto no Brasil se faça.

Não o fôra tão seu, não lhe dera elle momentos de ventura ineffavel, quiçá de alegrias inilludiveis?

Quizéra odial-o... Sua natureza passiva e invalida de luctas, a detéve, porém: o favor de sua abominação valia mais que a pobre personalidade mofina, que se fôra...

Uma aversão, todavia, por tudo que lhe déra de falsa benemerencia e de supposta belleza, tornava-o mais longe de sua offegante saudade, de seu doloroso desencantamento.

Mas... deante do céo azulado desses olhos que conhecera tão tranquillos como lagos parados onde boiassem cysnes seismarentos... Como fugir-lhe, agora, á profundeza de suas aguas, sem abandonar-se ao sabor de sua correnteza?

Do outro lado, num lento adeus, a lembrança da individualidade debil e mofina exhortava-a a vencer...

Si não conseguira esquecel-o, tinha em frente a fortaleza poderosa do sentimento raro, que esmolava e gritava, que supplicava e gemia...

Esperaria, pois. Observal-o-ia melhor, dissecando friamente, com habilidade profissional, os mais profundos escaninhos, os mais reconditos segredos da ternura prodigiosa e perfeita.

Ao esvair-se o tempo, já se sentia alheiada ao caracter avesso e pequeno.

Seria a vingança que de forjar se encarregára a Distancia?

Comprehendia que só poderia perdoal-o e esquecel-o na offerenda do sentimento que se lhe abria, integral e recto, numa oblação commovedora...

Curou-a o veneno do veneno maior...

— Guia, religião, fé de Futuro... Gabriella! Gabriella! meu Universo és tu!

Agora que o sentia mais perto de seus anseios, mais perto de seus braços e de seus labios, Gabriella abandonou-se docemente áquelle amor sem tormenta e sem maldição que lhe offerecia a Vida...

NOEMI PITANGA.

O Homem dos banquetes

NA gaveta de sua mesa, muito bem ordenados, Honorio Pimenta guardava os menús e os convites dos banquetes e *lunchs* em que tomára parte. Sentar-se a uma longa mesa, entre senhores conhecidos era para elle um prazer especial. Quando não lhe era designado de antemão o logar, elle procurava metter-se entre dois cavalheiros, que, por seu ar, parecessem personagens. Durante o banquete ou o *lunch*, com um pretexto qualquer entrava em conversação com seus companheiros mais proximos, e mais de uma vez se viu em apuros pelo seu costume de intervir em palestras sobre themas que não entendia.

Era uma verdadeira mania que elle tinha pelos banquetes. Os amigos do escriptor Montefiore queriam tributar-lhe uma homenagem por uma novella que não publicaria nunca? Pois, entre os convivas ao banquete se podia dar como certo Honorio Pimenta, que de uma outra maneira havia de ter conhecimento da homenagem. Os socios do Club de Regatas Estrella da manhã queriam banquetear um collega que salvára um pobre cão de morrer afogado? Honorio Pimenta era, infallivelmente, um dos primeiros a chegar para a comida.

Do mesmo modo que ha quem, pela manhã, só leia as noticias policiaes ou theatraes dos jornaes, Honorio lia unicamente, aquellas que se referiam ás homenagens. Quando encontrava uma, apanhava seu chapéo e corria á procura dos organizadores, para insinuar seu nome entre os dos convivas.

•

UMA noite, Honorio Pimenta sahiu de sua casa depois do jantar. Ao despedir-se de sua mulher, apenas lhe disse:

— Até logo, minha velha. Si queres esperar-me levantada, regressarei cêdo. Si não, vae deitar-te.

— Vaes, hoje a algum banquete?

— Que pergunta! S fosse a um banquete teria jantado em casa? Infelizmente, hoje não tenho nenhum.

E sahiu. Sua mulher, acostumada ás excentricidades de seu esposo, ficou tranquilla. Esperou-o até meia noite, lendo uma novella moderna. A essa hora a novella poude mais que ella(que adormeceu como um anjinho.

Na manhã seguinte, ao despertar, dona Gúdula se alarmou sobremaneira de que seu marido não houvesse regressado. Telephonou para todas as suas relações indagando si sabiam alguma cousa delle, mas ninguem lhe soube dar a menor noticia. Percorreu, tremula, as noticias policiaes á procura de um morto anonymo que pudesse ser seu marido, e tambem não obteve exito.

Desconsolada, indo e vindo de seus aposentos á porta da rua, dona Gúdula parecia uma leôa em busca de seus filhos. De quando em quando lançava um gemido que era mais um rugido. Sem querer, por hypothese, chegou a se considerar viuva, e até chegou ao extremo de procurar no jornal uma collocação com que se manter dahi por deante. E assim chegou o meio dia.

Durante a tarde, Honorio Pimenta não deu igualmente, signaes de vida. Assim tambem nas primeiras horas da noite. Então, ao a desventurada mulher se lembrou de ir á delegacia communicar o mysterioso desapparecimento de seu marido. Depois de ouvil-a com attenção, o commissario coçou a cabeça, com desalento, e disse:

— Sabe, senhora, que seu caso é mysterioso? Sem duvida existe um bando de malfeitores que se dedica ao rapto dos mais tranquillos cidadãos. Já recebi, hoje vinte e tres denuncias semelhantes.

— E' possivel?!

— E' minha senhora. Mas nós faremos quanto nos seja possivel para encontrar seu marido vivo ou morto.

— Muito obrigada, senhor commissario.

Passaram-se dois dias. Ao cabo delles, indo dona Gúdula novamente á delegacia, em busca de noticias, ouviu do commissario:

— Nossas pesquizas estão resultando inuteis. Seu marido não dá signaes de vida. Desappareceu sem deixar rastros...

Dona Gúdula já se vestira de luto e já havia dado os trajes de seu esposo, quando appareceu este na porta, com cara de quem levára uma tremenda surra. Ao vêl-o, a desconsolada mulher lançou uma exclamação de assombro:

— Tu?!... Mas, és tu, Honorio, ou é tua sombra?...

— Sou eu, minha Gúdula. Eu em pessôa.

— E de onde vens assim, depois de tanto tempo e de tanto procurar-te em vão?

— De onde? Assombra-te! Venho de um banquete que me surgiu de improviso áquella noite, ao sahir de casa. Um banquete com discuso á sobremesa...

.séfthif SHRDLU ETAOIN

Dr. José M. Bean...

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados
Anno ..... 48$000
Semestre ... 26$000
Venda avulsa em todo o Brasil 1$000.

—

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: C. 0377 Administração: C. 4136

Caixa Postal 17

RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8-sob, Caixa do correio 1431

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

NOVO TRATAMENTO DO CABELLO

Restauração — Renascimento — Conservação

PELA

Loção Brilhante

PATENTE N. 5738

Formula Scientifica do Grande Botanico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

Approvada e licenciada pelo Departamento Nacional da Saude Publica pelo Decreto n. 1218 de 6 de Fevereiro de 1928

Recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do Extrangeiro

A LOÇÃO BRILHANTE É O MELHOR ESPECIFICO INDICADO CONTRA:

Quéda dos cabellos — Canicie — Embranquecimento prematuro — Calvicie precóce — Caspas — Seborrhéa — Sycose e todas as doenças do couro cabelludo.

CABELLOS BRANCOS Segundo a opinião de muitos sabios, está hoje completamente provado que o embranquecimento dos cabellos não passa de uma molestia. O cabello cahe ou embranquece devido á debilidade da raiz.

A **Loção Brilhante**, pela sua poderosa acção tonica e antiseptica, agindo directamente sobre o bulbo, é, pois, um excellente renovador dos cabellos, barbas e bigodes brancos ou grisalhos, devolvendo-lhes a côr natural primiva, sem pintar, e emprestando-lhes maciez e brilho admiravel.

CASPAS — QUÉDAS DOS CABELLOS Multiplas e variadas são as molestias que atacam o couro cabelludo dando como resultado a quéda dos cabellos. Dastas, a mais commum são as caspas. A **Loção Brilhante** conserva os cabellos, cura as affecções parasitarias e destróe radicalmente as caspas, deixando a cabeça limpa e fresca.

A **Loção Brilhante** evita a quéda dos cabellos e os fortalece.

CALVICIE Nos casos de calvicie com tres ou quatro semanas de applicações consecutivas começa a parte calva a ficar coberta com o crescimento do cabello. A **Loção Brilhante** tem feito brotar cabellos após periodos de allopecia de mezes e até de annos.

Ella actua estimulando os folliculos pilosos e desde que haja elemento de vida os cabellos surgem novamente.

SEBORRHÉA E OUTRAS AFFECÇÕES Em todas as alopecias determinadas pela seborrhéa ou outras doenças do couro cabelludo os cabellos cahem, quer dizer, despegam-se das raizes. Em seu logar nasce uma penugem que segundo as circumstancias e cuidado que se lhe dá cresce ou degenera.

A **Loção Brilhante** extermina o germen da seborrhéa e outros microbios; supprime a sensação de prurido e tonifica as raizes do cabello, impedindo a sua quéda.

TRICHOPTILOSE Ha tambem uma doença, na qual o cabello, em vez de cahir, parte. Póde partir bem no meio do fio ou póde ser na extremidade, e apresenta um aspecto de espanador por causa da dissociação das fibrilhas. Além disso, o cabello torna-se baço, feio e sem vida. Essa doença tem o nome de trichoptilose, e é vulgarmente conhecida por cabellos espigados. A **Loção Brilhante**, pelo seu alto poder antiseptico e alimentador, cura-a facilmente, dá vitalidade aos cabellos, deixando-os macios, lustrosos e agradaveis á vista.

VANTAGENS DA LOÇÃO BRILHANTE

1.º — E' absolutamente inoffensiva, podendo, portanto, ser usada diariamente e por tempo indeterminado, porque a sua acção é sempre benefica.

2.º — Não mancha a pelle nem queima os cabellos, como acontece com alguns remedios que contêm nitrato de prata e outros saes nocivos.

3.º — A sua acção vitalizante sobre os cabellos brancos, descorados ou grisalhos começa a manifestar-se 7 ou 8 dias depois, devolvendo a côr natural primitiva gradual e progressivamente.

4.º — O seu perfume é delicioso, e não contém oleo nem gordura de especie alguma que, como é sabido, prejudicam a saúde do cabello.

MODOS DE USAR

Antes de applicar a Loção Brilhante pela primeira vez é conveniente lavar a cabeça com agua e sabão e enxugar bem.

A **Loção Brilhante** póde ser usada em fricções como qualquer loção, porém é preferivel usar do modo seguinte: Deita-se meia colher de sopa, mais ou menos, em um pires, e com uma pequena escova embebida de **Loção Brilhante** fricciona-se o couro cabelludo bem junto á raiz capillar, deixando a cabeça descoberta até seccar.

PREVENÇÃO

Não acceitem nada que se diga ser a «mesma coisa» ou «tão bom» como a Loção Brilhante.

Póde-se ter graves prejuizos por causa dos substitutos.

PENSE V. S. em ter novamente o basto, lindo e lustroso cabello que teve ha annos passados.

PENSE V. S. em eliminar essas escamas horriveis que são as caspas.

PENSE V. S. em restituir a verdadeira côr primitiva ao seu cabello.

PENSE V. S. no ridiculo que é a calvicie ou outras molestias parasitarias do couro cabelludo.

Nada póde ser mais conveniente para V. S. do que experimentar o poder maravilhoso da **Loção Brilhante**.

Não se esqueça. Compre um frasco hoje mesmo. Desejamos convencer V. S. até á evidencia, sobre o valor benefico da **Loção Brilhante**. Comece a usal-a hoje mesmo. Não perca esta opportunidade.

A **Loção Brilhante** está á venda em todas as drogarias, pharmacias, barbeiros e casas de perfumarias. Si V. S. não encontrar Loção Brilhante no seu fornecedor, córte o coupon abaixo e mande-o para nós, que immediatamente remetteremos, pelo correio, um frasco desse afamado especifico bacillar.

Unicos cessionarios para a America do Sul:

ALVIM & FREITAS — Rua Wenceslau Braz nº. 22-sob. S. PAULO. — C. Postal. 1379.

COUPON (F. - F.)

Srs. ALVIM & FREITAS — Caixa 1379 — S. Paulo

Junto lhes remetto um vale postal da quantia de réis 8$000, afim de que me seja enviado pelo correio um frasco de LOÇÃO BRILHANTE.

NOME ....

RUA ....

ESTADO ....

CIDADE ....

O que nem todos sabem

Os olhos de um animal só podem trabalhar juntos quando por sua collocação, conseguem olhar um objecto ao mesmo tempo. Por esse motivo, os olhos dos peixes trabalham com mais ou menos independencia.

Alguns lagartos têm, no alto da cabeça, um olhar que não funcciona em harmonia com os outros dois.

As abelhas têm dois grandes olhos compostos, que no possivel se auxiliam mutuamente e servem para a visão proxima. Para a visão longinqua, esses insectos se servem de outros tres olhos simples, que possuem perto do alto da cabeça.

Na ilha Mauricio ha uma grande plantação de canna de assucar. A canna é conduzida para as fabricas, onde se prepara o assucar, em trens. Quando estes passavam pela matta onde estavam os macacos que os francezes trouxeram para a ilha, os espertos animaes punham um macaco de sentinella para que elle avisasse aos outros quando o trem viesse a certa distancia. Nessa occasião todo o bando, que estava prevenido, saltava no comboio e dava um saque em regra nas cannas. O director da estrada teve que tomar uma providencia e mandou que em cada carro ficasse um guarda, com carabina, para impedir o roubo dos simios.

Quando Freude era joven, á doutrina de Darwin o seduzia vivamente. Mas não foi isso o que decidiu sua vocação: foi uma conferencia que ouviu sobre o ensaio de Goethe a respeito da natureza e que o impelliu para a medicina.

Foi descoberto, ha pouco, em Uaxactum, na Guatemala, por uma expedição do Instituto Carnegie, de Washington, uma pyramide que, construida ha dois mil annos, deve marcar o inicio da civilização dos Mayas, na America Central.

Esse monumento, cuja base quadrada é de 26 metros, mede 7 metros e 63 centimetros de altura. Em cada uma de suas faces ha uma escada ladeada de enormes mascaras, umas representando grotescas cabeças humanas e outras cabeças de serpentes ameaçadoras vigiando o accesso á pyramide, cujo conjun-to é nitidamente pre-maya.

As figuras e mascaras de argil[...] desse monumento são semelhantes ás encontradas nas altas regiões da Guatemala e do Mexico.

As pessoas que soffrem de respiração difficil devem ter o cuidado de dormir deitadas de costas, o mais horizontalmente possivel. Não se cobrirem com pesadas cobertas, nem tampouco devem cruzar os braços sobre o peito, pessimo costume em qualquer circumstancia. E' um erro tambem suppor que se descansa melhor sobre um monte de travesseiros para facilitar a respiração durante o somno.

Os ovos de tartaruga, arrancados das covas ou retirados do proprio seio do animal, após sacrificado, representam alimento appetitoso e substancial, crús, cozidos ou moqueados.

Servem de base a pratos especiaes, sob as mais variadas formas, em toda a Amazonia. Delles se aproveitam, tambem, largamente, a manteiga e o oleo.

SABONETE
Dorly
PERFUMARIAS LOPES
RIO
SÃO PAULO
Dorly
Preço por Preço, é o melhor
E AINDA SUPERIOR A OUTROS MAIS CAROS
Á venda em todo o BRASIL

O Bahú

QUANDO Genoveva Hupont, toda rosada ainda de tennis e de dança, voltou á villa paterna, o senhor Hupont a recebeu mal humorado.

— Durante as férias — disse-lhe elle — levas uma vida de...

— Uma vida de férias! — concluiu Genoveva.

— Quem diz férias não diz pão de cadeira! No dia em que danças não precisas jogar o tennis. Hei de observar-te, além do mais, que és vista muito co' nesse leguelé de jaqueta... Como é que se chama elle mesmo?... Ah! André?... Qual é o seu segundo nome, por favor?

— Lirelobot.

— Como um lobo?

— Com um t final!

— Oh que horror. Dizem que não paga a ninguem.

— Pois é um rapaz e tanto.

— Muito bonito, hein?

— Além disso, amanhã vae embora.

— Tanto melhor.

— Acaso te fez alguma cousa.

— E'-me inteiramente antipathico...

— Até seu nome é esquisito: Lirelobot. Que nome!

— Que injusto que és!

— Meu Deus, papae! Como estás espirituoso, hoje!

— Vaes chorar agora?

— Eu não choro...

— Ora, isso é mais sério do que eu imaginava... E como é impossivel contar com tua mãe, que acha maravilhoso tudo o que achas bom, conversemos, minha filha.

E o senhor Hupont falou. Apesar de seu esforço por tratar o joven Lirelobot com indifferença, o havia observado profundamente. Ha casos em que um pae que exerce vigilancia deve ser mais que um policia. Que esse elegante se haja installado em um hotel de terceira categoria, vá. Nada mais natural para um moço de vinte e cinco annos que faz vagos estudos de direito, apesar de se ver destinado á literatura e que tenha composição musical para o caso de suas tentativas de pintura ficarem incomprehensiveis...

— Mas esse trajar tão luxuoso não te causa espanto? Não te parece grotesco?

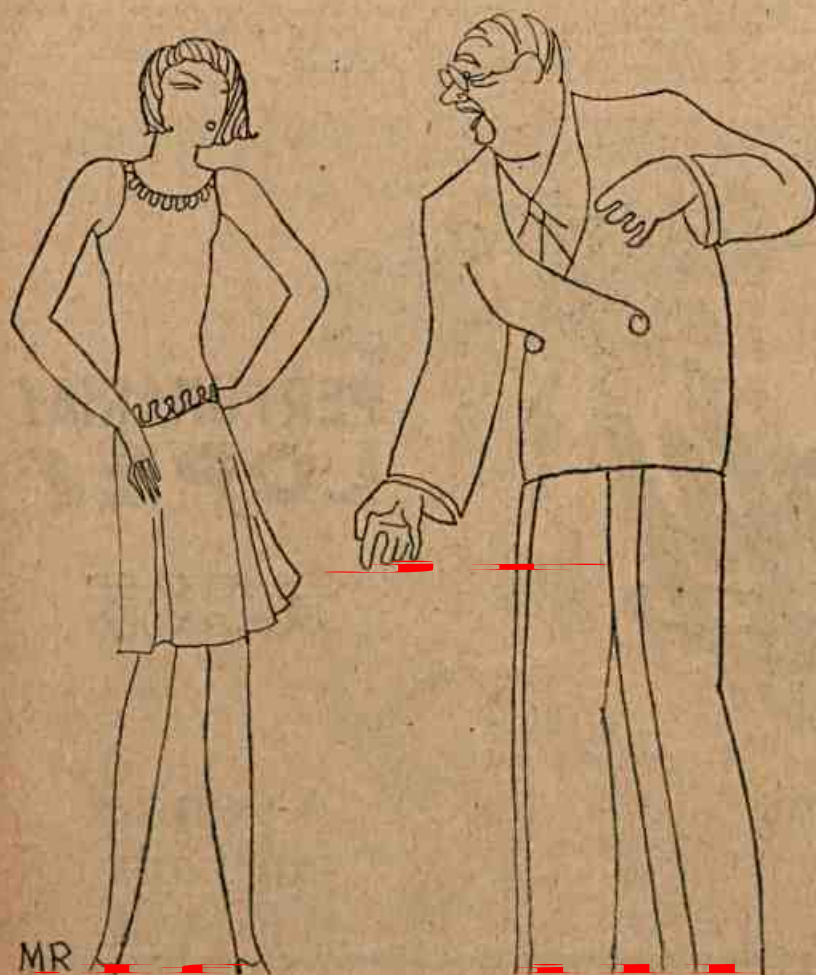
— Não póde ser presumido?

— Sim, sim.

— De smoking está muito correcto.

— Naturalmente, por isso que não póde fazer tardar em seu paletót galões de côr ou acrescentar uma tira dourada ás calças... Mas, que me dizes dos trajes de banho e dos pyjamas? Temos na praia millionarios estrangeiros que não possuem nem a quarta parte... E são estrangeiros! E nada mais nada menos que millionarios!... Ha dias, chegou, em um esplendido *yacht*, um dos maiores fabricantes de cerveja do mundo inteiro. Pois bem. Parece que ficou tão maravilhado com a malha de banho do senhor Lirelobot, que lhe pediu o endereço de seu camiseiro. Isso, porventura, te parece serio e digno de um futuro pae de familia? Tem quatro kimonos de sêda: um violeta, um negro e vermelho, um amarello e outro branco. Possue, além disso, seis sahidas de banho...

— Até parece que és tu quem lhe faz o rol da lavadeira...

— Seis sahidas de banho, uma dellas cubista e outra chineza... E não admiraste sua collecção de

écharpes? Tem para todas as circumstancias e para todas as horas. Quanto a suas camisas, causam sensação, isto eu te asseguro. São, a um tempo, graciosas e atrevidas... E que punhos! E que collarinhos!...

— Falou-me de philosophia, e fala disso maravilhosamente.

— Que entendes de tudo isso?... Emfim, eu não quero esse manequim em nossa casa em Paris.

— Ora, os outros se occupam tanto quanto elle de suas camisas, com a unica differença que lhe ficam mal. Eis tudo!

— E' possivel. Mas, evitem convidal-o. Do contrario, eu me encarregarei bem depressa de desillidil-o. Ouves?

Genoveva derrama lagrimas e sua mãe a consola e anima, para que a filha não ceda.

— Teu pae é um tyranno. Sempre me martyrizou, bem o sabes. Seria capaz de fazer, em publico, uma desfeita ao senhor Lirelobot...

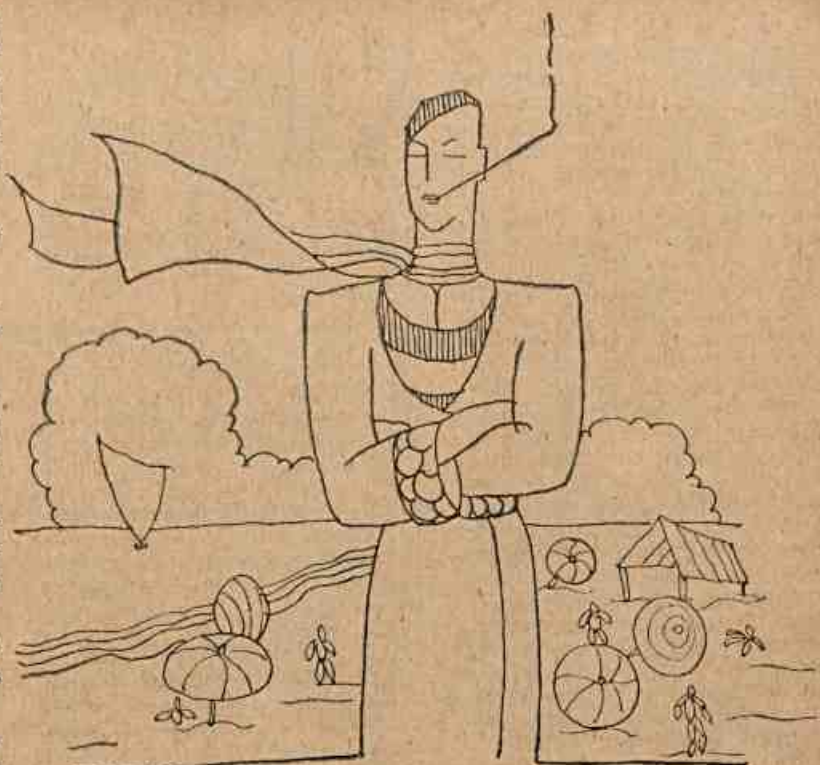
E pensar que esse moço devia vir hoje despedir-se de nós.

— Vou escrever-lhe dizendo-lhe que teu pae está um pouco indisposto e que, por conseguinte, iremos nós duas despedir-nos delle em seu hotel, á hora da partida.

A's seis da tarde, a senhora Hupont e Genoveva vêem sahir o joven Lirelobot mui sobriamente vestido. Esse elegante, que revolucionou a praia inteira, não é, agora, mais do que um simples viajante vestindo traje escuro, e de gorro.

— Vê? — diz Genoveva a sua mãe. — Ostenta agora um uniforme mais serio.

"Ah! — pensa a jovem, com pesar — si estivesse mais discreto em pyjama e em traje de banho, talvez houvesse parecido mais sympathico ao tyranno..."

E nesse momento, como por telepathia, ao evocar seu pae, se lhe depara a silhueta quadrada e burgueza do senhor Hupont em pessôa armado de seu mais glacial sorriso. Todo mundo fica perturbado, notadamente o moço, que sente hostil o senhor Hupont e que, mal o vê, perde sua magnifica esperança.

— Estas senhoras — explica Lirelobot — tiveram a gentileza...

— Vae partir o senhor? — interrompe o senhor Hupont.

— Sim, senhor. Dentro de alguns minutos.

— Perfeitamente.

Nesse momento, chegou um carregador com um enorme bahú coberto com esplendido forro verde claro com as iniciaes: *A. L.* O carregador procura collocar o bahú sobre o tecto do auto-omnibus. Produz-se a catastrophe: o bahú cae, violentamente, ao chão, e o forro, que se rachou quasi totalmente, deixa apparecer... que? Ora, um desses monumentos horriveis e impressionantes, tal como se vê em certos camboleiros de provincia: um bahu de familia todo carcomido e complicado ainda com um revestimento de humidade, os pregos sobresahidos e tudo deslocado. O maravilhoso forro, tão moderno, cobria um movel construido ha seculos, que só um accidente tão brutal podia compromettter. O senhor Hupont humanisa-se... Pensa que, afinal de contas, este é, talvez, um symbolo, e que as mais excentricas elegancias escondem, muitas vezes admiraveis virtudes... Mas, de repente, pela tampa entreaberta, sahem os enjoados pyjamas, as delirantes *écharpes*, os vertiginosos trajes de banho e os kimonos muito graves... O senhor Hupont olha tudo aquillo com verdadeiro desdém.

Lirelobot comprehende, então, unindo os talões e, adoptando uma *pose* de soldado sem armas, vermelho como um menino, balbucia esta confissão:

— Papae tem casa de artigos finos para homem!

Vencido, o senhor Hupont acaba dizendo:

— Esperamos sua visita em nossa residencia, em Paris!

M. C.

Henri Duvernois

ANNA LUCIA, (Capital)—Creio que uma pessôa que liga um telephone para outra, para lhe dizer desamabilidades e em seguida bater-lhe o apparelho, não tem o direito de se dirigir a essa mesma pessôa, para lhe testemunhar admiração — somente para lhe merecer um obsequio.

O "sacco mysterioso da vida" só me tem trazido decepções. Só tenho encontrado deante de mim egoismo, deselegancia e ingratidões. Principalmente do lado feminino. Por que então é que hei de ser um eterno abnegado da causa dessas expoentes da egolatria?

Sou extremista. Não supporto as medianias, isto é, as attitudes medianas e intermedias. Quem não é por mim, é meu inimigo. Agora, accommodar-me a uma amisade — hypocrita, sem duvida! — que só deseja de mim aquillo que lhe posso dar, no sentido de vel-a engrandecer-se aos olhos de outrem — é ridiculo a que jamais me darei.

Perdôe a minha franqueza: mas não acceito a sua admiração, nem me envaideço com o juizo favoravel que faz de minha mentalidade. Prefiro a guerra leal, declarada, á traição risonha e solerte.

SOUZA PASSOS, (?) — Sr. Souza Passos, o seu conto *Cabellos curtos* está bem realisado. Mas não é literatura para uma revista elegante e decente como o *Fon-Fon*. Elle fica ás mil maravilhas nessas publicações pornographicas que a policia apprehende, com estrépito, nos engraxates da cidade...

SAGRARIO, (S. Paulo) — Muito agradecido pela defesa que fez de minha pessôa, atacada — na minha ausencia — pelo meu collega do jornal de S. Paulo.

A V. Ex., que não entende de imprensa, nem sabe o que seja o despeito do "official do mesmo officio", póde parecer injusto e extemporaneo o ataque que o tal poeta e jornalista pertencente á "nova escola" me fez. Mas a mim, que já estou anesthesiado contra essas arremettidas e descomposturas, elle não me surprehende. Conheço bem esses marôtos que a inveja envenena e cujos versos vão sempre para a cesta.

Não sei si o facto de ter nome feito, vale alguma coisa. Mas a verdade é que não se discute o meio pelo qual se faz esse nome; o que se deve discutir, é si o dono desse nome feito teve e tem merito para fazel-o e sustental-o.

Si isso não depende do esforço pessoal e da capacidade mental de cada um, que os invejosos, de vida negativa e obscura, se apeguem aos meios que lhe paracem deselegantes, e façam os seus nomes.

E' muito rudimentar a mentalidade de um literato (!) que dis-

cute o meio, os processos, ou a chance de outro adquirir renome. E' claro que o individuo para se fazer notavel tem de servir-se de um meio qualquer. Agora o que é indiscutivel é o seguinte: si elle fôr um mediocre, um nullo, um vulgar, terá de fracassar fatalmente. Não ha pedestaes de granito ou de bronze que garantam a estabilidade e firmeza das construcções de areia.

Não me admiro das palavras do meu collega de imprensa. Quero recordar aqui o conceito de Horacio, nas *Satiras*: "Dente lupus, cornus tauros petit". E quanto ao mais, só tenho a dizer que, é necessario occupar, primeiramente, o logar do redactor desta pagina, para julgal-o depois.

ALÉM-MAR, (Capital) —Como fazer o exame de sua letra, si não entendo de graphologia?

S., (Capital) — Francamente, já não me recordo mais da resposta que lhe dei. Esta secção é como um film que vae sendo projectado ininterruptamente. As emoções, os factos, as idéas, os assumptos variam de vinte em vinte e quatro horas — espaço de tempo que medeia entre um correio e outro. Isso para não alludir o que chega pela revelação oral, telephonica e pessoalmente falando.

E'-me difficil guardar na memoria o que respondo a este ou áquelle consulente. Salvo si se trata de alguem — homem ou mulher — que me interessa. O homem pela sua camaradagem, a mulher... a mulher... por tantos motivos... Sobretudo si a sua letra me revela um bello caracter e si a sua intelligencia me fascina.

Agradeço-lhe as palavras que me diz. Não conheço o poeta Castro Leite, nem nunca ouvi falar nesse nome.

Como V. Ex. me fala na sua letra — como reveladora dos seus sentimentos de gratidão, — sou sincero em dizer que ella indica hypocrisia e dissimulação.

A letra disfarçada, segundo a graphologia, pertence ás pessoas de má fé — capazes de traições e embustes.

Desculpe a franqueza. Póde ser que, pessoalmente, V. Ex. dê uma impressão excellente de sua pessôa, que devido ao seu ardil, não posso dizer si é homem ou mulher.

M., (Capital) — Aqui está a sua carta côr de gemma de ovo. Côr de gemma de ovo! Imaginem. Mas emfim, ha outros desastres mais deploraveis... Um delles é o de que sou victima ha mezes, com a sua correspondencia.

O caso é este: V. Ex. me escreve todas as semanas. No enveloppe ha este endereço: "Illmo. Snr. Ives — Rua Republica do Perú, 62 — Redacção do *Fon-Fon* — Rio".

Abro a carta, e leio:
"Meu querido Arthur..."

E o texto da carta geralmente trata de uma historia que póde ser com o sultão da Turquia, o rei do Afghanistão, o chefe do governo Sovietico, os esquimós, os negros da Africa, os anamitas, os judeus, os ciganos dos campos bulgaros, os filhos da ilha da Madeira — menos com o redactor de "Saibam todos...". Porque V. Ex. me conta uma historia complicada, cheia de episodios pittorescos, e ao mesmo tempo tragicos. De sorte que chego a esta conclusão: ou algum pandego, que a ama, se faz passar por Yves, embora se chame Arthur, ou V. Ex. está necessitando de conversar com Julliano Moreira.

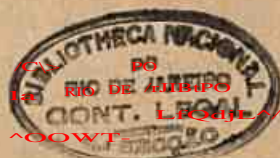
Não perca o seu precioso tempo, madame. Todas as cartas que me envia com o nome de Yves por fóra e Arthur por dentro — vão ter directamente á cesta de papeis.

GAUCHITA, (R. G. do Sul) — Não posso fazer o estudo de sua calligraphia, porque V. Ex. escreveu em papel pautado, quando devia escrever em papel liso, de linho e vinte linhas, no minimo, sob a sua assignatura authentica.

TURQUEZA, (S. Paulo) — Ah! si eu soubesse graphologia, já estaria rico. Bastava cobrar a ninharia de 20$000 por estudo. E' claro, não é? Si esses exames despertam tão grande interesse, sendo gratuitos, é bem de ver que, remunerados, esse interesse não diminuisse. Pelo contrario: as coisas caras têm mais valor.

AFRANIO DE PAULA CORTES, (Capital) — Poeta notavel, a unica homenagem que lhe posso render é publicar as tres primeiras estrophes do seu poemeto.

Publico-as aqui porque nã ome deixaram entrar no *couché* com a sua poesia. O secretario exigiu attestado da Saude Publica, allegando que as *batatas* nella... plantadas, já estavam deterioradas e exhalando emmanações delecterias.

Como vê, a culpa não é minha. Eu até acho que o sr. é um grande poeta... ás avessas... E si as *batatas*

Viajar

Quando viajar a Cavallo, em Vapor, Automovel e Estrada de Ferro, quando fizer viagens ou longos passeios a pé, quando apanhar Sol ou Chuva, toda a vez que molhar os pés, sempre que tomar banhos demorados de mar ou em rio, todas as vezes que levar grandes sustos ou tiver de repente uma grande contrariedade a senhora deve tomar uma Colher de Chá de *Regulador Gesteira* e logo em cima Meio Copo de Agua!

Quando fizer alguma viagem, leve sempre em sua mala alguns Vidros de *Regulador* **Gesteira.**

Com os abalos do vapor ou da Estrada de Ferro, com o sol ou a chuva, molhando os pés, tomando-se banhos muito demorados, levando-se um grande susto ou tendo-se de repente grande raiva ou pezar forte o Utero pode sentir algum desarranjo, que poderá ser principio de uma Molestia Grave!

Por isso é de enorme prudencia e muito util tomar uma colher de chá de *Regulador* **Gesteira.**

Qualquer perturbação do Utero pode dar começo a Molestias perigosas e Males terriveis!

Dançar

Depois de dançar, quando voltar das Festas e dos Bailes ou dos Teatros, depois que passear de Automovel, ao chegar em casa tome sempre uma colher de chá de *Regulador* **Gesteira**

estão deterioradas, a culpa não é do sr., mas do Ministério da Agricultura, que o não ensinou a plantal-as... com uma bôa enxada... nos campos férteis de S. Paulo...

Vamos ás quadras do seu delicioso poema. (*Delicioso*, porque o sr. é cioso delle...) E si depois desse trocadilho, o sr. voltar a escrever versos, é porque é de uma resistencia de bronze.

Quanta tristeza pode o murmurar.
Entreabrindo os lábios innocentes,
No triste desmaiar das tardes quentes
Nos causar!

Que de angustias então se nos revella,
E nos transmuda a conhecida calma;
E o peito soluçando se rebella
E não acalma.

Quanta flôr, inda mal desabrochada,
Ante o árduo calor da indifferença
Perdendo o amôr — doce orvalho da
[crença,
Caia espetalada...

DJÉNANE, (?) — Upa! Aqui vae a sua carta. Ella me é agradavel porque sobre lisonjear a minha vaidade, me faz uma grande justiça que muitos poderiam fazer, mas não têm essa nobreza de alma.

La vae a sua missiva:

Yves. — Escrevo-te n'um desses dias claros de verão, que a memoria deseja reter, para nos alegrar quando o inverno triste e cheio de sombras se approxima.

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Agora mesmo vim de ler as secções "Evanidade..." e "Saibam Todos..." e, como leitora assídua do *Fon-Fon*, agradeço-te os momentos deliciosos que sempre me proporcionas com essas paginas.

O que eu admiro sobremodo no teu escrever, é a maneira de exaltares o sapiente e humilhares o tolo. E's de uma ironia única.

Eu creio que muita razão teve um dos teus consulentes, em te definir assim. "Incorrigivel blaguer que ama ser amado e procura encobrir com a sua mordaz ironia as grandes tempestades de seu espirito.

Nada o prende, tudo o atrai"

Desejava que me mandasse a tua valiosa opinião (não é por méra gentileza que te falo assim) sobre o artigo que te envio. Não é meu, por isso não te peço que o publiques, se o achares bom, não tenho autorização para isso.

A resposta, dirijas a D—jénane.

Não sou uma formosa prisioneira do harem turco, que a imaginação de Pierre Loti, creou em "Les Desenchantées", não, longe disso, sou apenas uma amiguinha tua, que vive no Pará distante, e que aguarda anciosa a tua resposta".

Quanto á série de poemas em prosa do seu namorado, devo dizer que estão escriptos em bom portuguez e com acerto. Não estão maus. São apenas mediocres. Nada encerram de novo e lhes falta essa flamma que o clarão, inconfundivel, dos espiritos que sobresáem por si.

Em summa: é uma literatura banal.

MARIA, (Capital) — Procure os livros de sciencia e literatura, que deseja, na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166.

SANTIAGO DE MERITY, (São Paulo) — O seu conto vae ser publicado. Mas por um triz não foi para a cesta. E' que o sr. mandou o seu original em duas laudas de papel e o final em um terço.

Ora, é claro que, no manuseio a ultima parte se perderia. E é bem de vêr que não poderia publicar um conto sem o seu desfecho.

Ao menos o sr. deveria ter tido o bom senso de pregar as paginas com um alfinete.

Por essa inhabilidade e a inobservancia de certos requisitos indispensaveis a technica da imprensa é que muitas collaborações bôas vão ter á cesta.

O nosso tempo é precioso e não

BLANCHEUR ·
DOUCEUR ·
PURETÉ ·
DE LA
BLANCHE
COLOMBE ·
DE BEAUTÉ GIBBS
CRÈME
DE
BEAUTÉ
POUDRE
DE
BEAUTÉ
GIBBS
P. THIBAUD ET Cie, 22 RUE DE MARIGNAN, PARIS.

podemos perdel-o com pequeninas coisas.

Outrosim: de outra vez tenha a delicadeza de não me escrever em retalho de papel. E' pouco gentil essa attitude. De resto, não costumo incluir récortes epistolares entre as cartas que me dirigem.

Depois, os srs. me descompõem e acham que só recebo em sympathia as cartas perfumadas das paulistas... Mas é que as paulistas não commettem *ratas* dessa natureza.

ENEIDA, (Capital) — Para se fazer o estudo de uma graphia qualquer é necessario:

I — Revestir-se de coragem para ouvir a revelação dos seus defeitos; II—Escrever em papel de linho liso, vinte linhas no minimo; III — Não alterar a fórma da letra; IV— Escrever em estado de repouso e em posição normal; V — Enviar a assignatura authentica. Sem isso, o estudo ficará incompleto e, portanto, imperfeito; VI — Não descompôr o graphologo pelas verdades que elle revelar; VII—Ter em memoria que o exame de uma letra — o que parece facil ao leigo, em virtude de ser como o ovo de Colombo — é um trabalho penoso, que requer paciencia, criterio e conhecimento da sciencia graphologica; VIII — Fazer estudos graphologicos gratuitamente, e receber a "remuneração" dos desafôros com que o consulente costuma "pagar" ao graphologo não é um negocio da China...

E agora, até sabbado.

GILBERTO GONZAGA, (S. Paulo) — O sr., meu caro poeta, é de uma ingenuidade pasmosa. Suppõe mesmo que eu tenha tempo de procurar o seu soneto, entre centenas e centenas, para descobrir aquelle que traz o seu pseudonymo e adaptar-lhe o seu nome authentico?

E' muito ingenuo, o sr., meu illustre poeta. Ingenuo e inhabil!

O sr. não me diz de onde é que me escreve. Dá apenas o Estado: São Paulo. Mas quero crêr que reside ahi para alguma cidade do interior, cuja existencia decorre numa pasmaceira angustiante, entre o falar mal da vida alheia, á porta do boticario, do padre, ou do *seu coronel*, — o chefe politico local,— a missa dominical, a retreta no pavilhão do jardim, os bailes na Sociedade Recreativa e Dansante dos Filhos de Euterpe e o anseio infinito de "ser poeta" nas horas vagas...

Mas aqui no Rio a vida é trepidante. A gente não tem tempo senão para ganhar a vida, heroicamente, sem se lembrar, muitas vezes a hora do jantar — sempre retardado — o menú do almoço.

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Si o sr. não tem coragem de enfrentar os embates da vida literaria, por que então essa velleidade de certas tentativas poeticas — sob anonymato? Para dar trabalho aos outros?

Faça como o encarregado desta pagina: assume inteira responsabilidade por tudo quanto assigna. Ainda mesmo que tenha de enfrentar o batalhão de poetastros que me deseja torcer o pescoço como se faz aos gallinaceos a bordo...

CLÉO, (S. Paulo) — Ahi está! V. Ex. não deixa de ter espirito... desengarrafado, á hora de servil-o, no banquete das letras... humoristicas... Mas não concordo com V. Ex., quando me attribue aquelle cacophaton: *como ella (com moella)* E' verdade que tal assonancia é hoje perfeitamente admissivel, uma vez que não ha meio de evital-a, e deve correr por conta da construcção syntatica da lingua que falamos. A estabelecer rigor para ella teremos que empobrecer o portuguez ou encaroçal-o, á maneira dos grammaticos.

Quanto ao conceito que se encerra em seu verso, devo accentuar que não me admira vêr uma pequena, como V. Ex., com moella. Aliás, a maioria das "pequenas" de hoje se caracterisa pela capacidade estomachica, quer dizer, — comem como um Gargantua, e bebem... licôr e chopps... nas festas e bailes, como um Pantagruel.

Assim, podemos dizer que a sua intelligencia está no estomago — que corresponde a uma ampla moella: — na cabeça trazem um estomago que não diggére senão idéas abtrusas... com *batatatas*...

Vamos agora desarrolhar a garrafa de barro do seu espirito...:

"Presado Yves, Saudações. "Tengo un amor que me enlouquece", e faço questão que todos o saibam.

"Cantando espalharei por toda a parte", se a tanto me ajudar o Yves do *Fon-Fon*, publicando os meus versos.

Não são perfeitos, mas tambem não estão de todo máos. São nascidos d'alma e do coração.

Eil-os:

Vittorino, Vittorino,
Meu amor, minha paixão,
Somente a fitar teus olhos,
Faz pulsar meu coração!

N'uma tarde de Novembro
Eu fui com elle passear:
Elle foi todo de branco,
Eu de verde côr do mar.

Seus cabellos são castanhos
E os olhos da mesma côr.
Os dentes são alvos, alvos...
Elle só inspira amor!...

Vittorino, meu amigo,
Logo que eu tenha ensejo,
Eu te juro, Vittorino,
Hei de te dar um beijo.

Imagina só a inveja
Do snr. Bastos Portella.
Co mcertesa elle dirá:
"Ai, uma pequena como ella!!!...

Yves, muito obrigada, e não fique zangado com o meu gracejo.

No fim do mez mandar-lhe-ei um caixão de mangas espada.

Meu nome é...
mas peço-lhe responder para

CLÉO"

Com certeza, depois do meu commentario, V. Ex. não me mandará mais o caixão de mangas "espada" nem mangas... "facão"...

Que "punhalada" para mim! Mas não tem nada: demos um "tiro" nesta historia, com o "revólver" da nossa bôa amisade, e está tudo acabado. Si com tantos trocadilhos hediondos eu não levar "bomba", e fôr approvado com distincção, é claro que me animarei a lhe dar uma "facada", pedindo-lhe um caixão de mangas "canivetes", sem me incommodar que V. Ex. e os poetas d'agua doce, mettam a "tesoura" na minha pelle... E por favor não me dê uma "cutelada"!

Que "cutelaria" sinistra!

MINEIRA, (Minas) — A livraria que lhe posso indicar é a Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166. Nesse estabelecimento encontrará todos os livros que deseja adquirir

---

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú', 62
Caixa Postal 97 — Telephone
Central 4136.

FON-FON — 32-11-1929

Nome do consultante ....

....

Data da consulta ....

Quando não lhe for possivel comparecer ás elegantes reuniões do hippodromo

ouça a excitante descripção das corridas no seu proprio lar por meio de uma Radiola RCA

RCA

Sem esta marca não é Radiola

O ar está repleto de esplendidos e interessantes programmas de opera, "jazz," composições musicaes dos eternos classicos, esportes, acontecimentos politicos e informações sobre o mercado. A nova serie de Radiolas RCA offerece a V. S. todos os ultimos aperfeiçoamentos da industria do radio actual.

V. S. receberá melhor esses fascinantes programmas se possuir uma Radiola RCA legitima, o instrumento magistral que é fabricado pela empresa de radio mais importante do mundo.

RADIOLA DIVISION RADIO-VICTOR CORPORATION OF AMERICA
233 BROADWAY, NOVA YORK, N. Y., E. U. A.

RADIOLA

PRODUCTO DOS FABRICANTES DE RADIOTRONS

As Mãos de Heitor

De LUIS FRANCE

APÓS a ultima badalada com que o trem annunciava sua partida, chegou até Heitor o rumor deslocado de uma palestra e, com o abrir da portinhola, um perfume e o harpejo de uma voz.

A joven, com a cabeça fóra da janella, recebia as ultimas recommendações familiares. Alguem, sem duvida o pae, lhe recommendava formalidade. A moça ria. Depois era a mãe que, com voz tremula, lhe pedia tivesse cuidado comsigo mesma, e não fosse adoecer longe da familia. E previstos pelos paes os dois perigos, a conversação adquiria um tom tristonho, habitual nas despedidas, e ao qual poz termo a lenta marcha do trem.

Heitor, com os olhos fechados, observava. A joven se deixára cahir no assento. Suspirou profundamente. Enxugou, dissimuladamente, algumas lagrimas, e poz a cabeça para trás, tentando retel-as. Só então viu o companheiro de viagem que lhe tocára por sorte.

Alto, pallido, muito branco e loiro, Heitor é, até para o observador mais detalhista, um verdadeiro individuo de selecção, um *pur-sang*. Parece dormir profundamente. Ella se põe a contemplal-o com mal encoberta curiosidade, attrahida pela finura quasi enfermiça de seus traços, pela transparencia de sua pelle. Elle baixa os seus olhos. Ella baixa os seus, ruborizada. Guarda o lenço, encerrando na carteira seu intenso perfume evocador. Arruma sua maleta. Faz todas aquellas cousas desnecessarias que occultam e descobrem, a um tempo, paradoxalmente, nas mulheres, seu desejo de chamar a attenção. Mas Thereza tropeça nesse caso com a passividade absoluta de Heitor. E, já picada ante o que toma por uma impertinencia de moço aristocrata, pregando os labios em uma careta de desdem, se volta para a contemplação da paizagem, que, erma e desolada naquella altura, não póde reter durante muito tempo sua attenção.

Thereza finge, deante da cara de pedra de seu companheiro de viagem, um ar displicente. Mas contempla de soslaio as mãos que até então não vira. Mãos longas e afiladas, mãos de moça e que desmentem, com uma palpitação angustiosa de vida propria, a serenidade de seu dono. Thereza, em audaz exploração da verdade, contempla o desconhecido, que parece não vel-a, e, definitivamente attrahida por suas mãos, esquece, deante dellas, seus pequenos rancores de vaidade.

Desde esse momento as mãos de Heitor falam, se isolam do resto de sua pessoa, dizem de tortura, de ansiedade, de dôr... Uma vaga angustia se apodera de Thereza, que, desejosa de romper essa obsessão, roga gentilmente a seu companheiro de viagem que feche a janella.

— Perdão — responde elle — mas não sei fazer o que v. ex. me pede.

— Não sabe fechar uma janella? — repete, assombrada, Thereza.

— Não, senhorita...

E vacilla um pouco, para em seguida ajuntar:

— Mas posso chamar alguem para fechal-a.

— Obrigada — replica a moça. — Tentarei fazel-o. Espero ter mais sorte que o senhor.

Thereza fecha facilmente a janella, e, envolta em uma hostilidade desdenhosa, procura repellir a silenciosa supplica das mãos.

Elle novamente fechou os olhos, e ella julga descobrir na impassibilidade do desconhecido um pouco de amargura.

A compaixão e a curiosidade fizeram sempre os melhores caminhos para chegar ao coração de uma mulher. Acrescente-se a isso um pouco de aborrecimento e não é de estranhar que seja Thereza quem, ao passar o trem por um povoado humilde, exclame:

— Que terra fria! Não acha o senhor?

— Não sei — diz Heitor.

E, sorrindo levemente, pela primeira vez, ajunta:

— Quer emprestar-me seus olhos, quer dizer-me como vê as cousas ao passar? Sua sensibilidade renovará minhas impressões e eu lhe agradecerei immenso semelhante favor.

Thereza accede gostosamente ao pedido inesperado e, qual um passaro canoro, enche o vagão de risos e palavras. Elle a escuta avidamente. Ha momentos em que fecha os olhos. Ella se detem. A' meia voz elle roga:

— Continue.

E, sem esforço algum, Thereza o satisfaz. Entre os desconhecidos de ha duas horas se estabeleceram mil laços de cordialidade e sympathia.

— Faltam duas estações para o fim da viagem — diz Thereza.

Elle parece sinceramente penalizado.

— Posso esperar que não conserve uma recordação desagradavel de mim? — pergunta-lhe.

— Desagradavel? De modo algum! — responde ella, vivamente.

— Desejava fazer-lhe uma supplica. Mas, depois do que me disse, não me atreve.

— Vejamos de que se trata — exclama Thereza.

— Queria pedir-lhe me permittise estreitar-lhe as mãos.

— Aqui as tem...

E, dizendo isso, com um franco movimento de entrega, dá Thereza suas mãos ao desconhecido.

Titubeiam no ar as mãos de Heitor, até que conseguem encontrar as della. Então se renova a primeira impressão. As mãos delle falam, pedem com tão imperiosa doçura, que ella se sente estremecida. Refaz-se e procura repellil-as. E' uma força muda que chega até a dôr e que ella supporta sorridente, desejando evitar o ridiculo.

Elle opprime cada vez mais. As joias se incrustam nos dedos della, que não póde conter uma exclamação dolorosa:

— Perdão! Machuquei-a — murmurou elle.

Ella, fortemente contrariada, não responde.

— Perdôe-me — insiste elle. — Desejava conservar de v. ex. uma recordação mais preciosa... Seu nome, seu perfume e sua voz não me bastavam. Agora não

REO*

OPTIMA ACÇÃO MOTRIZ EM TODOS OS CASOS

OS carros *"Reo Flying Cloud"* devem a sua brilhante reputação não só á sua excellente acção motriz, como tambem á elegancia, estylo e excepcional commodidade que os distinguem, alliados a uma resistencia a toda a prova.

O motor REO de seis cylindros fornece acceleração rapida e uma força motriz mais do que sufficiente para vencer qualquer estrada ou declive.

A embrayage de um só disco com o mancal de encosto com rolamentos de espheras, contribue para a facilidade, rapidez e silencio com que são feitas as mudanças de velocidade do REO.

O equilibrio perfeito do chassis — uma das caracteristicas importantes do REO — evita o balançar incommodo, seja qual fôr o estado da estrada ou a velocidade da marcha.

Além d'isso, a acção macia e positiva dos potentes freios hydraulicos de expansão interna ás quatro rodas, proporciona inteira segurança e absoluto dominio do carro em quaesquer circumstancias.

* *REO são as iniciaes de Ransom E. Olds, um dos pioneiros da industria automobilistica, um dos fundadores da REO MOTOR CAR COMPANY e actualmente presidente da directoria da dita firma.*

Distribuidores para o Sul e Centro do Brasil

S. A. IMPORTADORA DE AUTOMOVEIS

Alameda Cleveland, 49-53 — S. Paulo

Agentes Authorisados

SERGIO PEREIRA & CIA.

Rua Mariz e Barros, 338 — Rio de Janeiro

AS MÃOS DE HEITOR

(Conclusão)

poderei nunca dar a mão a ninguem sem recordar as suas. Procural-a-ei no éco de outras vozes, na alegria de outros risos.

— Muito bonito — diz ella. — Mas, senhor observador, antes da voz e do perfume, está a cara, e creio que depois de olhar-me um pouco não é tão facil confundir-me.

— Acredito sinceramente. Os que têm a ventura de ver não poderão confundil-a. Mas, não notou ainda que sou cego?

Um impulso generoso leva Thereza para junto de Heitor.

— Amigo! ... — diz-lhe ella.

Suas mãos se encontraram novamente.

Ella nada pergunta, temerosa de ferir a susceptibilidade do invalido.

— Foi na guerra — diz elle, que parece ler através de suas mãos. — O estalido de uma granada me deixou cego para sempre.

— Não ha esperanças? — pergunta ella.

— Nenhuma. Tentou-se tudo. E devo á minha pobre mãe esta resignação para viver em que v. ex. me encontra. Quando estou muito desesperado, põe ella seu rosto entre minhas mãos, e, por sentil-a sorrir sob a caricia de meus dedos, domino minha dor. Outras vezes, ella beija meus olhos inuteis com tão apaixonada ternura, que junto de seu amor minha desesperação desapparece.

Theresa tira rapidamente o chapéo e põe seu rosto nas mãos de Heitor. Este estremece e percorre, com uma lentidão avida de detalhes, o rosto de sua amiga. Os dedos passam pela suavidade de suas faces, procuram a linha dos labios, o angulo do nariz, acariciam os olhos, a fronte, perdem-se depois na frondosidade dos cabellos... As mãos tremem cada vez mais.

O trem pára. Theresa terminou sua viagem. Mas, antes de descer, se inclina sobre os olhos de Heitor, que estão cheios de lagrimas, e os beija em silencio.

M.

A SUICIDA

por RENÉ PUJOL

A mulher se balançava no espaço, movida pelo vento. Enforcára-se num forte galho da arvore mais robusta do Jardim Botanico. A corda opprimia-lhe pouco o pescoço, e a mulher, embora sentisse um grande peso na cabeça, não conseguira seu proposito de morrer.

Um cavalheiro que passava tranquillamente, fumando um cigarro, por aquelle logar, viu aquella mulher que, com uma careta trocista, lhe estirava a lingua.

Não se offendeu por isso. Tinha um coração de ouro, e o que fez foi puxar rapidamente uma navalha e cortar a corda.

A mulher cahiu em seus braços. O cavalheiro aguardou que aquella desesperada pudesse respirar. Dentro de alguns minutos, ella lhe disse:

— Que mal o senhor me fez, cavalheiro!

— Por que?

— Porque tenho motivos poderosos para matar-me, e salvando-me, longe de fazer-me um favor, me causa um grande transtorno. O senhor deve comprehender que, quando uma pessôa se suicida, é porque tem motivos grandes para deixar este mundo.

— Permitta-se, senhora — respondeu o cavalheiro — que lhe diga que o que fez é excessivo. Não é preciso que a gente tome, sem reflectir, resoluções tão definitivas. A senhora é joven, e na sua idade, tudo se remedia. Algum contratempo amoroso, não é verdade?

— Não, senhor.

— Perda de dinheiro?

— Tambem não.

— Enfermidade incuravel?

— Não.

— Então, que occorreu á senhora?

— Cavalheiro, sou cantora. Não o digo por elogio, mas tenho a voz mais bonita do mundo. Dou as notas mais altas com a mesma facilidade com que o senhor subiria de elevador ao ultimo andar do edificio d'"A Noite". Pois, apesar do thesouro que tenho na garganta, não acho quem me contracte. Sou victima da fatalidade. Nada mais espantoso do que ter um grande talento e não poder mostral-o em publico. Por isso quero abandonar este valle de lagrimas.

Ao terminar a quasi suicida tão triste narrativa, o cavalheiro sorriu.

— Tranquillise-se, senhora — exclamou. — A Providencia envia-me aqui para salval-a. Sou precisamente director de uma companhia de opera, e ando á procura de uma cantora. Vê como tudo se arranja neste mundo? Cante um pouco, e está contractada.

— Cavalheiro! — balbuciou a mulher. — Estou tão emocionada! Mas não importa. Vou cantar a aria de Martha. Verá a pureza de emissão, a qualidade de meus agudos, meu registro médio, excellente...

Quando terminou, houve um silencio demorado.

— Que lhe parece minha voz? —

— Que [illegible]

perguntou a quasi suicida.

O cavalheiro não respondeu. Apanhou os dois pedaços da corda que havia cortado. Amarrou-os, fazendo um desses nós marinheiros, que resistem aos esforços mais violentos, e poz a corda assim nas mãos da mulher...

— Adeus! — disse.

E afastou-se rapidamente, sem se voltar.

O NOVO CHRYSLER "70"

ULTRAPASSA ATÉ MESMO O MELHOR CHRYSLER DE OUTR'ORA

NOVO SEDAN ROYAL CHRYSLER "70"

Na verdade estes novos productos ultrapassam todas as creações anteriores de Chrysler, da mesma forma decisiva e completa pela qual os antigos modelos de Chrysler haviam excedido em perfeição a todos os seus congeneres. Não se trata de uma simples melhoria, mas sim de carros que são basica, fundamental e scientificamente novos.

CARACTERISTICOS DO CHRYSLER "70"

CARROSSERIAS ARCHITECTONICAS: — Baseadas num novo principio que elimina o barulho e rangidos, do typo "dreadnought", de solidez e segurança a toda a prova; pára-brizas em melhor angulo que abate todo o reflexo offuscante.

SYSTEMA SYNCHRONIZADO DE FORÇA: — Construido numa só unidade, desde o radiador até ao eixo trazeiro; maior flexibilidade, maciez, economia e duração prolongada.

MUDANÇA SUAVE E RAPIDA: — Dá novo prazer ao motorismo; torna a mudança de velocidade o que ha de mais simples até mesmo para inexperientes noviços; desenvolve mais força; procede-se á mudança como sempre, sendo porém muito mais facil e rapida do que costumava ser e não produz o menor ruido.

CARBURADOR DE TIRAGEM PARA BAIXO: — Não é apenas um tubo multiplo á gravidade com melhorias, mas um novo meio de supprir o combustivel; carborização completa; força sem arranco; maior distancia por unidade de combustão; funccionamento rapido. Bomba mechanica de tamanho extra para a alimentação.

MAIORES MOTORES: — Maior carreira do embolo; maior força em Cavallo Vapor; economia na torção e no funccionamento; veio motor contrabalançado em sete mancaes; embolos com pontes altamente ventiladas; lubrificação por pressão completa; filtro de oleo.

MAIS ESPAÇOSO: — As carrosserias têm 3 pollegadas mais de largura; de 3 a 5 pollegadas mais de comprimento, conforme o estylo; maior espaço á frente; assento dianteiro ajustavel para maior commodidade das pernas.

MAIOR BELLEZA: — Symetria dynamica, com friso de chromo; janellas em arco com architraves de chromo. Grande variedade de côres com estofamento harmonico.

MAIOR LUXO INTERIOR: — Novo typo de coxins para os assentos; estofamento de luxo para as almofadas; trabalhos de metal executados por Cartier, joalheiros de fama universal.

MAIOR COMMODIDADE NA MARCHA: — Mólas "paraflex," pára-choques de borracha, do typo chaminé, armação com tirantes de espessura extra e dupla rampa; novos amortizadores hydraulicos.

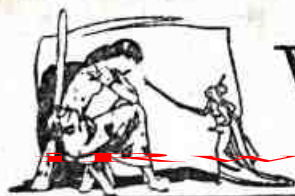
MAIOR FACILIDADE NA DIRECÇÃO: — Freios hydraulicos Chrysler de baixa pressão, de expansão interna á prova das intempéries, ajustados ás 4 rodas; volante de direcção da espessura de um dedo, de punho seguro de aço reforçado; governo facil de engrenagem deslisante; engrenagem de direcção positiva, do typo de alavanca e pratos de câme.

CHRYSLER

PRODUCTO DA CHRYSLER MOTORS

DISTRIBUIDORES:

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S. A.

Avenida Rio Branco, 247 — Telephone Central 1744

VARINHA DE CONDÃO

FLORES — Ultimas noticias de Paris nos dizem que se estão usando flores naturaes, principalmente cravos, aos tres postos em fila ou grupo sobre a lapela de um costume.

Entretanto nem por isso as flores artificiaes têm sido esquecidas, e innumeros modelos de vestidos se referem a ellas, procurando os costureiros dispol-as de modo novo e original. Julgam que no peito ou no hombro já estão muito vistas. Um delles, aproveitando a extensão dos decotes, nas costas lembrou-se de as dispor na terminação do mesmo, sobre as espaduas. Lembro-me de ter visto um modelo no "Vogue" em que uma ampla cintura drapée era fechada, atraz por uma série de rosas grúdas, em fileiradas verticalmente.

Porque não experimentam as leitoras fazerem em casa mesmo ramos de flores para seus vestidos? E' uma distracção e uma economia. Eis o feitio e modo de executar umas de aspecto muito moderno. São feitas com o auxilio de um cadarço especial chamado "serpentina". Cada flor compõe-se de tres camadas de petalas.

A primeira camada, a de baixo, a maior, compõe-se de tres carreiras de "serpentina" (tamanho natural na fig. 1). Cada fileira sendo composta mais ou menos de treze ondulações (as ondulações estão indicadas na fig. A pelas letras F E D C etc). Juntam-se as tres fileiras unindo os cumes das ondulações por meio de pontos miudos. Depois unem-se as duas extremidades da tira assim obtida, cosendo-as pelo avesso. Em seguida franzem-se todos os cumes F E D C etc. da ultima carreira da serpentina.

(Fig. 3)

(Fig. 1)

(Fig. 2)

A segunda camada de serpentina compõe-se de duas carreiras de [illegible] ondulações mais ou menos cada uma. E' remendada, franzida e posta sobre a primeira.

A terceira camada, em fim, compõe-se apenas de uma só tira com cinco ondulações, juntas todas pelo franzido. Prega-se essa camada sobre as outras duas e para simular o miolo fixam-se no centro alguns fiapos de lã amarella.

A flor é armada sobre uma haste verde, feita por uma estreita fita de lã verde dobrada em dois em cujo interior enfia-se um arame; os lados da haste são fechados por um pesponto pelo direito antes de ser posto o arame (fig. 2).

As folhas tambem são de lã verde, recortadas segundo o molde de tamanho natural dado na fig. 3)

Si o ramalhete fôr para uma blusa — "lingerie" — pode ter tres flores dispostas como na fig D; porém si é destinado a um *tailleur* duas flores é o maximo (fig 4).

ALMOFADAS PARA A VARANDA — Para os grupos de palha e madeira tosca das varandas

(Fig. 4) (Fig. 5)

(Fig. 7)

azul intenso, uma formosa lua cheia côr de ouro, e a silhueta do pinheiro recortada sobre velludo verde escuro.

PARA OS PEQUENINOS — As crianças preferem muito mais os animaes vivos a qualquer brinquedo mechanico por mais aperfeiçoado que este seja. Um gatinho, um passaro... são motivos para elles de enlevo sempre renovado. Observam como se alimentam, como se lavam, como pulam... E futuros experimentadores scientificos que desde cedo revelam a curiosidade impiedosa, fazem-n'os soffrer, as sustam-n'os para vel-os gritar...

Assim vejam na fig. 8 a enorme alegria, a convicção com que Luizinha mostra aos primos Marcos e Myrtes os lindos peixinhos vermelhos que ganhou no seu anniversario. Ella é a dona, e admitte, olympicamente bondosa, que a loira Myrtes lhes dê migalhas de um biscoito, emquanto Marcos, de joelhos, contempla, enlevado, as evoluções daquelles rubins vivos.

Para maior alegria, veste Luizinha uma linda camisola de crêpe da china creme com duas barras recortadas em dois tons de azul, ornando a beira da saia e formando cabeçãozinho na blusa. No ponto da facel rice porém os primos não lhe ficam atraz. Si não possuem peixinhos vermelhos, possuem em compensação camisola e roupinha côr de rosa com um galão tão vermelho quando os animaesinhos que sem cessar se debatem no pequeno aquario. Na camisola de Myrtes esse galão beira a gola, as cavas, e enfeita toda a frente em voltas serpentinas cujas curvas são occupadas uma sim, outra não, por bonitos botões de madreperola. A blusa de Marcos repete a camisola da irmã, porém a calcinha singela, abotoando sobre ella prova que elle já não é mais que um meio-bébé, em vesperas de se tornar um menino.

e terraços andam sempre as donas de casa em busca dos modelos de almofadas, singelos e de facil execução. Eis duas suggestões muito apropriadas. Sob um carramanchão florido, a almofada da fig. 7 sobre a qual poisam duas flores que podem ser feitas na mesma cor das que vicejam na trepadeira, dará a illusão de que estas, cahindo, foram enfeitar-lhe a nudez da lã beije. Uma bôa idéa é a de executar essas flores com o cadarço dito serpentina segundo a explicação dada. Apenas o verde das folhas deve ser mais escuro.

Para um terraço que se debruce sobre um vasto jardim cuja gramma é sombreada por pinheiros isolados e erectos, nada mais interessante do que essa paizagem eschematica e futurista da fig. 6. Um fundo

(Fig. 8)

(Fig. 7)

CINDER !!!

O QUARTO DE HORA DE RABELAIS

DEPOIS de ter ficado apenas seis mezes em Roma, Rabelais foi chamado á França. Chegando a Lyon, foi forçado a deter-se numa hospedaria, por falta de dinheiro para continuar a viagem, e, como não queria se dar a conhecer, imaginou o estratagema seguinte para sahir do embaraço:

Disfarçou-se de maneira a não ser reconhecido por ninguem, e fez avisar aos principaes medicos da cidade que um doutor de merecimento, de volta de longas viagens, desejava transmittir-lhes suas observações; a curiosidade levou-lhe um numeroso auditorio, diante do qual se apresentou vestido de um modo singular, e fallou por longo tempo, com voz mudada, sobre as mais arduas questões da medicina.

Todos o escutavam com estupefacção, quando, de repente elle recolhe, toma um ar mysterioso, fecha com as proprias mãos todas as portas e annuncia aos assistentes que lhes vae revelar seu segredo.

A attenção augmenta.

"Aqui está, diz elle, um veneno muito subtil, que fui buscar na Italia para livrar-vos do rei e de seus filhos. Sim, destino-o a esse tyranno que bebe o sangue do povo e que devora a França."

A estas palavras, os presentes se olham em silencio, levantam-se e retiram-se. Rabelais é abandonado por todos. Mas, poucos instantes depois, os magistrados da cidade mandam fazer o cerco da hospedaria. Prendem o supposto envenenador, encerram-n'o numa liteira e o conduzem a Paris, sob escolta.

Durante a caminhada, elle é hospedado ás custas da cidade de Lyon; tratam-n'o magnificamente como um prisioneiro de distincção, e elle chega, afinal, fresco e disposto a seu destino.

Francisco 1º está prevenido da prisão de um grande criminoso; quer vel-o; conduzem até deante delle Rabelais, que retomára a physionomia e a voz habituaes, Francisco 1º sorri ao percebel-o.

"Procedestes bem, diz elle, voltando-se para os notaveis de Lyon, que tinham seguido sua presa; — é uma prova de que não tendes pouca solicitude pela conservação de nossas vidas; mas eu não teria nunca suspeitado de uma acção indigna do bom do Rabelais."

Em seguida, despede-se muito graciosamente dos lyonezes confusos, e retem para jantar Rabelais, que bebe largamente á saude do rei e á bôa cidade de Lyon. (Tirado de uma *Noticia historica* escripta pelo bibliophilo Jacob, em 1853).

Ora, foi por allusão ao embaraço financeiro em que Rabelais se encontrou naquella cidade que crearam a locução proverbial o *"quarto d'hora de Rabelais"*, e que serve para designar o momento de pagar-se uma despeza qualquer.

E'MAN MARTIN
(*"Locutions et Proverbes"*)

Concurso Sabonete EUCALOL

(MENÇÃO HONROSA)

Não repara, cavalheiro,
Na gentil donzella ao lado?
Que linda pelle! Que cheiro!
Usa EUCALOL perfumado...

Luiz Vieira
Rua Barão do Ithaim 7—Itu—E. S. Paulo

TOSSES
BROM

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 47

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 23 de Novembro de 1929

A terra onde minhas rosas florescem...

SOBRE a cidade estende-se, neste momento, o velario sombrio dos dias de chuva. E...

Il pleut sur la ville
Comm'il pleure sur mon
[cœur.

E' nesse ambiente diluido, da paz e da quietude desta attitude de recolhimento da natureza, que minha alma tambem se concentra e recolhe, sob as arcadas gothicas do templo da sua saudade, para o exame interior de si propria, para recordar, para viver...

Deante de mim, aberta á serena curiosidade de meus olhos, uma carta de mulher, escripta num papel verde, verde esmaecido de folha secca, de onde parece evolar-se todo o suave perfume do espirito desilludido e inquieto que a escreveu.

E, não sei porque, emquanto acompanho o que ella traçou, nervosamente, sobre o papel, fixando detalhes, minucias, ora mais precisas, ora mais vagas, de sua alma, tenho vontade de dar a esse coração desilludido, de levar a esse espirito torturado, todo o poder de illusão e toda a serenidade daquelles que, na revelação mesma de seu soffrimento, encontraram a formula e a expressão de sua harmonia interior — isto é — o sentido de sua felicidade.

Porque a felicidade ha de ser sempre a resultante de uma luta, de um conflicto longamente estabelecido entre as forças imperiosas, desordenadas e instinctivas do coração e os duros, inflexiveis e disciplinados postulados da razão. Essa linha de equilibrio é que dá o verdadeiro conceito da felicidade como harmonia interior.

Será, porém, a verdadeira felicidade essa paz que bem raros conseguem e, isso mesmo, já quando a vida, trabalhada, cansada, dominada, contida e vencida nos seus impulsos mais espontaneos — aquelles que dimanam do enthusiasmo e da fé do coração — renuncia a todos os seus anseios, á propria inquietação que a condiciona no ambiente de mysterio e de encantamento que faz a sua festa, a sua alegria, a sua dôr, a sua illusão e tambem a sua... desillusão?

Escreveu alguem — o espirito sceptico de Thomass Hardy — que na vida humana o "desencontro" entre a hora de desejar e a de realizar é continuo, constante... Assim, o homem que ama nunca chega na hora de amar, e todo aquelle que tem a alma aberta para a felicidade nunca encontra, no momento preciso, a realidade de sua felicidade...

Volvo os olhos para dentro de mim proprio, para a minha... miragem interior, onde, ao lado dos desertos de areias combustas e esterilisadas, vicejam ainda os oasis verdes de meu coração — "a terra onde florescem minhas rosas" — as rosas de todo anno da minha Illusão.

Dort wo Du nicht bist, dort ist das Gluck: — "lá onde tu não estás, lá está a felicidade" — escreveu a mão feminina, fidalga e fina, que me dirigiu a carta a que me refiro. E esse final da linda canção allemã que ella cita, canta-me aos ouvidos a estranha, a indefinivel saudade da felicidade que sonhei e que nunca realizei...

Porque a felicidade está, de facto, mais no anseio de desejar sem realizar, na esperança, na espectativa della propria, mais na... consoladora miragem da sua illusão, do que na sua realidade...

"A terra onde as minhas rosas florescem" é, porém, tão longe, tão longe, que eu apenas a adivinho com o coração, e alcanço com os olhos, nunca satisfeitos, de minha alma, porque... lá onde não estou, é que está tambem a minha felicidade...

Dort wo Du nicht bist,
dort ist das Gluck...

ELCIAS LOPES

O baile que se realizou sabbado ultimo, nos salões do Club Naval, foi uma das mais expressivas e brilhantes homenagens com que os officiaes da nossa Ma-

rinha de Guerra distinguiram os seus collegas do cruzador «Garibaldi», durante a estadia nesta capital da bellonave argentina.

FILIGRANAS

Lá em baixo, longe, é o mar. Azul. Mais azul que o céo claro na manhã serena. Um promontorio corta o franjado de espumas. E no limpido horizonte se perde uma vela de barco.

Meus olhos pensativos seguem-n'a. Como os do poeta japonês Naruta. E, como os delle, meus sonhos se perdem no infinito. Vela que te apagas no céo és bem a imagem da minha rapida e triste mocidade...

FILIGRANAS

O vento sopra na noite escura. Rodopia. Busina. Assobia. Uiva. As arvores estremecem daltabaixo como mastros de navio numa tormenta. E todas as suas folhagens cantam um canto lúgubre que enche a alma de tristeza, agitadas no espaço pelo vendaval desesperado.

Casou-se á minha insomnia o ruido da ventania. Estou immovel, mas a tempestade açoita a minha alma que balança e rumoreja como as arvores...

Constituiu uma nota mundana de grande esplendor o baile da Marinha Nacional em homenagem ao commandante e officialidade do vaso de guerra argentino «Garibaldi». Figuras da nossa alta sociedade se movimentaram, sabbado á noite, nos salões do Club Naval.

Ai, dos teus olhos!...

Ai de mim, ai de ti, dos nossos olhos,
Que vivem sempre só para chorar.
Da vida, bom pharol para os escolhos,
Do zimborio das orbitas ao mar.

Ai dos teus lindos olhos dolorosos,
Feitos de um mysticismo singular.
Onde ha almas de santos lacrimosos
Na hóstia delles, sempre a commungar.

Ai dos teus olhos, que luar derrama
Sobre o campo floral dos meus sentidos.
Uma scentelha, que tudo embalsama
Na noite longa dos meus sonhos idos.

Ai dos teus olhos humidos e lentos
Como o luar, quando morreu Jesus.
Luar que, acompanhando-lhe os tormentos,
Era a votiva lampada da cruz.

AMARYLIO DE ALBUQUERQUE.

A MATTA

Bella e agreste — mirifica voragem,
Lindo abysmo — seduz e causa mêdo:
— Vôga um viso de enleio — na folhagem,
— Ronda um espectro de susto — no arvorêdo.

Ninho doce e bucolico do aedo
Das selvas e recondita estalagem
Das serpes, do animal feroz e trêdo
— Commove-nos a esthetica e a coragem.

Empolga e espanta, delicia e aterra
O prodigio da matta em que se encerra
Todo o [illegible] de idyllios e traições!

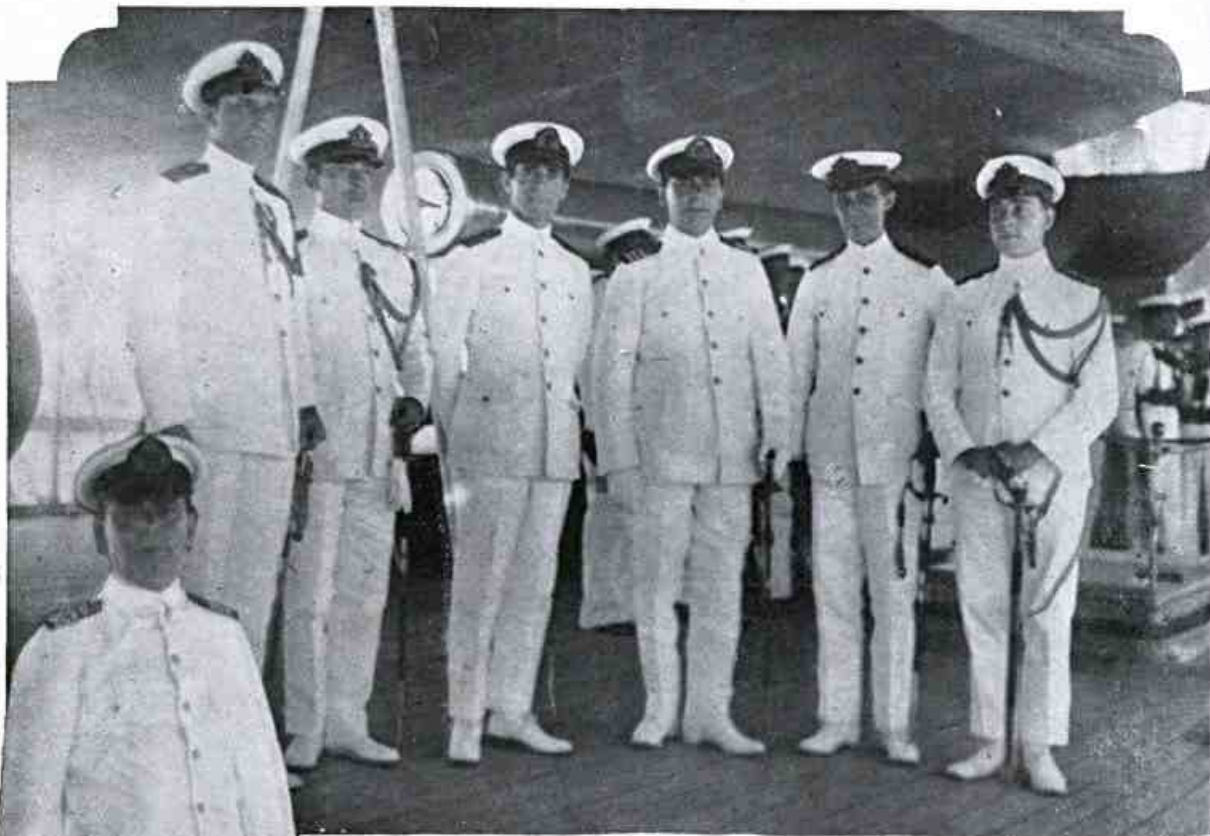
Fragôr de vida, ansia de morte — a matta
Auctora e fatidica, retrata
O amor dos pervertidos corações.

ALCIDES DE SIQUEIRA.

Filigranas

Como Rostand no Occidente, Mahbub-Khan, no Oriente cantou um hymno ao sol:

"Teu sorriso dá vida nova a todas as coisas e a todos os seres; as plantas crescem e as flores desabrocham sob tua luz. O dia nascente afugenta as trevas da noite e as vozes dos homens e dos passaros glorificam o astro «Divino!»"

O meu sol — bem sabes tu — são os teus cabellos de oiro.

Para as festas commemorativas da proclamação da Republica, nesta capital, enviou-nos a Argentina o cruzador «Garibaldi», sob o commando do capitão de fragata Júlio Zurueta. Nas gravuras desta pagina, além deste distincto membro da Marinha de Guerra da nação amiga, se vêem os demais officiaes da bellonave argentina, que a 19 deste deixou a Guanabara, de regresso ao Prata.

ENLEVO...

Por que vieste para a minha vida, si nunca havias de ser meu?...

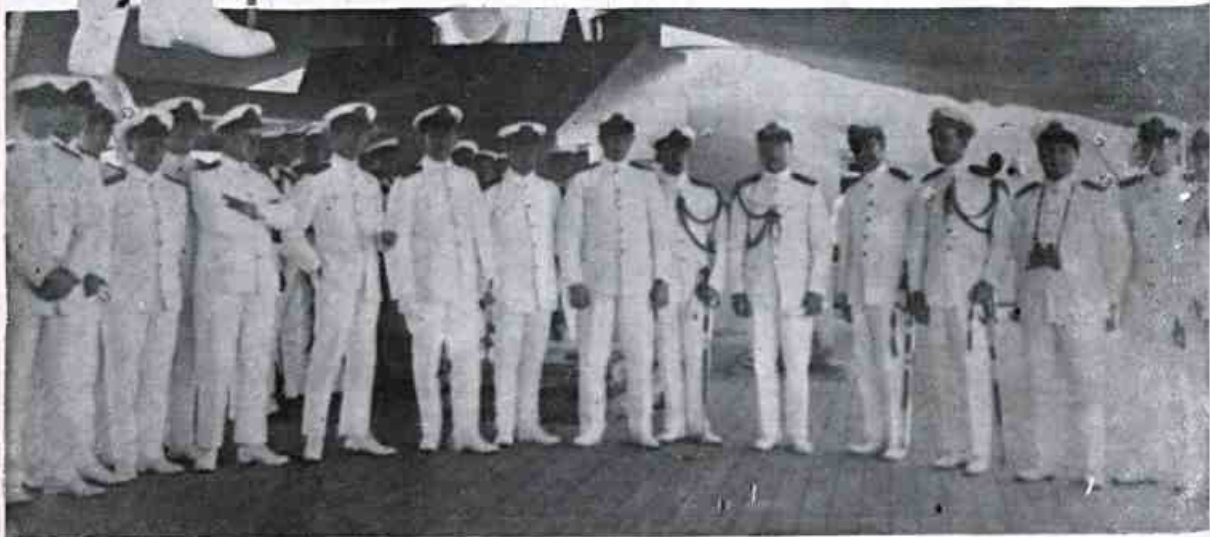
Vivo a recordar aquellas horas em que te esperava cheia de ternura e ansiedade, repetindo, mal decorados embora, os delicados versos do meu Principe da Suave Poesia, do meu poeta:

Vinhas triste...
Tão triste e pensativo como eu vim...
Não sei que vago desconsolo viste...
Sei que poisaste os olhos sobre mim...

O *Suave Enlevo* do meu poeta é tambem o meu enlevo suave...

Quando o leio, julgo, por vezes, que fui eu que escrevi aquellas doces emoções...

Que me perdôe a audacia, o meu poeta...

B. B.

E VANIDADE...

Josephina Backer, a victoriosa

JOSEPHINA Baker é o nome do momento. Ella domina a situação do paiz. Não se fala senão nas proezas da celebre bailarina.

O café? A politica? A crise que atravessamos? Nada disso terá preoccupado mais o carioca do que essa negra norte-americana.

Tambem ha razão para isso.

Josephina Baker tem sido mais discutida do que a rainha Maria da Rumania — a mulher mais elegante do mundo. Como a soberana romena, ella possue tambem as suas famosas memorias — que aliás foram recolhidas pelo escriptor francez Marcel Sauvage.

Josephina, bamboleando-se epileticamente, deante das platéas do Velho Mundo, cingida apenas, por um pennacho ou algumas appetitosas bananas, tem conhecido a consagração de uma artista, ora applaudida freneticamente, entre palmas e flores, ora entre nabiças e pateadas.

Josephina já causou suicidios e centenas de paixões imbecis.

E tudo isso, apenas com o recurso dos seus esgares, dos seus saltos, dos seus bamboleios, dos seus olhares, dos seus gestos lascivos e da sua nudez.

Mais do que tudo, o que lhe tem creado a sua popularidade, é a nudez da sua plastica côr de bronze.

Porque, si é certo que a policia intervem nos espectaculos em que ella exhibe a sua pelle, como uma Eva moderna, não é menos exacto que provoca delirios, excita paixões e consolida a sua gloria ruidosa.

Pode ser que por se tratar de uma preta, os preconceitualistas não a queiram considerar uma artista. Talvez mesmo lhe neguem tudo — admittindo tão sómente que ella vá desenvolver a sua actividade na copa das casas de familia ou nos tanques onde se lava a roupa suja.

Mas é indiscutivel que Josephina Baker é uma victoriosa em toda a accepção da palavra. Na peor das hypotheses, ella soube prestigiar a sua raça. Demonstrou que uma simples moleca, uma garota preta, que ha quinze annos, corria, sob farrapos, em Bernard Street, — uma das mais feias ruas de São Luiz — pode tornar-se millionaria, sapateando e desengonçando-se no "black bottom", ou em qualquer outro genero da choreographia barbara.

E mais ainda: fazendo-se applaudir, amar e desejar, como expoente de uma raça que o europeu, principalmente, despreza e amesquinha.

No intimo, Josephina Backer ha de sorrir, ironicamente, sentindo-se dona de milhares de dollars e credora de applausos, emquanto princezas de sangue azul se vêem hoje transformadas em representantes de profissões humildes e obscuras.

=

Mlle. Marina Torres, linda figurinha da nossa sociedade. Parece «Cinderella», na grande noite em que perdeu o seu sapatinho de prata...

(Photo De los Rios)

FARPAS — De Yves — Creia que tenho tanta vontade de ser uma literata, que daria a minha alma ao diabo, como Fausto, para realisar esse sonho...

— Pois escreva, mademoiselle. E' só tentar...

— Ah, eu escrevo para mim só. Não publico as minhas tentativas literarias porque papae e mamãe não deixam...

E' commum um de nós ouvir esses queixumes e a manifestação de taes desejos.

Em geral, quando ouço uma dessas, que mistura "papae e mamãe", moralidade e "preconceitos sociaes" com arte — eu lhe ponho na cabeça, por minha conta, aquelle enfeite que A p o l l o poz na cabeça do rei Midas (Vide Mythologia).

Ao mesmo tempo, rezo por alma da esperança de lêr algum dia uma simples fantasia literaria assignada pela candidata á literatura. Mesmo no caso em que "papae e mamãe" a deixem escrever.

Ha um dictado em latim que diz isto: "Ex digito gigans" — Pelo dedo se conhece o gigante. Modificando a maxima pode-se dizer que "pelas phrases se conhece a intelligencia das pessôas".

E assim é...

Essas jovens que se dão ao goso espiritual de fazer literatura clandestina, para uso domestico, é como certas pessôas que se banqueteassem a si mesmas, com "menus" detestaveis e para os quaes não tivessem coragem de distribuir con-

Tomando banho... de areia...

vites. No fim de contas ficam empanzinadas com os pratos de que se servem — justamente porque tiveram de substituir os talheres daquelles que não foram convidados.

Peço perdão para essa imagem gastronomica. Mas uma literata que vê no seu senho de arte um despudor que só deve ser commettido ás occultas, é uma mentalidade estreita onde cabe a rodella de dourada de uma batata...

SANTELMICOS — Si alguem perguntasse o que é que mais admiro em uma mulher, feia ou bonita, promptamente responderia:

"A arte de sorrir."

Sorrir é uma arte sim. E' uma arte e difficil.

Mme. Alphonse Daudet certa vez escreveu:

"Curieux á observer l'envers d'un sourire." E ella explica que essa coisa interessante consiste no facto do sorriso disfarçar as tristezas, as preoccupações, a indifferença, tudo emfim que se sente. Seria cruel — diz ella — que um espelho traisse a mentira dos dois labios.

Sim, a mentira. Porque na verdade, o sorriso é sempre uma formosa mentira: mentira que esconde o soffrimento, o odio, ás vezes; a magua, a hypocrisia, a gentileza que se faz, a amabilidade que se diz, a offensa com que se fére.

Outras vezes é o que diz o poeta á sua amada: ...*l'image precise de ta bouche qui pense á moi.*

De qualquer modo, o sorrir é uma arte que não está ao alcance de todos.

Haverá nada mais difficil do que sorrir com sympathia quando se deve sorrir *amarello*? O sorriso *amarello* é aquelle que nasce do despeito, da inveja, de uma situação embaraçosa, de um desapontamento.

Alguem, por exemplo, nos apresenta a outro, depois de uma série de elogios mais ou menos exaggerados. E no fim nos troca o nome:

— Aqui o snr. Alberto...

— Alberto, não — protestamos. — Roberto...

E sorrimos cortezmente, num tom de exaggerada amabilidade. Com sympathia e bondade.

Esse sorriso pode ser hypocrita; pode ser tremendamente furibundo. Mas é o sorriso de um artista. E' o sorriso de quem se sabe elevar a um plano superior, na certeza de que esmagou, com a sua polidez bem humorada, a *gaffe* imperdoavel do outro.

Ha muitos casos em que o sorriso é revelação de arte, de grande arte, porque realizada com os nossos nervos, os nossos sentimentos e as nossas paixões, num estado de neutralidade, de intelligente disfarce.

A mulher que sabe sorrir dá idéa de possuir bom humor, espiritualidade e talento. Não falo do sorriso desdenhoso, nem de piedade, nem de tristeza, mas desse sorriso que sendo a manifestação de todos os sentimentos, é indecifravel como o de Monna Lisa...

ASTERISTICOS — Dr Yves — Ha na *Arte de Amar* (não é a de Ovidio: é a do poeta paulista Julio Cesar da Silva, um dos nossos maiores poetas, aliás) este sabio conselho, em materia de querer bem:

Deixa passar o instante amargo, deixa,
E nunca o invoques, uma vez passado;
Si, porém, fôr de amor a tua queixa,
Guarda-a comtigo com o maior cuidado;

Si a confiar a alguem, por entreter-te,
Logo o teu confidente se enfastia.
Ou si, no fundo, elle te pretendia,
Deixará, desde então, de pretender-te.

Nessas duas estrophes, o poeta encerrou um mundo de psychologia.

E' sabido que o coração opprimido, anseia por desafogo. Quem ama e soffre, sente a necessidade inadiavel de confiar a sua magua a alguem. Si foi traido, elle grita a offensa que acaba de receber: "Aquella mulher é uma creatura indigna! Não merecia o meu affecto."

Si a magua provém de qualquer outro motivo, elle explodirá do mesmo modo: a questão é encontrar quem o ouça, embora esse interlocutor seja tão indifferente á sua dôr como ao ciume de Othelo ou ás choramingas de Werther.

Si se dá o caso do queixoso, com as suas lamurias, o seu infortunio amoroso pretender conquistar o coração de uma outra mulher, fatalmente ella permanecerá insensivel ao seu soffrimento. E, no fundo, sentirá uma incoercivel repugnancia de alma e de espirito por um homem que se manifesta covarde, quando o seu dever é ser forte — mesmo quando os soluços o suffoquem e a dôr, a dôr de amar inutilmente, lhe despedace o coração.

A mulher, sobretudo, não perdôa covardias nos que amam.

"Omnia vincit amor:" dirão ellas, repetindo o axioma latino. E, assim falando, ellas pretendem affirmar que o amor vence até o proprio soffrimento...

Talvez dêem uma grande amplitude ao seu aphorismo. E' possivel que o amor que se queixa, que se sente abatido, que praguеja, é um sentimento que se anniquila por si. E, consequentemente, não terá energia sufficiente para lutar e vencer.

Mas quando tudo falhe no homem, isto é, no coração do homem, deve

elle, pelo menos, conservar o pudor das attitudes. Principalmente, nas coisas que dizem respeito ao coração.

E' verdade que em casuistica amorosa, as opiniões, os juizos, os conselhos, os prognosticos, os principios, as regras e leis devem ser ditados, unicamente, pela razão de cada um. São casos em que não pode entrar, em bôa regra, a contribuição alheia. Por que o amor é para cada alma como as côres são para os olhos: cada um o sente e vê sob uma tona lidade diversa. Mas de um modo geral, vence o mais forte — ou o que menos ama.

Applica-se ao caso, com admiravel propriedade, o famoso verso de La Fontaine:

"La raison du plus fort est toujours la meilleure"

Ahi está pois a razão porque não me queixo das minhas decepções sentimentaes. Não me queixo — mas rio dellas e rio das alheias.

Rir é ainda a mais commoda e suave maneira de philosophar...

IRONIA — *Minha amiga* — Dahi desse recanto de serra, onde você se sente feliz em poder fugir ao verão carioca, e acorda cedo "para ouvir a voz dos canarios de oiro e o desabrochar das rosas novas de dezembro" — dahi da sua villegiatura tranquilla, você que lê Marivaux e sabe de côr as cartas de Mme. Sévigné, me escreve num amavel tom madrigalesco a phrase da galante dama franceza, dirigida a Mme. de Grignan: "Hélas! mon enfant, vous ne vous trompez point quand vous croyez que je suis occupée de vous encore plus que vous ne l'êtes de moi..."

Sim! Eu lhe agradeço a galanteria. São tão constantes e communs as phrases rudes que ouvimos a nosso respeito, que ha sempre um motivo de alegria intima para quem ouve uma palavra gentil embora insincera.

Insincera, sim! Perdôe a brutalidade da franqueza.

E' insincera porque você me escreve, sómente para me pedir um obsequio...

Vejamos: "Meu caro Y..., apezar de tudo, passo aqui uma vida ociosa. Cessados os exercicios physicos, os galopes ao longo das estradas, poentas as ascenções ás montanhas coroadas de neve, as corridas no meu "Cadillac", as *soirées* á victrola, o que me fica depois é uma lassidão invencivel, uma cansaço de não ter feito nada! Porque, na verdade, eu sou uma mulher moderna que ainda vive muito pelo espirito. Onde buscar as coisas de arte? Onde os *vernissages*, os concertos, as audições de poesia, os recitaes litterarios e os "vient de paraitre", expostos na Livraria Alves?

Ah! Sim, antes de responder á minha pergunta, quererá dizer-me si posso ler os livros de Victor Margueritte, Pitigrilli — esse que você tanto proclama — e o famoso Guido da Verona?"

A sua carta prosegue. Mas só é interesante, para o meu commentario, até áquelle trecho.

Bem. Já declarei, francamente, que você é insincera. Agora lhe dou a resposta que me pede... A resposta! Mas como hei de começal-a? Vamos! Veja si me ajuda... Não quero dizer como o Pitigrilli que você citou: "Un artista é al di sopra della morale: dovrebbe essere anche al di sopra della legge." Tambem não desejo repetir o estafado conceito de Wilde — de que não ha livros immoraes: ha livros bem ou mal escriptos.

O que me apraz, neste momento, é perguntar-lhe, minha hypocrita amiga, si você, para se exhibir nas praias de Copacabana, quasi núa, na companhia alegre dos rapazes da sua *entourage*, me dirige qualquer consulta a esse respeito? Não é só! Quando vae aos chás e aos bailes, excessivamente decotada o vestido em cima da pelle, acaso você me pergunta se deve dançar foxs, maxixes, tangos e sambas da moda, collada á musculatura do seu par? Diga mais: quando se senta, desabusada, e deixa *á cause* da saia curta — a liga apparecer, á altura do terço inferior da côxa, você já se lembrou de me perguntar si é decente essa attitude desenvolta?

Pois si você concorda com essas exhibições e desenvolturas da vida contemporanea, não deve fazer selecções nas suas leituras.

Quando muito, admitto que leia o seu Zola, o seu Victor Margueritte, o seu Catulle Mendés, o seu Pitigrilli, Eça de Queiroz ou Aluizio de Azevedo á luz do seu "abat-jour" côr de rosa, á hora em que o papá esteja no escriptorio, e a mamã... e a mamã... naturalmente na egreja...

Adeus. Lembranças ás suas rosas e aos seus canarios de ouro... — Y...

Ouvindo ou vendo o mar?

QUANDO o sol desponta, após uma ausencia prolongada, as ruas do bairro onde resido começam a luzir com o sorriso das suas mulheres formosas.

E surgem, numa variedade infinita, creaturas de todos os matizes. São as loiras, côr de porcellana. As morenas, tostadas. As dos grandes olhos orientaes. As mais ricas de seducção: as dos olhos verdes. E, olhando-as, serenamente, começo a me lembrar das minhas amigas. Todas, daquellas que me fizeram o enlevo da minha infancia, no tempo das confidencias, dos anseios timidos, dos sonhos infantis.

O meu coração recorda... E me vem aos olhos Curityba — terra onde vivi os meus dias de primavera.

Curityba — a princeza da Serra do Mar — onde o meu espirito acalentou as suas primeiras illusões... Os lugares por onde passámos com a alma desprovida de magoas, serão sempre a terra encantada das nossas recordações.

A vida de mocidade-infancia, entretecida de anhelos ingenuos, limita em etapas floridas as estancias que perlustrámos.

E por isso, nunca esquecemos os dias vividos em abandono de cuidados graves, com o coração a cantar estrophes de fantazia e de sonho.

Curityba está gravada na minha passada vida de illusões. Eu penso nas suas geadas brancas, nos seus pinheiros solitarios, com a saudade das minhas fantazias de creança. E despedaçadas essas illusões que o tempo destruiu, resta-me sempre a evocação do que foi na realidade da hora fugitiva que passa.

A saudade da infancia deslumbrada em vertigem de fantazia... Recordando as minhas companheiras eu me recordo sem sentir... E todas bailam na inspiração do meu sentimento.

Constancinha — a mais formosa de todas... Aurora — a pureza lyrial de todas as perfeições... Lalá... Carmita... Clotilde... Rachel...

Todas passam na minha evocação lembrando-me o ideal que cada uma dellas personificava.

Lalá — a faceira. Carmita — a rebelde admiravel... Clotilde — sentimental excessiva. E Rachel — a literata, com as suas manias jornalisticas.

A vida vae correndo e marginando o caminho do nada...

Sobre as desillusões fixam-se os grandes mysterios da existencia.

E, afinal, todos nos devemos, eternamente, á dolorosa tarefa nobre de aspirar.

Sempre aspirar. E recordar. Esta chronica de saudade evoca as minhas visões do passado, nas figuras dessas meninas de outro tempo que se converteram nas soffredoras mulheres de hoje...

E' a dadiva da minha saudade commovida.

Quando vejo passar ao sol essas creaturas lindas, com o coração aberto ás esperanças e á luz, ponho-me a pensar no destino sombrio da humanidade.

Contar historias ao sonho para depois chorar...

Sorrir a todas as paisagens, para, viver empós os sorrisos, a evocação das esperanças passadas...

E, sob o encantado poder do sentimentalismo recordamos as nossas impressões fugidias que não voltam mais...

Sempre a vida nos merece a ternura de uma recordação...

Bem haja o delicado sentimento dos affeiçoados á saudade...

Tambem o Uruguay se fez representar, por uma delegação militar chefiada pelo general de divisão Arturo Olave, nas solennidades commemorativas do anniversario da proclamação da Republica. Na manhã da penultima quinta-feira, os membros dessa delegação estiveram em visita ao monumento do general Osorio, á praça Quinze de Novembro, onde depositaram uma corôa de louros, com expressiva inscripção — homenagem do povo e do Exercito uruguayo ao grande soldado brasileiro.

BONECA

Você passou depressa, como a Felicidade.

Sorriu p'ra mim... e passou.

Por que esse sorriso, minha Boneca? Por que?

Si você se foi embora logo... Ficou só um pouquinho, e levou a illusão bonita que seus olhos de sonho fizeram nascer nos meus olhos de triste...

Você foi o meu encanto sentimental, princeza loira do reino dos meus amores...

Eu pensei n'uma porção de coisas lindas emquanto você sorria p'ra mim...

Você mostrou a Felicidade ao meu enlevo apaixonado...

Prometteu tanto!

Boneca mulher... Boneca loira e linda que levou todo o meu deslumbramento cheio de sol, e poz uma saudade grande no meu olhar que sorria.

Deixou a saudade suave dos seus olhos de santa... desses olhos serenos que eu procuro na vida e encontro sempre no encanto sombrio da recordação...

Boneca do meu amor!

Eu quero a felicidade... essa Felicidade linda que você mostrou aos meus olhos de triste...

Eu preciso desse sorriso claro de Boneca cheia de illusão e cheia de graça...

A Esperança plantou folhas verdes no meu roseiral sem flores...

A flôr ainda não veio. E' você, minha princeza loira e encantadora...

Eu espero a sua volta ao reino encantado dos sonhos lindos que eu sonhei...

Ficou tudo deserto quando você se foi embora, minha querida illusão...

Tudo deserto...

Você passou depressa, como a Felicidade...

GIL MOREL

Os membros da delegação militar uruguaya com os srs. ministro Ramos Montero e Hélio Lobo, junto ao monumento do general Osorio, na manhã de 14 do corrente.

:: Lanternas de Papel ::

Outróra, o armazem era o logar onde se guardavam as armas, nos castellos e fortalezas. A propria palavra á primeira vista dá essa idéa. E' uma trova de Garcia de Rezende na Miscellanea a authentica:

> Vimos-lhe fazer Belem
> Com a gran torre no mar;
> As casas do almazem,
> Com armaria sem par...

Hoje, o armazem evoluio para baixo: é uma arma apontada á paciencia das donas de casa e á bolsa dos paes de familia...

*

Os olhos femininos têm um magnetismo especial. Estonteiam e, portanto, seduzem. Si algumas vezes são como faróes que guiam o destino dos homens, outras são

Orchideas sylvestres

Meus olhos percorrem a paisagem e detêm-se na ilha de Villegaignon. E' o meu espirito evoca a epopéa indio-lusitana-francêsa no alvorecer da vida brasileira, o estabelecimento dos calvinistas naquelle mouchão de terra, cuja fortaleza — diz um velho livro: "... hera a mais forte cousa que avia no mundo..., e que não hera em mãos de homens tomar-se."

*

Conta Saturnino de Padua, no seu interessante livro Velharias que, uma feita, o povo de S. Vicente se alevantou armado e "andou pelas ruas buscando seus senadores,

O exotismo é a maior preoccupação da humanidade contemporanea, humanidade fatigada de tudo...

Só assim se explica o triumpho do futurismo na pintura, da anthropophagia nas letras, do jazz-band na musica e de Josephina Baker na dansa...

*

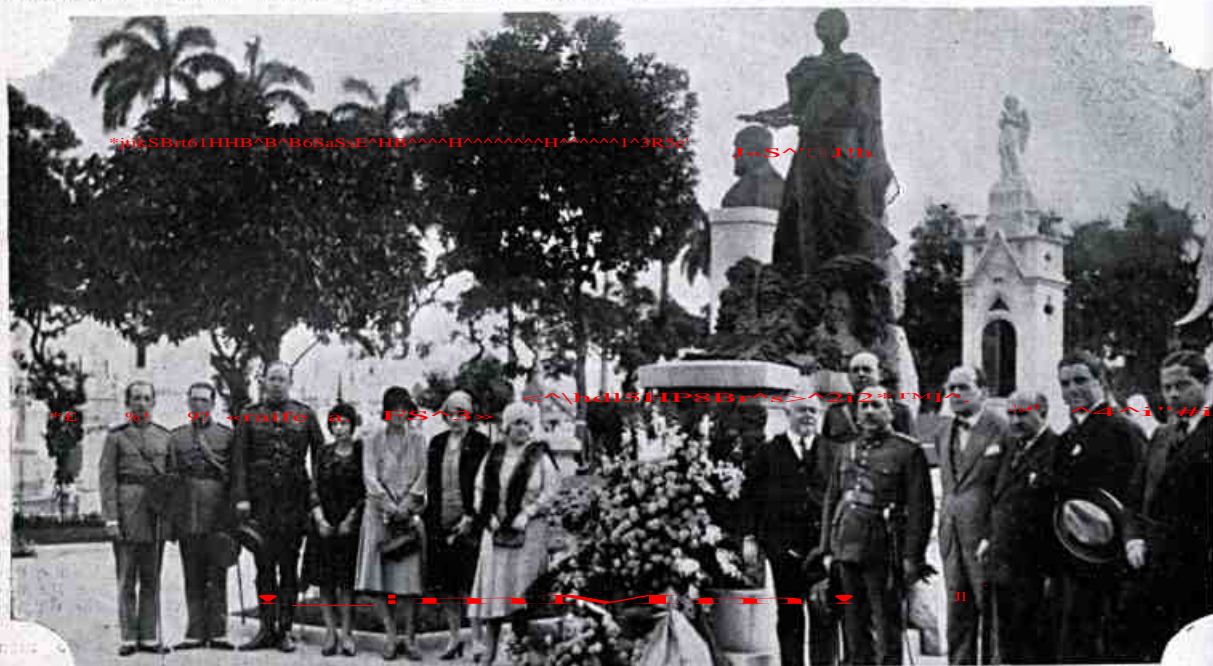
Uma canção americana modernissima começa assim:

> I'm singing in the rain

Isto é: eu estou cantando na chuva.

E' os Estados Unidos são o paiz da lei sêca inexoravel. Imagine-se si lá se bebesse á vontade...

*

O outro dia caminhava com um amigo pelos novos e lindos jardins

A delegação militar que representou o Uruguay nas festas commemorativas da data da Republica visitou, segunda-feira á tarde, em companhia do sr. ministro Ramos Montero, o tumulo do barão do Rio Branco, collocando sobre elle uma corôa de flores naturaes.

como aquellas luzes que os piratas de certas costas empareceladas fazem passear nos chifres duma cabra de maneira a deitar a perder nos arrecifes os barcos que demandam o porto. Já no poema de Camões, o proprio Jupiter assim se referia aos olhos de Venus:

> "Nem que ninguem commigo [possa mais,
> que estes chorosos olhos sobe- [ranos."

As mulheres, pois, sabem bem por que e quando devem humedecer os olhos...

*

Da minha janella olho as aguas da bahia adormecidas na manhã cinzenta. Nevoeiros leves cobrem os morros da Jurujuba, lá longe. E a torre da Bôa Viagem mal apparece na bruma diluida.

e tendo-os encontrado na de S. Francisco, violentamente os fez seguir para o paço da Casa do Conselho, onde, em altas vozes, lhes requereu fizessem vereação, completando a falta de numero..."

Ora, muito bem. Esse exemplo antigo poderia ser aproveitado na nossa era republicana. O leader Villaboim devia appellar para o povo carioca nos dias de falta de numero na Camara. Seria talvez agua na fervura...

*

Não ha revista que se occupe do cinema entre nós que constantemente se não refira á arte cinematographica brasileira. O curioso é que os resultados, os productos da mesma nunca apparecem...

Que coisa mysteriosa!...

da Gloria quando por nós passou, guiando uma barata verde uma magrissima criatura feminina toda de verde tambem. O meu amigo estava de bom humor e trauteou uma cantiga da moda:

> Em um auto bem verdinho,
> que correndo de mansinho,
> vive alguem sempre a passar...

Eu conclui:

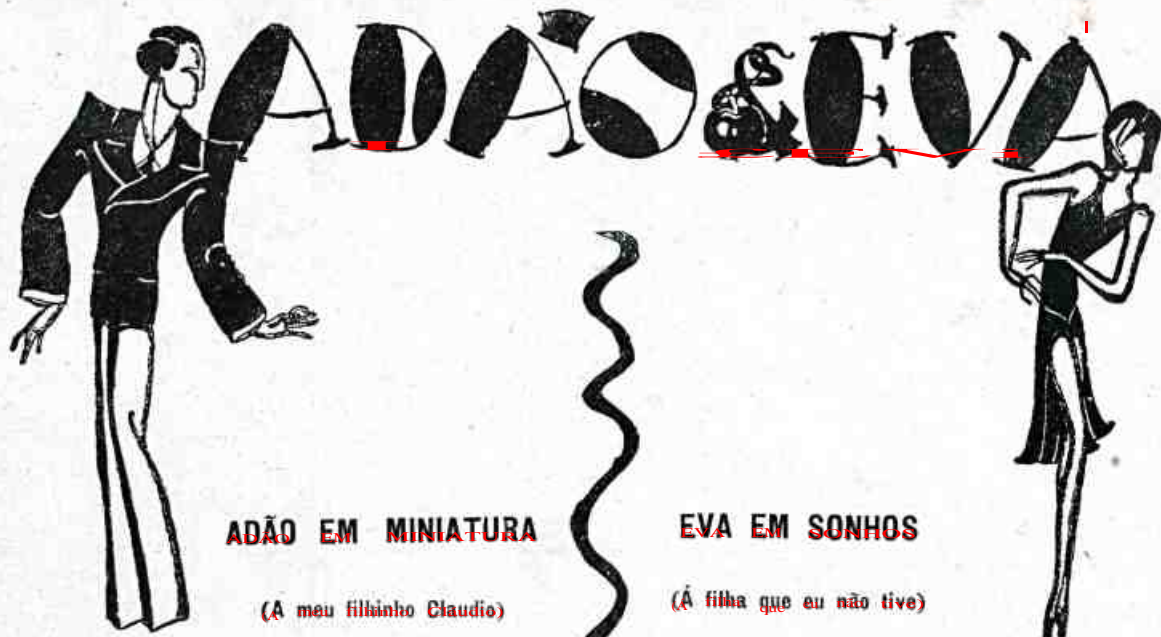
> Vestida de perequito,
> parece mais um palito
> que sahio a passeiar...

*

Os leitores devem ter reparado que o titulo desta secção nada tem a vêr com o que nella se acha escripto. E' que eu dei para imitar os titulos dos films...

CLAUDIO FRANÇA

A MULHER CHIC

Um novo modelo de Jean Patou

ADÃO EM MINIATURA

(A meu filhinho Claudio)

Meu filhinho está na idade do papagaio...

Não sei quem ensinou a meu papagaiozinho duas syllabas doces e inconsistentes como um pouco de cinza: vida.

Não sei quem pronunciou deante de seus ouvidos attentos esses dois sons que resumem o infinito das emoções humanas.

Hontem, de repente, na hora da sopinha, com a bocca lambusada e os grandes olhos a fitarem ao longe, elle balbuciou: vida...

Meu filhinho tem a volupia das palavras: quando descobre que acertou alguma, fica absorto... e repete-a muitas vezes, como a morder-lhe o som entre os dentinhos alvos.

Nunca, porém, lhe vi expressão tão radiante como a do momento em que seus labios descobriram os dois sons claros e macios do destino: vida...

Poz-se a repetil-os, aperfeiçoando-os cada vez mais: "Vida... vida..." E quando descobriu que eu olhava enlevada, então sua ventura não teve mais limites.

"Vi-da! Vida!" — gritava, destacando muito as duas syllabas, prolongando a primeira, em extase, de olhos semicerrados e marcando a segunda numa explosão sonora.

Batia as mãos, empurrava com os pés as almofadas fôfas que o cercavam na cadeira ampla. Atirava para traz a cabecinha num derreamento insopitavel de gozo, e ria... ria... saboreando a palavra magica: "Vi-da!... vi-da!... vi-da!..."

Pacientemente, indifferente á estranha poesia do episodio, a ama ao lado tentava dar-lhe a sopa, que esfriava, esquecida no prato.

Mas o pequenino empurrava-lhe a mão, desviava o rosto transfigurado de alegria, a saborear os dois sons cujo sentido venenoso nem siquer suspeitava.

Filhinho... tu não negas o sangue que te corre nas veias. Pela vida a fóra sei que has de seguir... desprezando o lucro material na volupia do sonho que as palavras distillam...

EVA EM SONHOS

(Á filha que eu não tive)

Minha filha com quem tanto sonhei, bonequinha galante e travessa, alma de minha propria alma...

...Si tivesses vindo a este mundo, filhinha, de que ternura apaixonada e ardente te envolveria a tua mãe!

Com que carinho de uma doçura suprema, de uma delicadeza exasperada te abrigaria ella em seus braços tremulos, tremulos de amor e de medo!

Mais do que a teus irmãos eu te quereria, no recesso secreto de meu coração que entre elles não tem sabido fazer a menor distincção.

Mais do que a teus irmãos eu te protegeria numa adoração fanatica e selvagem, por que tu, minha filha, não serias apenas pedaço de minha carne, sopro de meu espirito, porém serias tambem mulher como eu...

Herdarias pelo sexo o impulso generoso e dedicado, herdarias a sêde, insaciavel de carinho, toda a morbida sensibilidade apaixonada e soffredora de um coração de amante e de mãe...

Serias mulher! E terias por quinhão na vida amar e soffrer... e depois soffrer de novo e amar ainda, minha filha... alma de minha propria alma!

Não vieste, porém. Ao lado dos de tua m... não pisam teus passinhos miudos, nem a acc... panharás nunca em seu padecer, mão na m... olhos piedosos, consoladores, postos nos dell...

Quando teus irmãos — hoje tão franzinos e ... gos — forem homens... tua mãe ficará sozin... filhinha que não vieste ser a grande ami... tua maior amiga.

E na velhice tremula, por entre o guiz... risadas dos netinhos, ella irá sozinha, p... passo, para o abrigo do tumulo.

Mas, por todo o soffrimento que não so... neste mundo injusto e cruel, eu te abe... oh! eu te bemdigo por teres ficado nas tr... não ser, filha, minha filhinha com q... sonhei...

Tua face de bonequinha galante e travess... nunca o pranto ha de orvalhar, sorrirá ... em sonhos ao coração de tua mãe, cujo ame... vieste conhecer...

PETITE SOURCE

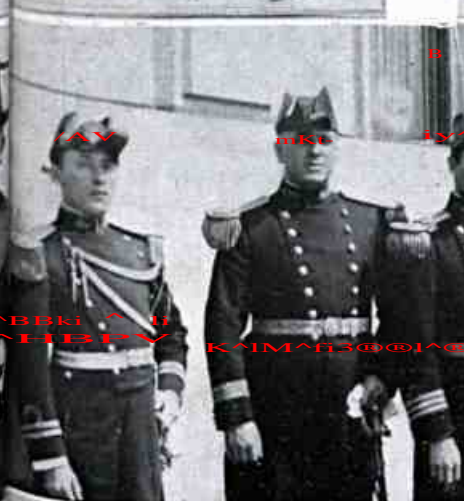
FILIGRANAS

Ha dias em que a tua lembrança me apunhala e, como uma arma assassina, fica cravada na ferida e vibrando... E os meus labios ansiosos balbuciam os versos de Rozycki:

Ah! donne ta bouche aux folles ca-
[resses!
Viens, donne ta bouche, aux folles
[caresses
A' mon désir farouche,
Viens, ah, grise moi d'amour!
Ton ame..., tes levres..., ta bou-
[che...

O', querida! vem, vem e dá-me a tua bocca!...

Entre as cerimonias officiaes com que foi celebrada, este anno, a data de 15 de novembro, nesta capital, destacou-se a solenne recepção que o sr. presidente da Republica deu, no palacio do Cattete, ao corpo diplomatico aqui acreditado, e ás missões extrangeiras que vieram saudar a bandeira brasileira naquelle dia, ás altas autoridades civis e militares, funccionalismo publico e pessoas gradas. Essa recepção, que obedeceu a todas as exigencias protocollares, revestiu-se de grande brilhantismo, sendo muito concorrida. Nesta pagina se vêem os srs. ministros da Guerra e da Marinha, e outras altas patentes do Exercito e da Armada, que foram apresentar cumprimentos ao chefe da Nação.

15 DE NOVEMBRO — Recepção no Palacio do Cattete

O corpo diplomático acreditado junto ao governo brasileiro e as missões ectrangeiras que o vieram cumprimentar, na data da Republica, emprestaram um cunho de alta distincção e brilhantismo á recepção realizada no palacio do Cattete, a 15 de novembro, e de que focalizamos aqui varios flagrantes, representando os illustres membros das embaixadas dos diversos paizes amigos, por occasião de sua visita de cumprimentos ao sr. presidente da Republica.

Officiaes da Policia Militar do Districto Federal e do Corpo de Bombeiros, que tomaram parte na solemne recepção do palacio do Cattete, com que a 15 de novembro o chefe da Nação commemorou a data da Republica.

A BALEIA DE COPACABANA...

Os jornaes, com grande espalhafato, annunciaram o apparecimento, em Copacabana, de uma baleia, que teria provocado espanto e alarme aos banhistas da nossa praia aristocratica.

Uma baleia, rondando a praia tranquilla, devia, na realidade, perturbar o socego dos banhistas, pondo em alvoroço os nervos das mulheres...

Houve panico e correrias, disseram os jornaes, como tambem houve arrojo da parte de alguns valentes, que se propuzeram a pescar a impru-

dente visitante dos lindos mares de Copacabana.

Não nos faltava nada mais.

Baleias, sim, baleias authenticas, pois que outras, ha muito já, faziam poiso nas areias alvas da praia...

Que coisa realmente espantosa, podre de chic!

As creaturas nervosas, que se dão ao prazer de banhar o corpo mergulhando-o na espuma das ondas acariciadoras, têm de mudar de habitos.

Altas patentes do Exercito e da Marinha, membros das missões militares estrangeiras e representantes do Congresso, no palacio do Cattete, por occasião da recepção official da data da Republica.

O banho em Copacabana tornou-se, agora, um perigo, pois, quem escapar da baleia no mar, será fatalmente victima dos terriveis tubarões de praia...

BALCÃO FLORIDO

Chegou, minha amiga, chegou até mim, a imponderavel e subtil caricia de seus dedos de... feiticeira. E sua pequena alma selvagem de sensitiva, esquecida ahi, nesse distante rincão da terra paulista, numa palpitação suavissima de rosas, veiu tambem até mim...

Sim — por que não confessar, se até da propria dôr, do proprio soffrimento se pode alguem orgulhecer? — soffri muito na vida, conheci "os desertos brancos e as areias quentes, que ficam depois de cada miragem desfeita nos crepusculos do amor" — como você diz, na sua linda e expressiva imagem.

Mas nem por isso desanimei; nem por isso deixei a meio do caminho a pesada carga da minha vida... Nem me abandonou jamais a esperança de encontrar, um dia, um refugio, um pouso alegre e florido, á sombra acolhedora e amiga de uma arvore, ou ao calor da lareira crepitante e festiva de um amor de cabana, dessas lindas cabanas, de que ha tantas por esse mundo afóra, que realizam o suave milagre daquelle conhecido apologo da felicidade: — *une chaumière et un cœur...*

Acreditará você, minha descrente e desencantada amiguinha, acreditará você, ainda, nesses "sortilegios" do amor, nessas tão simples e encantadoras "realizações" da felicidade que elle condiciona na terra?

E' possivel que não e estou, mesmo, a ver o sorriso sceptico, sem enthusiasmo, com que seus labios, que pedem beijos e pedem carinho, estillam, no emtanto, a gotta de amargura, a gotta de fel que um desengano, uma desillusão, talvez recente ainda, deixaram nos vasos delicados e finos em que você recolhe todas as flores de sua intensa emotividade.

Tudo passa, porém, minha amiga, como você, um dia, escreveu — tudo... até mesmo a grata e consoladora miragem de sua alma distante, que, neste momento, parece tão perto de mim, a acariciar-me a cabeça soffredora e inquieta, com seus dedos de fada, como uma irmãzinha desvelada e boa.

Estava triste, sim, quando respondi á sua ultima carta. Dominava-me a alma, sombreava-me o coração uma dessas vagas e incomprehendidas tristezas que, de vez em vez, cheias de infinito e de mysterio, nos assaltam e opprimem e angustiam. E as flores mesmas de meu balcão se, para o meio dellas você não tivesse trazido a consolação de sua visita, minha "selvagem" sensitiva, de alma fidalga e romantica, estariam, ainda agora, tomadas de indescriptivel melancolia. E' que ellas tambem se habituaram á miragem crepuscular com que você desce sobre o jardim acolhedor de meu coração, como uma avezinha timida, que viesse de longe, fugindo aos rigores da garôa paulista, para lhes contar lindas historias de... uma feiticeira, que não é má, mas que só por uma falsa comprehensão da vida, traz aprisionada, dentro de seu coração, uma princezinha encantada, que aguarda o milagre de seu desencantamento — o descerrar de seus olhos para o deslumbramento dos unicos sentimentos que ainda traçam, em letras illuminadas, de oiro, no azul sereno e claro dos céos, os dois grandes mandamentos da vida — a fé e o amor — a eterna verdade, que é Deus, e a divina mentira, que é a Illusão.

Um dia, elle — o seu Principe Encantado — virá e baterá á janella cerrada de seu coração, para o milagre daquella revelação. E, então, oh minha amiguinha descrente, você tornará, com outra alma, com sua alma "ungida de fé", ao ambiente mystico da capella onde você me fez o grande bem de rezar pela figurinha branca de alguem a quem muito amei na vida, e que se foi da vida sem a ter comprehendido, sem a ter soffrido...

Obrigado. Commoveu-me, profundamente, a espontaneidade, a delicadeza de seu gesto — um gesto que me revelou toda a bondade de seu coração de mulher...

A senhorita Alayr da Costa Pimentel, que é fidalga pelos seus encantos e pela sua graça, tambem o é por ser... princeza — «Princeza do Oeste» — como a chamam seus admiradores — ultimamente elevada á soberania de... «rainha» dos estudantes do Gymnasio de Campinas, no Estado de S. Paulo.

SOCIEDADE

Elegancia — Nos salões do Club dos Bandeirantes realizar-se-á no proximo dia 1.º de dezembro uma vesperal litero-dançante, em que tomarão parte prestigiosos elementos da nossa elite social e do mundo literario e artistico.

Começará ás 16 horas e irá até as 21, promettendo, assim, ser uma festa encantadora.

E' ella promovida pelo Circulo de Paes e Professores, do Grupo Escolar "José de Alencar" e em beneficio da caixa daquelle estabelecimento de ensino.

Dados os fins do referido festival, vem elle desper-

tando o maior interesse em nossos meios elegantes e artisticos. Para animar as danças, tocará um "jazz", composto de oito professores.

E' este o programma:

1.ª PARTE

Versos, pela consagrada poetisa Anna Amelia Queiroz Carneiro de Mendonça.

Canções brasileiras, pela applaudida violonista senhorita Stefana Macêdo.

Canções (violão), pela senhorita Jacy Barbosa.

Caricaturas, pelo grande artista e professor dr. Raul Pederneiras.

Topicos, pelo conhecido jornalista Miguel Costa Filho.

O grande e repentista poeta mineiro Belmiro Braga dirá no momento alguma cousa de sua lavra.

Solos de violão — Rogerio Guimarães.

Dirá versos de sua lavra o grande e immortal poeta Olegario Marianno.

Conto pelo principe dos prosadores brasileiros Coelho Netto.

2.ª PARTE

"Jazz-band" composto de oito professores, regida pelo eximio pianista Luiz Nunes Sampaio, que executará musicas modernas de seu variado repertorio, inclusive todas as novidades musicaes dos ultimos films falados e synchronizados.

Stefana de Macedo obteve, a 13 do corrente, no Theatro Municipal, ruidoso e legitimo successo com o lindo recital de canções ao violão que ali realizou. Foi uma encantadora noitada de arte, de pura arte brasileira, a que nos proporcionou a gentil e talentosa patricia.

SORRINDO...

Segundo referem noticias do exterior, alguns scientistas russos que, ha tempo, se entregam a meticulosos estudos sobre a possivel consanguinidade existente entre o homem e o macaco, acabam de chegar á conclusão de que, no minimo, seremos primos daquelles, se mais estreito ainda não fôr o parentesco.

O caso, como se vê, é grave, tão grave que os sabios sovietistas estão a fazer suas experiencias em sigillo, não divulgando seus resultados senão em parte, por temerem uma revolta popular.

E, debaixo do maior segredo, esperam cruzar a mulher com o primo... macaco.

Mas, agora, aqui em reserva, digam-me os que me lêem, com toda sinceridade: será isso, realmente, uma novidade?

Ou, desde que o mundo é mundo, e o homem é homem, e a mulher é mulher, um e outro não vêm, *tout de même*, como um casalzinho de macacos... macaqueando linda e deliciosamente esta vida que Deus nos deu?

Isso — longe de mim a heresia e a irreverencia — não importa dizer que estou pelo parentesco proximo, pela estreita consanguinidade entre nós e os detestaveis primos que os sabios dos soviets nos querem, agora, impingir. Não. Quero apenas concluir que o soi-disant parentesco não passa de uma questão de similitudes de attitudes, de gestos e de certas cositas mais, communs aos macacos das selvas e aos que se movimentam nos grandes centros civilizados, que somos nós... todos.

Aliás, já Nietzsche, perversamente, dizia: procuro os grandes homens e nelles não consigo descobrir senão os macacos de seus proprios ideaes...

Como *blague*, é deliciosa a conclusão a que dizem ter chegado os scientistas russos. Tomada a serio, porém, a coisa é positivamente grave, *excessivement sérieuse*...

O homem... um simio, um orangotango civilizado; a mulher, uma macaquinha *camouflée*, enfeitada, mesmo que seja uma macaquinha de... cheiro? Qual! Não ha geito de me conformar com essa inversão na ordem e divina e humana das coisas e dos seres!

Mas, não sei por que, ao me lembrar de certas macaqueações... humanas fico em duvida, perplexo, e com uma doida vontade de rir, mas de rir trepado numa arvore, saltando de um galho para outro... como o primo macaco.

Esta vida!... Bem que dizem os matutos de minha terra: quanto mais se vive, mais se aprende...

SEARA ALHEIA

JARDIN

HENRI DE RÉGNIER.

Par le dahlia pourpre et la sauge éclatante
Je vous salue au seuil de ce noble jardin
Où l'oblique gazon de la terrasse en pente
Encadre le Palais qui se mire au bassin;

Je vous salue en ce beau jour de bel automne
Dont la clarté rappelle un chant mélodieux,
Je vous salue en l'or léger qui vous couronne,
En la douceur de l'air et la douceur des cieux,

Et dans ce beau jardin où souvent, solitaire,
J'ai promené mon coeur pensif et mon pas lourd,
J'entends, parmi ses fleurs dont l'automne s'éclaire,
Marcher auprès de vous la Jeunesse et l'Amour.

TREPAÇÕES

ACREDITAMOS, piamente, que o escriptor esteja deveras apaixonado pela formosa dama de "olhos côr de ouro"... Acreditamos tambem que a dama esteja

Carlos Walter Neves, filho do senhor João Dias Neves.

apaixonada pelo escriptor de olhos côr... (Adivinhem a côr... Nós não a diremos...)

Elle é um forte rapagão, cheio de saude e talento. Aprumado na sua linha elegante, é natural que enchesse de admiração os olhos dourados de madame... Ella, por sua vez, — segundo elle a pinta, no brilho e no collarinho das suas chronicas, — poemas em prosa que Musset assignaria — ella, repetimos, é uma deusa... mythologica. Belleza deslumbrante como Diana, Aphrodite, Leda, e si quizerem — como as gregas Aspasia, Thais, Antigona, etc., etc.

Por tudo é justo que elles se tenham apaixonado, um pelo outro...

Mas a complicação de tudo isso está no facto della se ter arrependido antes... antes... de deixar o seu coração incendiar-se no fogo que abraza o coração do rapaz...

Mas arrependida de que? perguntarão. Diremos apenas que "á bon entendeur"...

OS velhos, quando amam, não são tão sómente ridiculos, mas tambem perigosos.

O velho capitalista que, sahindo da sua habitual pacatez familiar, está perdido de amores por uma creatura livre, parece não se persuadir do papel triste que vem representando, esquecido do respeito que deve á sociedade, para apparecer em publico, envolvido pela piedade dos olhares curiosos...

Na idade em que devemos nos preparar para a morte, purgando os nossos feios peccados da mocidade — na idade em que o nosso enlevo são os netos, elle resolveu tomar conta de uma creatura que não está, positivamente, ao alcance das suas mãos...

Mas, o velho capitalista não se contenta em acompanhar a rapariguita, exhibindo-a em toda parte, como presa preciosa.

Metteu-se-lhe na cabeça que nenhum bicho de calça deve olhar para a pequena, que tem um lindo palmo de cara. E vae d'ahi, por dá cá aquella palha, quer bancar

Maria Helena, filhinha do dr. Costa Miranda, nosso collega d'«O Jornal», e de sua exma. esposa, d. Helena da Costa Miranda.

o valente, ameaçando este mundo e o outro...

Qualquer dia, porém, ha de receber o castigo que a sua insolencia merece; e quando o seu nome apparecer nas chronicas policiaes da imprensa, o escandalo vae ser *gozado*.

Quando a gente perde o juizo, é uma tristeza...

MADAME, esquecendo-se dos deveres conjugaes, está amando desesperadamente o moço moreno, que, por signal, tambem é casado, e muito bem casado.

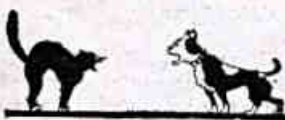
Madame perdeu completamente o juizo e não méde as consequencias dos actos que pratica, quando seis ma que o moço lhe fóge aos anseios do coração.

Por isso o telephone da repartição publica onde o moço trabalha, não pára um instante e *madame* suppõe que aquelles que attendem ás chamadas do apparelho estão na obrigação de lhe aturar o nervosismo.

Quando o rapaz não está, ella quer a viva força que lhe informem onde elle pára, e como isto nem sempre é possivel, *madame* replica, zanga, ameaça...

O outro dia, ella queria tomar um taxi para verificar si o burocrata dos seus cuidados estava realmente ausente da repartição, como si os companheiros de trabalho do moço tivessem alguma coisa com o caso...

Amor... Amor que, si não acaba, dará com o rapaz no 70 sul...

Alkindar, filho do dr. Monteiro Lobato, residente em Muquy, Estado do Espirito Santo.

A segunda partida da «melhor de tres» entre o Vasco da Gama e o America, realizada a 15 do corrente, no stadium do Fluminense, teve o mesmo desfecho da primeira: terminou com o empate dos dois clubs que disputam o ambicionado titulo de campeão carioca de football , e cujas forças se mantiveram em perfeito equilibrio de actuação.

A FUGA

III

UM dia — lembras-te? — nós dois subimos juntos a montanha, a pé e brincando como faziamos muitas vezes, e fomos ver uma nascente, o logar onde a agua brotava cristalina e alegre de entre as pedras para descer pela vertente e ir se derramar no grande rio silencioso que cortava as planices.

Como era alegre aquella manhã de maio! Havia tanto riso e tanta vida em tudo! As flores das paineiras, as petalas amarellas dos ipés, as trepadeiras silvestres e as florinhas medrosas da relva punham tanta graça e tanto esplendor no ar, que eu tive a idéa, tolo que era, de que a natureza se houvesse engalanado para tentar offuscar a luz dos teus olhos e o colorido suave de tua bocca e de teus labios.

Caminhámos.

Eu levava a alma cheia de uma ventura inexplicavel, repleta de uma felicidade que, — só agora o sei — nascia da volupia de te ver ao meu lado, de ouvir as tuas palavras, de sentir que rias commigo e a mim segredavas as tuas impressões. Tu, — então já eras a mesma mulher caprichosa e tyranna, — ias quebrando as folhas tenras que o orvalho molhava ainda, esmagavas entre os dedos as flores que mal abriam as petalas para a caricia do sol e que se offereciam á tua doce ferocidade com o resignado desprendimento de victimas que se dêssem a deuses inconscientes. Mal sabia eu, então, que mais tarde esmagarias com a mesma facilidade as illusões que o teu proprio sorriso gerou em meu peito...

E assim chegámos. A agua, pura como si o lodo da terra não tivesse poder bastante para manchal-a, brotava de entre as pedras, num impeto, saltando como si a sua força natural a impellisse para o alto, para o céo cujo azul ella copiava ao de leve. Em torno da nascente, o granito bruto da montanha se fechava, horrendo e feroz. Dir-se-ia que a brutalidade da rocha procurasse, num amplexo mortal, esmagar no seu apertão heroico o filete que brotava, quasi impetuoso, saltando depois de pedra em pedra, descendo sempre, cascateante, murmuro, como si o seu murmurio fosse uma gargalhada de escarneo atirada contra a impotencia da rocha que não pudéra guardal-a no seu ventre de colosso enciumado. Emquanto que tu, eterna criança, molhavas os dedos na lympha cujo frescor te arrancava risadinhas, eu, estranhamente esquecido de tudo, até mesmo de ti, pensava na curiosa irrisão daquella agua, fragil e insignificante, que fugia da montanha vencendo o cerco da força bruta, só porque a sua pureza jamais poderia ficar represada entre os muros toscos e immundos do granito pardacento...

Hoje, annos passados, lembrando aquella nascente que juntos vimos no começo da nossa mocidade distante, eu comprehendo que tenhas fugido de mim, comprehendo o abandono em que indifferentemente me deixaste. Espiritualmente, tu eras a lympha, requiosa de luz e de ar, ansiosa pela liberdade immensa das planicies que o sol doura. A minha alma simples de sertanejo, que mesmo depois do bafejo da civilização ainda é aspera como a rocha e secca como o granito, jamais poderia dar abrigo á volubilidade da tua natureza que desejava palmilhar o infinito do mundo como o rio o palmilha.

Partiste. Hoje, que te comprehendo, eu te perdôo. Lamento apenas, querida, que para chegar á planicie dos teus sonhos, precisasses descer tanto! Melhor seria teres ficado no coração da montanha, porque ella, ás vezes, na sua brutalidade inconsciente, toca as nuvens...

SENTIMENTALISMO E FUTILIDADE

— Teremos uma casinha pequenina, de portaes vermelhos, perdida nos campos vestidos de esperança.

De madrugada, quando o sol, pintor rico e interessante, dourar tudo, os passaros de sublime e harmonioso canto farão a festa dos teus sentidos, n'um deslumbramento de sons e côres.

A tarde vestindo o seu manto de crepe, — iremos, de mãos dadas, ouvir a tristeza do rio marulhante e admirar a serenidade dos lagos que reflectem pedaços de céo com lua e estrellas...

E quando estiveres escondida entre ramadas verdes de rosas em flôr, eu pensando aspirar o perfume do conjuncto de petalas, terei beijado a rosa vermelha da tua bocca — vermelha como as meninas ingenuas que ouvem, pela primeira vez, n'uma calida noite de verão, na cumplicidade do silencio, uma apaixonada confissão de amor...

Sentirás nos teus ouvidos, quasi n'um gemido, caricias de velludo. Nas noites de frio, dormirás nos meus braços. Continuarei poeta. Para nós, as borboletas serão flores vindas do céo, de ignota arvore, passando pela tinturaria do arco-iris...

...Uma casinha pequenina, de portaes vermelhas, perdida nos campos vestidos de esperança... e lá dentro...

— .... Um automovel, tambem, não é, meu amor?!

CARLOS MADEIRA

A senhorita Germana de Almeida da Costa Ferreira, gentil filha do casal Horacio da Costa Ferreira, contrahiu nupcias, a 14 do corrente, com o sr. Adhemar Alves Bebianno. A cerimonia realizou-se no palacete dos paes da noiva, na Tijuca, onde foram tomados os dois flagrantes desta pagina.

COCAINA

A crueldade masculina é humana; a feminina, é deshumana...

*

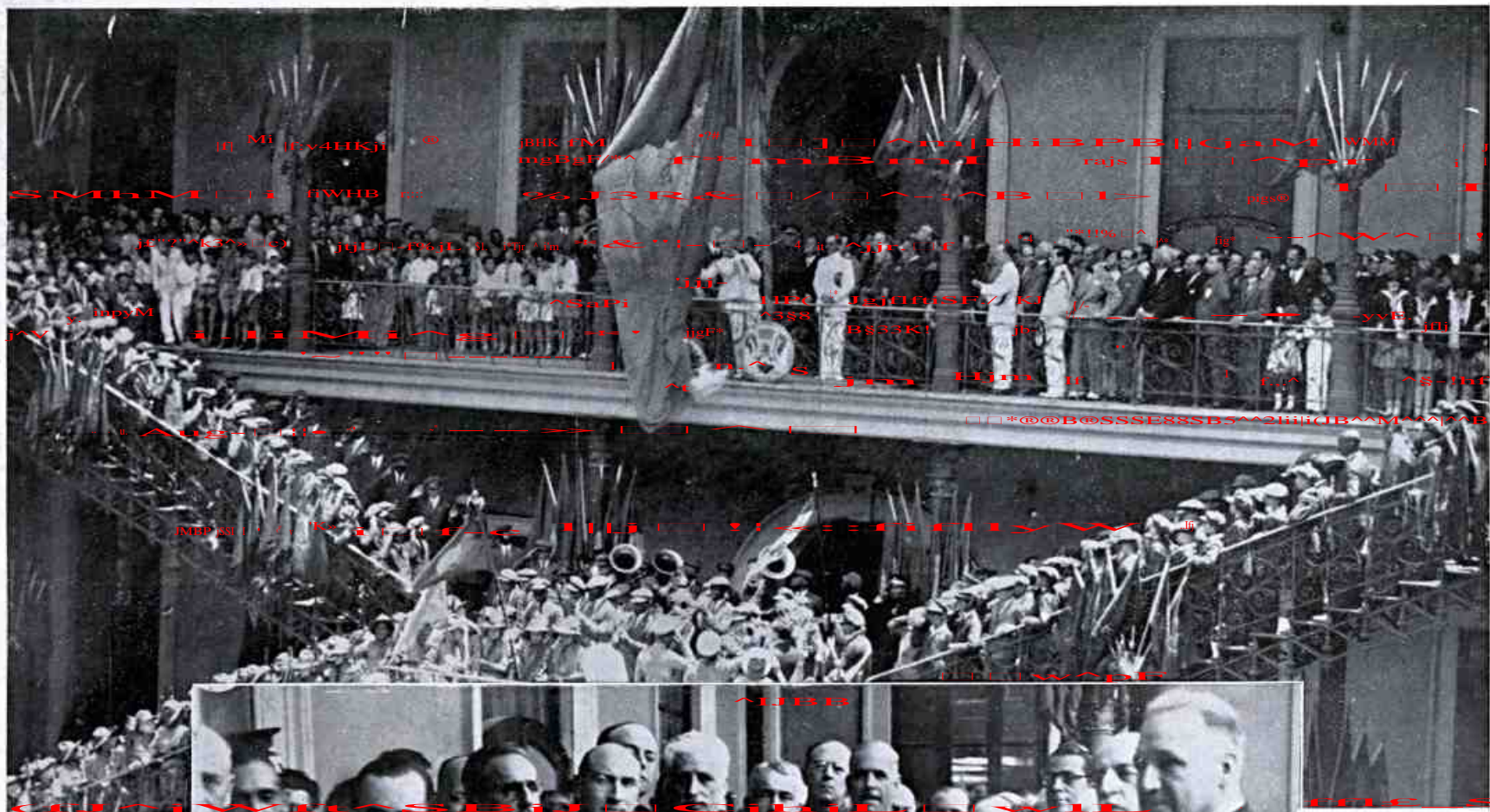
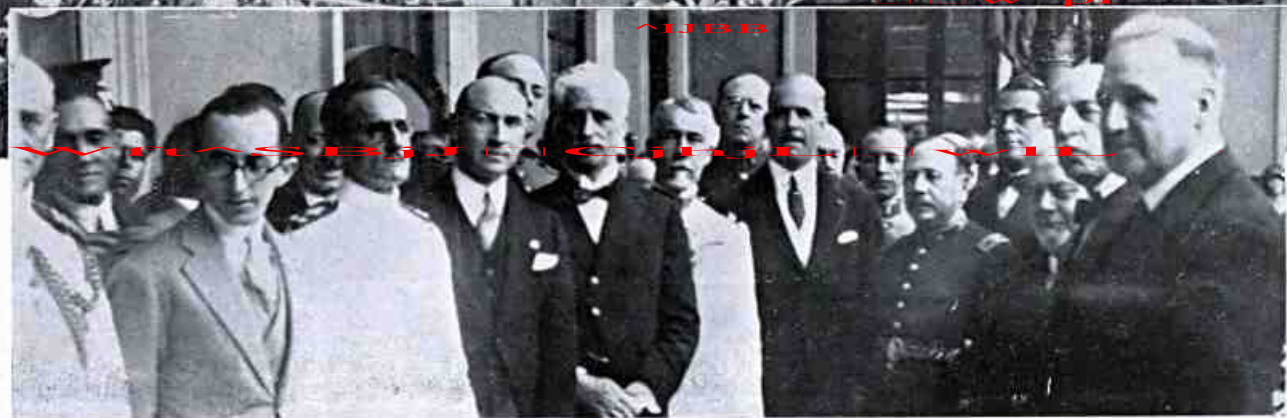
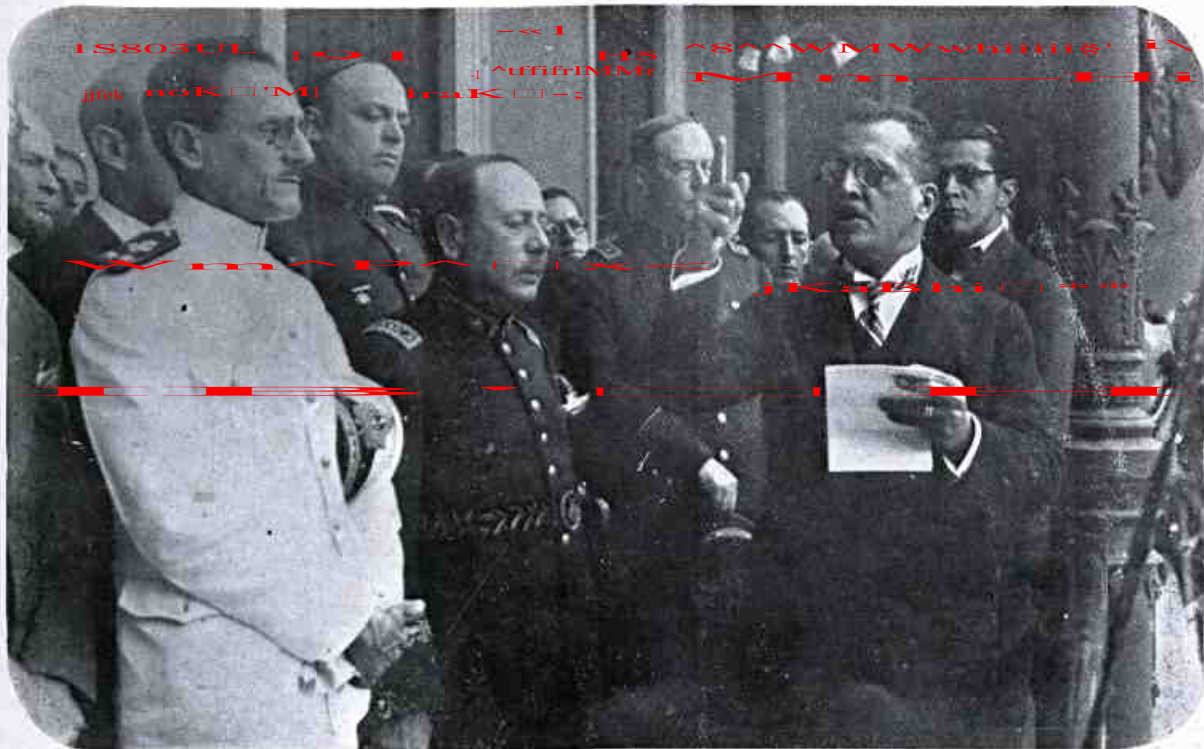
A historia dos nossos amores é a nossa Divina Comedia...

*

Saber beijar, doce peccado; sermos beijados, suave castigo...

*

O minuto do amor é o unico que não tem sessenta segundos, porque se resume numa só sensação!

MARION

Tiveram o brilho de sempre as tradicionaes commemorações do Dia da Bandeira, realizadas terça-feira no palacio da Prefeitura Municipal. Ao meio dia, presentes, além do governador da cidade, dr. Antonio Prado Junior, o representante do dr. Washington Luis outras altas autoridades, diplomatas, congressistas, militares, etc., teve inicio a ceremonia, com o hasteamento do pavilhão nacional ao som do hymno de Francisco Manoel e Osorio Duque Estrada, cantado pelos alumnos das escolas municipaes

O dr. Sampaio Corrêa na occasião em que pronunciava o seu discurso na Festa da Bandeira, terça-feira ultima realizada na Prefeitura Municipal.

ARABESCOS

Ainda me lembro do primeiro beijo que numa noite assim nos offertamos. Pela varanda, a noite constellada penetrava de manso, como um sonho. E em nossas almas, cheias de carinho, bailavam luares, scintillavam astros.

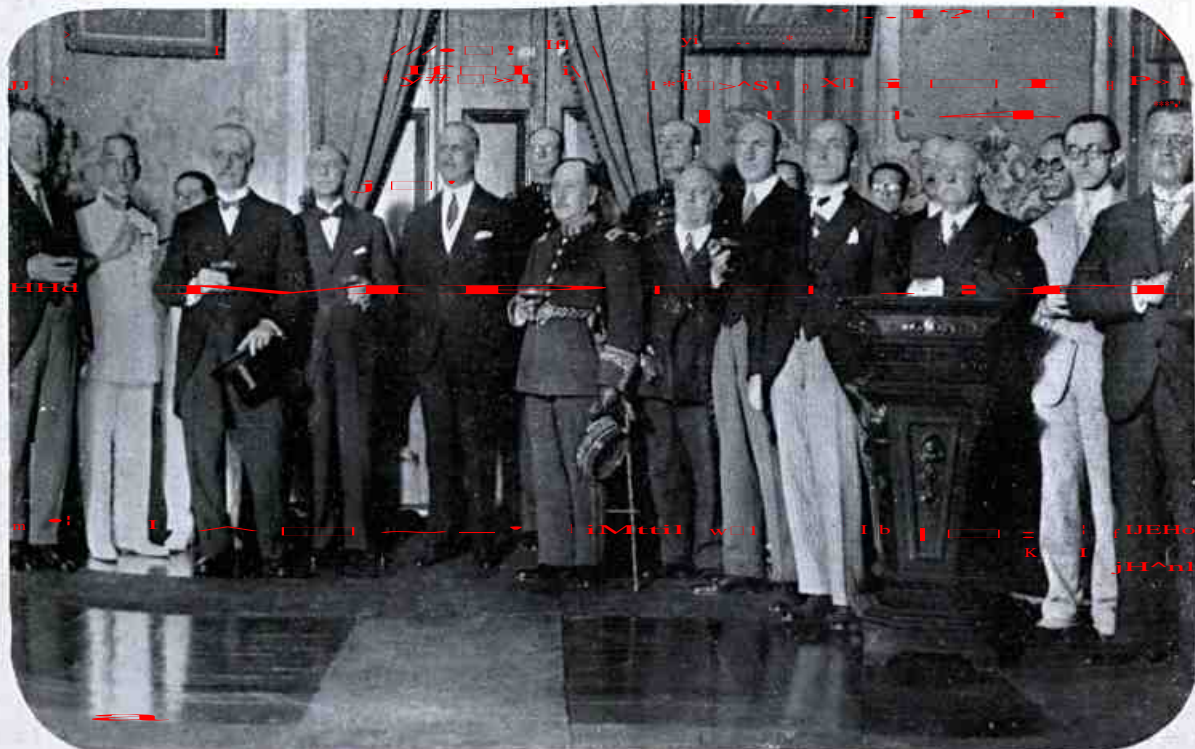
E o sabor desse beijo estonteante, como arremedo de felicidade, despertou novamente para a vida minh'alma triste, immensamente triste.

Fascinado do brilho dos teus olhos, embriagado de amôr e de ansiedade, quantos beijos te dei depois — nem sei! — procurando a delicia do primeiro!...

Nunca mais nos teus labios pequeninos pude encontrar um beijo igual áquelle.

Não te queixes, portanto, si te beijo agora com frequencia e com loucura.

Quem sabe lá? Talvez um dia eu possa ter a ventura de libar de novo aquelle beijo ardente que trocámos, pela primeira vez em nossa vida...

MARCOS ALÉM

O sr. prefeito Antonio Prado Junior com as autoridades presentes na solennidade do dia 19.

:: Painel de Azulejos ::

Numa conferencia de propaganda anti-alcoolica.

O orador:

— Certos productos alcoolicos são verdadeiros venenos fulminantes. Provou-o uma experiencia recente: deu-se a ingerir a um cão meio copo de certo whisky e elle morreu depois de horriveis convulsões... Sabeis o que isto quer dizer?

A voz dum chuva do fundo da sala:

— Que o wisky não foi feito para cachorro...

* * *

Meu velho, ando á procura duma pequena encantadora que me comprehenda e me ame.

— O que? Pensei que tinhas uma pequena deliciosa...

— Tive, mas não tenho mais. Casei com ella o mez passado...

* * *

Trocadilho:

— Como? Andas agora de mulctas? Ataxia?...

— Não, meu caro amigo. Foi um auto-taxi...

* * *

Anecdota parisiense:

— Ganhas bastante dinheiro. Por que não compras um automovel?

— Para que? Todos os meus amigos têm automovel.

— Então, podias adquirir uma

CÓCEGAS...

casa de campo, afim de passares o verão fóra da cidade.

— Para que? Todos os meus amigos possuem casas de campo.

— Pois, casa-te, homem! Assim não continuarás a viver sosinho.

— Casar-me? Para que? Todos os meus amigos são casados...

* * *

O homem celebre, olhando a placa de bronze collocada á porta da casa onde morou um homem celebre:

— Que porão daqui a alguns annos na casa onde vivo agora?...

Estupendo! Imagino como a fl... voro não brotaria si fosse viva...

* * *

Nos Estados Unidos, a mais recente brincadeira dos rapazes é convidar uma moça para um passeio nos arredores da cidade e, a alguns kilometros de distancia, fazêl-a descer sob qualquer pretexto e fugir rapidamente, deixando a pobresinha no meio da estrada e forçada a voltar para casa a pé.

Uma rapariga a quem um engraçado enganara desta sorte resolveu vingar-se. Acceitou o convite de outro e, na occasião em que se apearam, puxou um revolver do bolso e obrigou-o a despir-se. Depois, tomou o auto e tocou-se para a cidade, abandonando-o no mato, naquelle estado...

O sr. Walter Hillefeld, gerente da casa Herm. Stoltz & Co., foi, sabbado ultimo, homenageado pelos seus collegas e amigos, no Club Germania, por motivo da passagem do 25.º anniversario de sua entrada para aquella importante firma.

Um amigo perverso:

— Aluga-se ou vende-se...

* * *

Retalho dum jornal belga:

"Par instants, on entendait des miaulements de chats et de rats, qui succombaient á l'asphyxie."

Foi a primeira vez que eu vi rato miar junto com gato... Effeito da innundação...

* * *

Trecho do Roman inachevé de Edmond Jaloux, livro recente:

"... une sorte de jardin maudit où rien ne poussait qu'un arbre mort..."

Si a moda pega, quantas sorpresas ahi pela Gavea e pela Tijuca...

* * *

Batem á porta do camarim. A Estrella da revista grita lá de dentro:

— Não pode entrar. Estou me vestindo.

(Ella se acha de pyjama).

Dahi a minutos, a porta se abre. O cavalheiro entra. E a Estrella, preparada para o palco, semi nua, conforme o costume, diz:

— Desculpe, caro amigo, eu não estava em condições de recebêl-o...

D. Jayme.

Installada na sala 708 do arranha-céo da praça Mauá, edificio d'«A Noite», foi inaugurada festivamente, na tarde de domingo passado, a nova séde da succursal de «La Prensa», o grande diario portenho que tem como correspondente nesta capital o nosso collega R. Dupuy de Lome Moreno, que nos dirigiu amavel convite para assistirmos a essa solennidade.

VERBO AMAR...

Que lindo é o verbo amar!...

Eu amo tudo o que é suave, tudo que é lindo e emocional!

Amo as sêdas e os arminhos cariciosos...

Amo as pelles e os velludos voluptuosos...

Amo as joias fulgurantes como estrellas e como os olhos amados...

Amo o luar, a luz solar, a luz, quer seja ou não natural, porque os seus beijos contornam todas as coisas bellas...

Amo os versos mimosos que me vêm beijar a alma como o luar que ondeia, travesso e gracioso pelo meu vestido de seda...

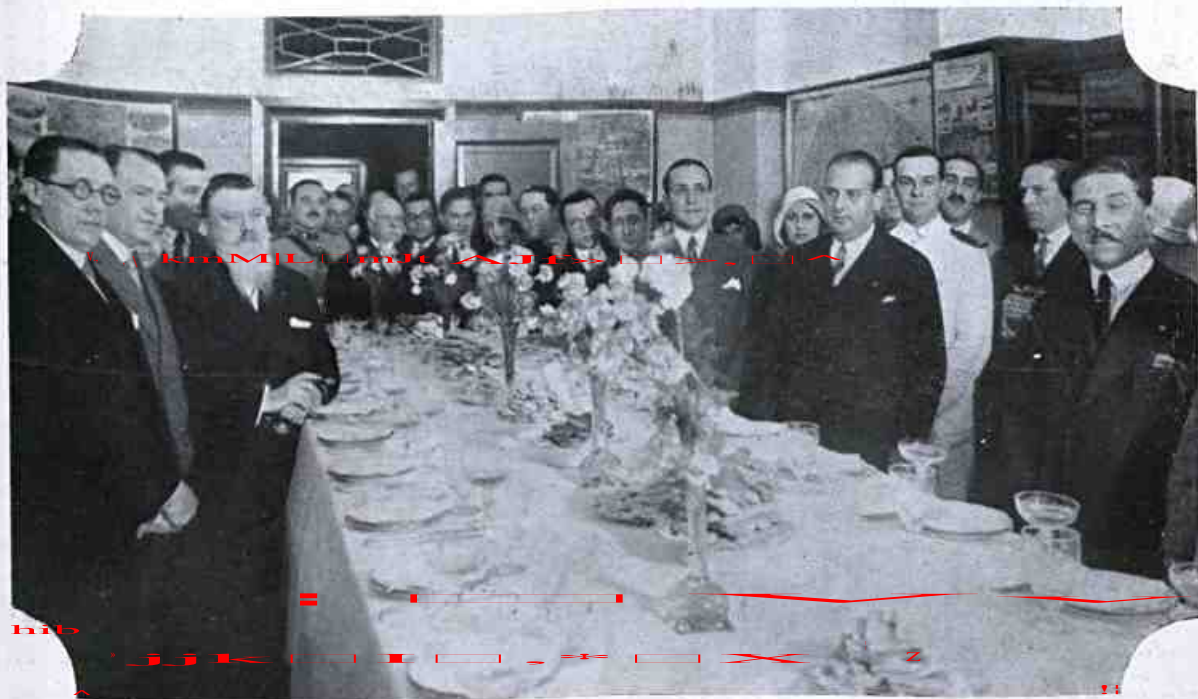
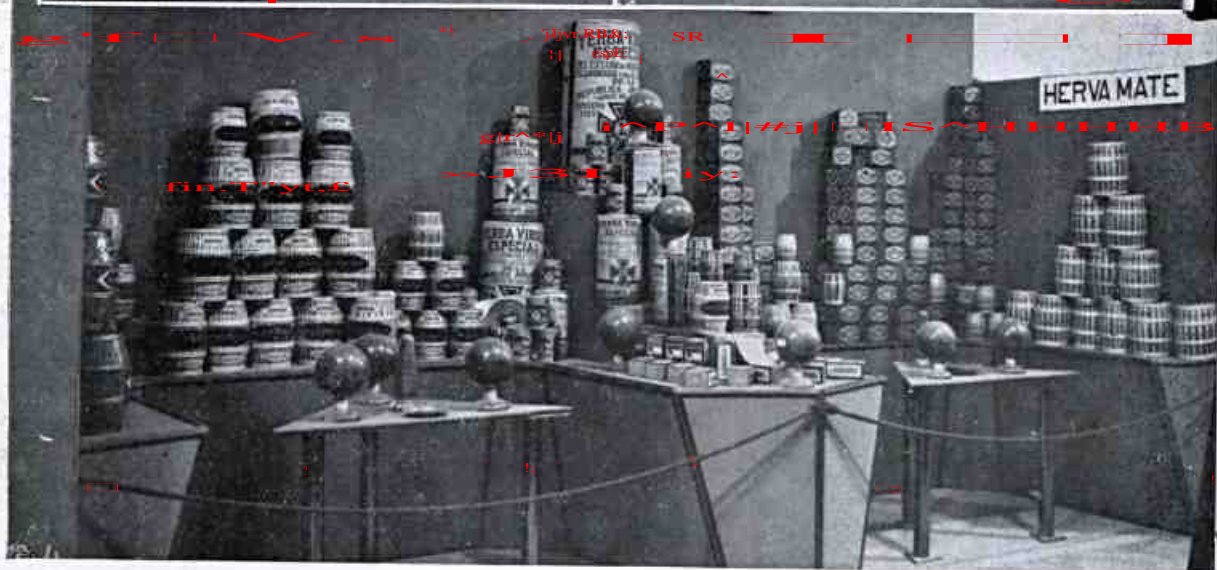
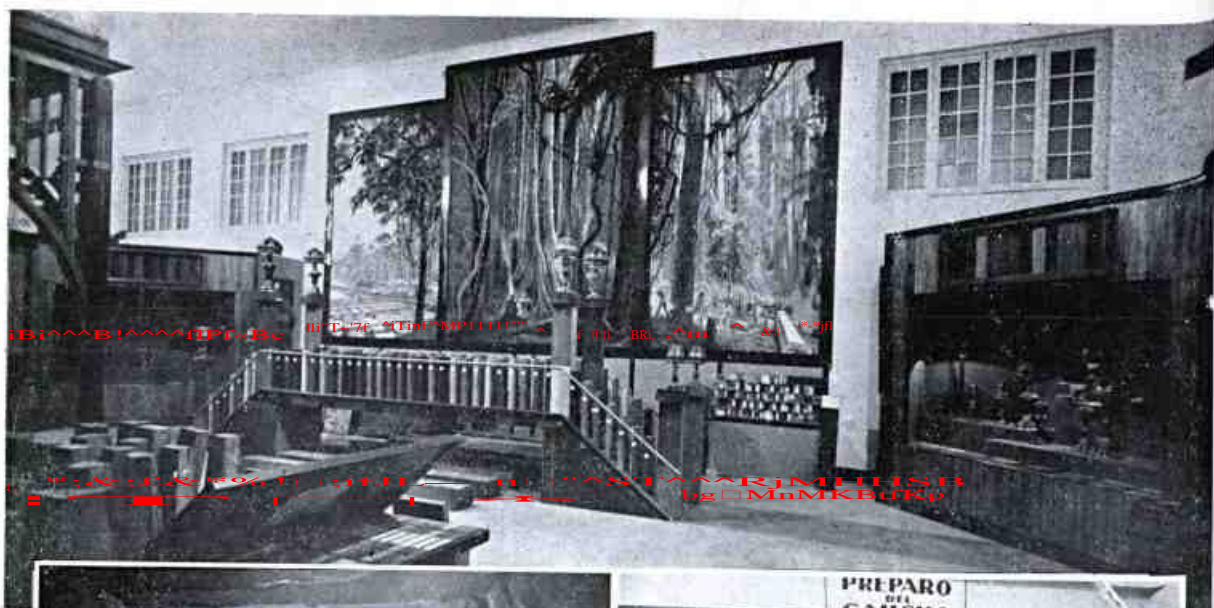
Amo a musica como amo a poesia!

Amo a dança, como amo a esculptura!

Amo a pintura como amo a Natureza!

Amo a Natureza porque amo a Deus, creador supremo das supremas bellezas!

E eu te amo, a ti, meu doce amor, porque amo o meu Deus, o artista sublime que te esculpiu e animou!...

Eu amo o verbo amar...

A inauguração da nova séde da succursal de «La Prensa», realizada domingo á tarde, foi uma festa brilhante, que teve não só a presença de varios jornalistas, mas tambem a de outras figuras de destaque social e alguns diplomatas sul-americanos, entre os quaes o sr. ministro do Uruguay. O flagrante acima fixa um aspecto da mesa de doces que o senhor Dupuy de Lome Moreno offereceu aos seus convidados, por occasião da cerimonia.

Varios aspectos do pavilhão do Brasil na Exposição Ibero-Americana de Sevilha, vendo-se, na ordem da collocação das gravuras: Secção de Madeiras, com pinturas, no centro, do artista Hans Nobauer; Secção de Carvão — mina de carvão, plastica, tamanho natural, executada pelo mesmo artista; Secção de Borracha, trabalho plastico, do referido pintor, e Secção de Alimentação — Herva-Matte.

O Vestido Lilás

Tão singelo e tão lindo! Um vestido novo é sempre uma nova emoção.

E quando esse vestido, esse poema de sêda tão amado, é da côr da Saudade, da Saudade enluarada de Amor... que lindo fica!

Um lilás que desmaia de emoção no tafetá heráldico entre doces reflexos de luar prateando as curvas ociosamente... que bem que fica esse vestido lindo!...

Sinto-me Princezinha de Sonho, tremula de ansiedade e de emoção, vibrando de amor e de suavidade, a suspirar em segredo pelo nostálgico Principe Encantado dos meus mais caros ideaes de virgem!...

Eu amo o lilás dolente e lindo porque é a côr que melhor traduz o meu constante estado d'alma...

Desde que o visto, não vivo mais... sonho! Sonho que a minha vida é o lindo sonho, a eterna primavera que me canta n'alma!

Como póde florir na Primavera eterna do meu coração o cardo rude?

Por que vêm, de envolta com a profusão de rosas do meu rosal de amor, a perfida agudez dos aculeos venenosos?...

Baroneza de Brancoion

O Pavilhão do Brasil na Exposição Ibero-Americana de Sevilha, no dia de sua inauguração, vendo-se, no centro da porta, na photogravura do alto, S. M. Affonso XIII; á esquerda, o delegado geral, dr. José Vergueiro Steidel, e á direita, o ministro do Brasil, na Hespanha, sr. Luiz Guimarães Filho. As outras gravuras representam: um aspecto do pavilhão brasileiro e a Secção de Café, no mesmo, com pinturas, no centro, do artista Hans Nobáuer.

AS VIAGENS DE TURISMO DO LLOYD BRASILEIRO

A actual administração do Lloyd Brasileiro acaba de dar inicio a um emprehendimento que muito recommenda o acerto e o alcance das providencias que vem adoptando no intuito de intensificar cada vez mais o movimento da importante frota da companhia.

Possuindo optimos vapores, com todos os requisitos das mais modernas installações exigidas pelos passageiros, o Lloyd Brasileiro, que tem hoje, á sua frente, como director-presidente, o illustre patricio sr. Amantino Camara, e como director-technico o commandante Romeu Braga, inaugurou, na penultima quarta-feira, 13 do corrente uma nova linha de commercio e de turismo — Manáos-Buenos Aires — cujas vantagens e resultados praticos já se vêm fazendo sentir. O paquete «Almirante Jaceguay», que iniciou a nova carreira de excursão, levou desta capital com destino a Buenos Aires, numerosos turistas, já estando tomada, na secção de passagens da Empresa, toda a lotação do «Campos Salles» que, hoje mesmo deixará o nosso porto com aquelle destino.

Com essas viagens de turismo, para o Prata, a preços commodos, a administração do Lloyd Brasileiro tomou uma iniciativa merecedora do mais justo louvor, não só encarada no seu aspecto commercial, como no moral, no trabalho de approximação continental do maior estreitamento das relações e das communicações entre nós e os nossos vizinhos das republicas platinas. Ao mesmo tempo, os Estados do septentrião brasileiro ficarão tambem servidos por uma linha directa, que os ligará ao Uruguay e á Argentina, o que trará, em consequencia, as melhores possibilidades para a intensificação de seu intercambio com estes dois paizes do continente.

As gravuras que illustram esta pagina representam um aspecto colhido no cáes do porto, vendo-se no grupo, além dos illustres director-presidente e director-technico do Lloyd, srs. Amantino Camara e Romeu Braga, os srs. Camargo de Macedo e Frederico Schmidt, auxiliares da directoria, e outros funccionarios da Empresa. Em baixo, o «Almirante Jaceguay» e, no centro, numerosos excursionistas no convez do confortavel paquete, prestes a zarpar para Buenos Aires.

A cultura do trigo em S. Paulo

Dr. Fernando Costa, secretario da Agricultura de S. Paulo, o grande propugnador actual da cultura do trigo nesse grande Estado.

Desde os tempos coloniaes a cultura do trigo constitue uma preoccupação paulista. Frei Vicente do Salvador e Sebastião da Rocha Pitta falam da sua importancia nessa epoca. Havia, então, em derredor da cidade actual de S. Paulo, derramados por valles e montes, campos cobertos de trigaes louros. Nos testamentos e inventarios paulistas do seculo XVII, Alcantara Machado encontrou referencias a plantações de trigo, moinhos e instrumentos para esse cultivo, e depositos de muitos alqueires do precioso grão. A documentação historica demonstra que o trigo era bem cultivado em Itacoatiara, Guapira, Itupeva, Itapecerica, Quitaúna e Parnahyba. As searas do famoso Amador Bueno, conforme dizem historiadores, eram notaveis. E, em 1609, S. Paulo exportava trigo para o Rio de Janeiro.

A' sahida do Instituto de Expansão Commercial, na Avenida das Nações, no Rio de Janeiro, quando se exhibiu um film sobre o trigo em S. Paulo. O sr. presidente da Republica, casa civil e militar, o representante do governo paulista, sr. L. C. Colti, o sr. ministro da Agricultura e o dr. Delfim Carlos.

Apesar da observação e da historia ensinarem que o trigo é a maior riqueza agricola sobre que se pode basear o progresso dum paiz, pouco a pouco elle foi sendo abandonado nas regiões paulistas. E' que a descoberta das minas attrahia pela aventura e pelo lucro facil todos os bandeirantes. Durante o seculo XVIII morreu de todo a cultura do trigo em S. Paulo. Della pouco se falou no seculo XIX. E coube aos estadistas do seculo XX fazêl-a resurgir. Entre elles, em primeiro logar se conta o eminente dr. Fernando Costa, cujos esforços em prol de tão benemerita obra de enriquecimento do Brasil merece o apoio e o elogio de todos os patriotas.

No dia em que o grande Estado conseguir produzir trigo em quantidade sufficiente para abastecer o paiz, ou pelo menos grande parte delle, teremos dado o maior passo possivel para nos libertarmos do estrangeiro, economicamente. E é consciente dessa emancipação que age o illustre titular da pasta da Agricultura em S. Paulo. A cultura do trigo é um dos mais importantes problemas da economia nacional. Pôr-se decididamente ao seu lado como o tem feito o governo do eminente sr. Julio Prestes é uma demonstração por si só sufficiente da clareza de vistas e das preoccupações de sadia brasilidade dos estadistas da terra dos bandeirantes. A intensificação da cultura do trigo representa necessidade imperativa e urgente. Os homens de governo da Paulicéa comprehendem isso e dahi a dedicação que lhes merece a mesma, da qual vão colher resultados opimos.

Nos primeiros dias de dezembro vindouro, realizar-se-á em S. Paulo a falada "SEMANA DO TRIGO", sob a direcção do dr. Fernando Costa. S. Exª verá, então, o effeito do seu incansavel trabalho a pról da constituição dessa fonte de riqueza. Correm noticias de que a producção deste anno a ser apresentada no brilhante certamen é de dez mil saccas, o que representa já alguma coisa para o pouco tempo de iniciativas officiaes e particulares em beneficio da nova e preciosissima lavoura. Todos os productores de trigo comparecerão ás reuniões e exposições da alludida semana.

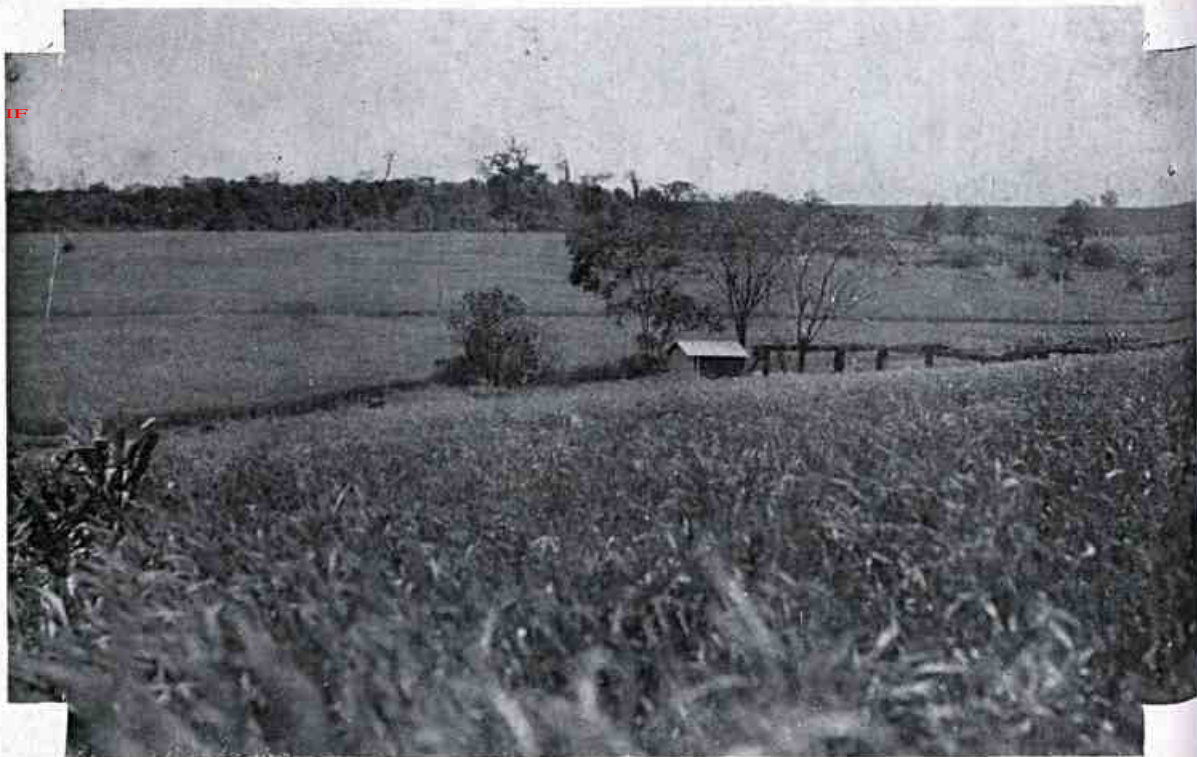
E' bem certo que dez mil saccas são ainda uma producção relativamente pequena. Entretanto, isso significa um passo notavel em novo rumo agrario e um fecundo exemplo que S. Paulo dá a todo o paiz. O presidente Julio Prestes fez optima escolha quando entregou ao dr. Fernando Costa a pasta da Agricultura. Esse estadista moço e

Trigal entre cafeeiros novos, de 1 anno, aproveitando o espaço das ruas. Marilia, S. Paulo.

O dr. Fernando Costa, illustre secretario da Agricultura do Estado de S. Paulo, que tem tomado patrioticamente todas as medidas ao seu alcance para o desenvolvimento da cultura do trigo no grande Estado, no seu gabinete de trabalho.

culto, activo e intelligente, imprimiu ao seu departamento uma directriz segura. E hoje seu nome se prestigia com o apoio enthusiasmado de todos os agricultores paulistas. Além de technico competentissimo, o dr. Fernando Costa se tem revelado notavel homem de governo, cuja actividade abraça todas as faces de qualquer problema. E a sua benemerita acção pela lavoura do trigo demonstra de sobejo o seu idealismo fecundo e o seu espirito pratico admiravel.

S. Paulo não se pode mais ater

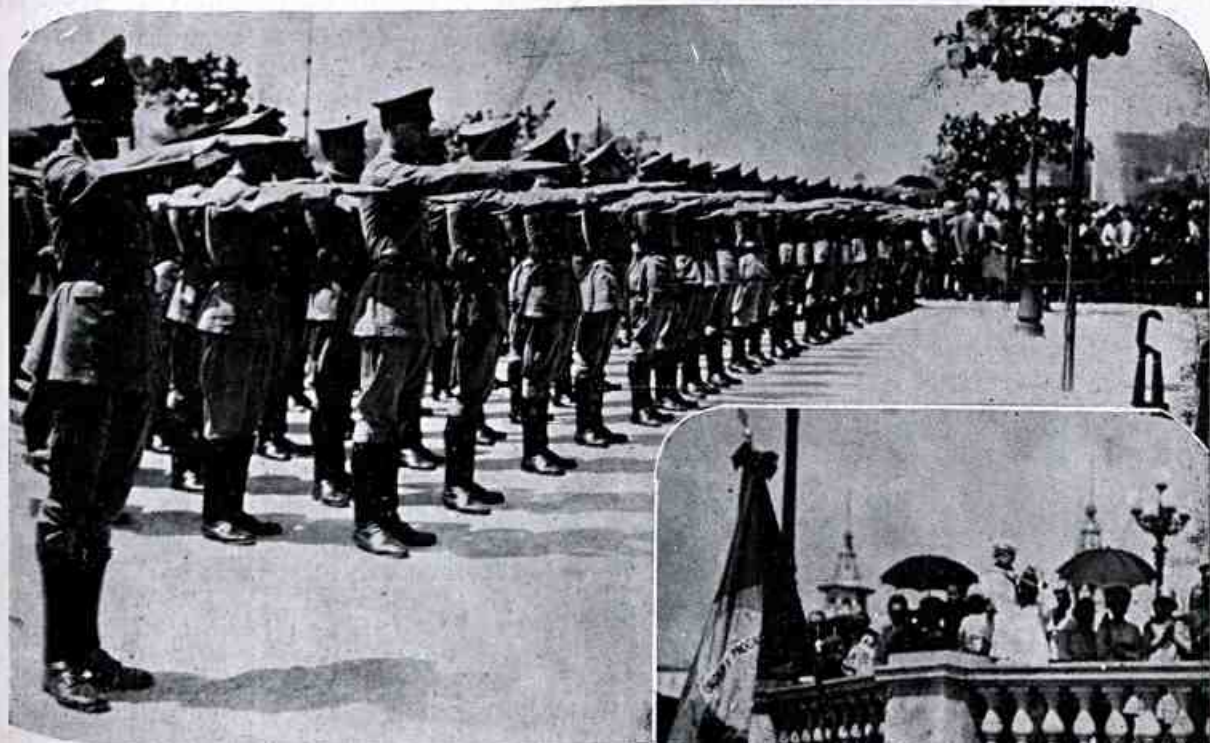
Trigal em Chavantes, S. Paulo. Vê-se o sr. deputado Mello Peixoto, proprietario da cultura.

Trigal em Rio Claro, Estado de S. Paulo.

somente á onda verde dos cafesaes. Elle busca na polycultura mais amplo desenvolvimento. E o trigo o seduz. A Directoria do Fomento Agricola, a cargo do competente dr. Cyro Godoy, distribuiu somente este anno 12 toneladas de sementes de trigo escolhidas e já se cultivam com esse cereal 314 alqueires de terras. Além disso, gera-se o habito de entremeiar com trigo os cafésaes novos. As sementes vieram de Pedras Altas, no Rio Grande do Sul, de Ponta Grossa e Curityba, no Paraná, sendo das seguintes variedades: Artigas, Polysú, Florence e Americano. Releva notar que o grão do trigo paulista é superior em tamanho e qualidade ao argentino, segundo o estudo comparativo já effectuado.

O interesse dos lavradores paulistas pela cultura do trigo é tal que, para o anno, o serviço respectivo terá de, para attender os pedidos, distribuir quinhentos mil kilos de sementes!

Distribuição de adubos chimicos (apatite do Ipanema) na cultura de trigo, em Remanso (Araras), S. Paulo.

Grupo na residencia do sr. Alfredo Rebello Nunes, por occasião da festa intima com que foi ali commemorado o anniversario da senhorita Augusta Nunes, filha daquelle industrial.

Os novos reservistas da Escola de Instrucção Militar numero 4, mantida pela Associação dos Empregados no Commercio, prestaram solenne juramento á Bandeira na manhã de 15 do corrente. As altas autoridades militares compareceram a essa patriotica ceremonia, que se realizou em frente ao theatro Casino e se revestiu de grande brilhantismo.

PUBLICAÇÕES INFANTIS

Da conhecida Livraria Odeon, da firma Soria & Buffoni, á Avenida Rio Branco, recebemos varios exemplares das interessantes revistas infantis, estrangeiras — *La Semaine de Suzette*, *La Jeunesse Illustrée*, *Il Corriere dei Piccoli* e *Puck*, além de um numero do jornal de modas, tambem para creanças — *Jeunesse Parisienne*.

Um Máo Negocio

De Rodolpho R. Guichou

NAQUELLE sabbado, se vende em leilão uma casa no Palmeiras, em frente do botequim do *seu* Pedro, a poucos metros da estação. O leilão foi annunciado apenas com o cartaz de fundo vermelho na porta da propriedade. Conseguiu isso Elias Misky, amigo do leiloeiro e unico interessado em adquirir a casa. Misky receia, apesar disso, que de algum dos trens que cheguem antes das onze — hora do leilão — desça algum pretendente. De sorte que, logo depois de tomar o café, cedinho, Elias foi para a estação. E lá anda nervoso e inquieto, percorrendo a pequena praça, e matando os intervallos com varios copos de agua no botequim de *seu* Pedro.

Como bom negociante, *seu* Pedro é muito indagador. Procura, assim, saber o motivo da preoccupação de Misky.

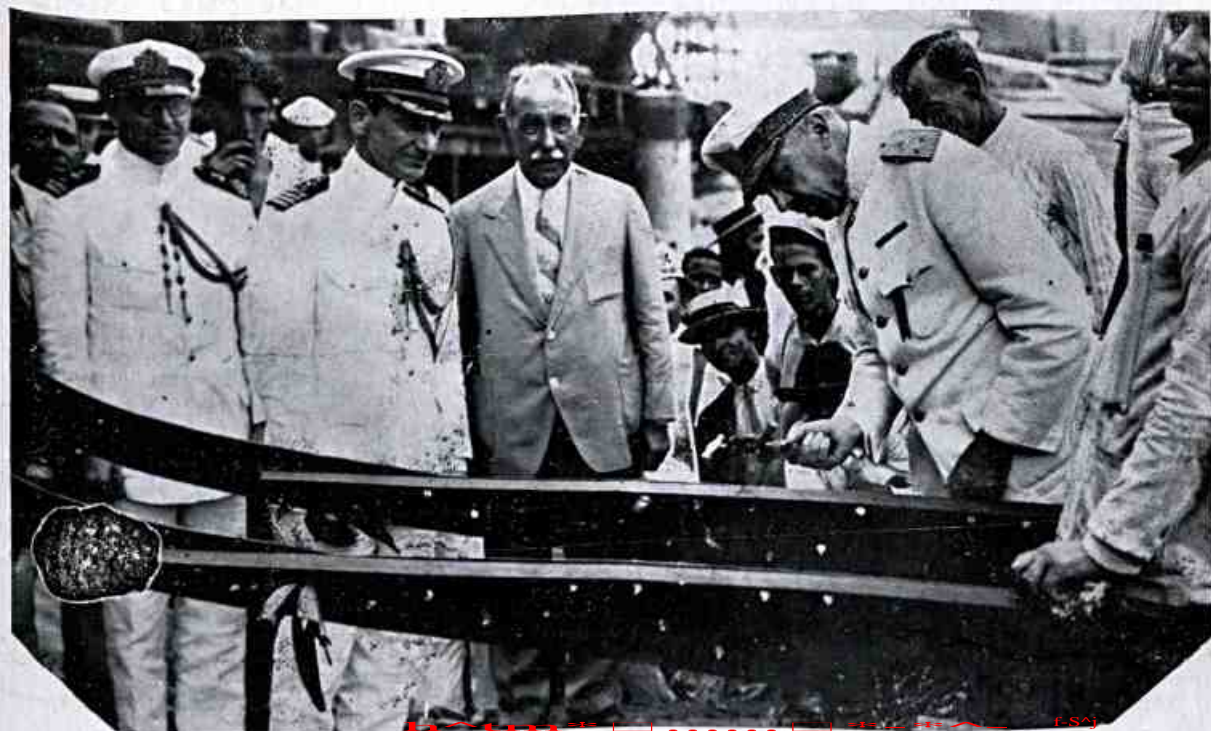
— Ha apenas um individuo — consola ao interessado — que talvez queira arrematar a casa... Quando elle chegar, eu lho mostrarei.

COMO no verão anterior, Ricardo Prun chega todos os sabbados a Palmeiras no trem das 10 e 44. Tambem, exactamente como no verão anterior, chega bem barbeado, bem vestido, bem calçado e bem lustroso. Os trinta annos, a cara illuminada de alegria, o aspecto festivo daquelle homem parecem confirmar o que suspeita *seu* Pedro: que Prun tem noiva por alli. Ha detalhes inequivocos: depois de se refrescar com um chopp duplo, occupa o mais vistoso dos automoveis de aluguer, faz um quatro com a perna esquerda, e dá o nome de um hotel onde se acham hospedadas varias moças casadoiras. E lá vão, todos os sabbados, o auto mais vistoso, elle e um ramo de flores...

— E' esse — diz o dono do botequim a Elias Misky, assignalando a figura correcta de Ricardo.

O interessado duvida. Prun ostenta muita elegancia. Não parece comprador de uma casa em Palmeiras. Duvida, e diz a *seu* Pedro:

— Esse menino bonito não compra cousa alguma! ...

As Industrias Reunidas Caneco S. A., com estaleiros á praia do Retiro Saudoso, n. 182, realizaram, sabbado ultimo, solennemente, o lançamento do rebocador de alto mar «Wandenkolk», construido para o Ministerio da Marinha, que o destina ao serviço das capitanias de Portos. A cerimonia foi festiva e teve a presença das altas autoridades navaes e outras pessoas gradas, além de elevado numero de senhoras. Paranymphou-a a senhora d. Vera Caneco Orosco. Por occasião do baptismo e lançamento do rebocador «Wandenkolk», foi batida a quilha da barca-quartel encommendada ainda pelo Ministerio da Marinha para praticagem e destinada á Inspectoria de Portos e Costas. Aos convidados das Industrias Reunidas Caneco S. A. foi offerecida uma taça de «champagne», tendo nessa occasião saudado os presentes o sr. Vicente dos Santos Caneco, director-presidente da Empresa.

UM MÁO NEGOCIO — (Conclusão)

Está em jogo a perspicacia do dono do botequim. Sua palavra conjectural nunca foi discutida. *Seu* Pedro apoia sempre suas supposições em uma base duplamente solida: directa indagação verbal e directa observação de seu estabelecimento. Para dissipar a duvida de Misky, avança esta indiscreção:

— O typo anda noivando por aqui... E... você bem o sabe... *Quem casa, quer casa*...

— E' claro!... — concorda, convencido, o amigo do leiloeiro.

*

PRUN bebe um chopp duplo, emquanto Misky, a certa distancia, o observa. O supposto noivo e supposto arrematante olha vagamente para a rua. E como em frente está a casa em leilão, Elias conclue que *seu* Pedro tem razão.

Misky pensa que seu competidor no leilão ha de ser accessivel a uma proposta de accordo. Com a fé que põe sempre em seus negocios, aborda resolutamente Prun:

— A casa não é para um moço como o senhor... Não vê...

O interpelado não comprehende. Teme estar em presença de um maluco. Olha a casa da frente e lê o cartaz do leilão. Tal circumstancia lhe esclarece a interpelação de Elias. Não é, porém, o bastante para romper o silencio. Ninguem se arrepende de pouco falar.

Misky volta á carga:

— Si o senhor não tem muito interesse... poderiamos entrar num accordo...

Innatamente sagaz, Ricardo comprehende tudo e acha tentadora a proposta. Nunca se metteu em negocios. E' verdade que o não fez por uma razão fundamentalissima: jamais contou nem com dinheiro disponivel nem com credito. Mas a falta de pratica nesse terreno não é um óbice para elle. Ricardo é desses homens que andam na vida como os viajantes sem passagem no rapido paulista: ou o conductor os atira pela janella, ou o trem os leva ao seu destino... Ricardo finge indifferença e pede um prazo para reflectir.

— Mas o leilão vae começar — exclama Elias, vendo que alguns curiosos contemplam a bandeira do leiloeiro.

— Eu estava disposto a arrematal-a — diz, mentirosamente, Prun, com *pose*.

— Mas, não lhe convém... Veja...

— E' que eu...

— Sim, já sei... Mas aqui... Si o senhor não tem muito interesse...

E como o outro continúa simulando indifferença pela proposta, Misky faz uma atropelada firma:

— Veja... Podemo-nos arranjar... Eu lhe dou um conto de réis e o senhor não vae ao leilão... Assim ficamos bem...

Elias põe a mão no bolso para demonstrar que está disposto a dispôr daquella importancia. Ricardo abre muito os olhos. Tem, nesse momento, apenas o dinheiro para pagar o automovel, sobrando-lhe uns cinco ou dez mil réis. Um conto de réis é para elle uma fortuna. Tal quantia equivale a dois mezes de seu ordenado na companhia de seguros onde trabalha. Dahi o se apressar em *pegar na palavra* de Misky. Não devia perder a opportunidade...

— Venha o conto de réis!

Trato feito, trato pago, trato cumprido. Prun toma o mais vistoso dos automoveis de alugel e não esquece o ramo de flores...

*

RICARDO dorme em Palmeiras e regressa á cidade todos os domingos no trem das 4 e 37. Por excepção, entra nesse dia, antes de embarcar, no botequim de *seu* Pedro afim de tomar um chopp duplo. Talvez o attraia o logar onde, na manhã anterior, realizou, sem esperar e impensadamente, seu primeiro negocio.

O dono do botequim alegra-se ao vêl-o. *Seu* Pedro é emotivo e compartilha dos pezares e das alegrias de seus freguezes conhecidos. Sabedor do negocio com Misky, felicita o supposto noivo e frustrado comprador. Com o braço direito no angulo agudo e com o punho bem apertado, expressa, na linguagem dos gestos, o qualificativo *pelludo*.

Prun se faz de desentendido. *Seu* Pedro preoccupava-se. Recorda o supposto noivado de seu freguez e se arrepende da expressão mimica. Pensa que a noiva póde ter brigado com o rapaz porque este não comprou a casa. E como, por seu bom credito de botiquineiro, precisa saber até as consequencias domesticas do episodio, interroga, directamente:

— Que tal se foi com a casa?...

E' necessario mentir para se fazer sabido nos negocios. Até que extremo convém a Prun estirar a mentira nesse momento?... Hesita em resolvel-o e se decide, afinal, pela verdade. Analysa a operação da manhã anterior, e chega a esta conclusão: devia ter pedido dois contos de réis, em vez de acceitar um na primeira proposta. Sua resposta, reflecte, portanto, um momento de sinceridade:

— Fiz um máo negocio...

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

CINEMA GLORIA

ALMA CAMPONEZA — Da Brasilian S. Cross

Temos a impressão, aliás dolorosa, que este film foi o *suicidio* artistico da formosa sra. Lia Torá. Por que?... Vamos dizel-o, o melhor que nos fôr possivel, no convencimento de que o lamentavel caso não se deu por culpa sua, visto que é claro o esforço que a *estrella* brasileira empregou para se levantar no pastoso romance da acção, para se libertar dos simplorios liames em que lhe envolveram a figura. Principiemos pelo argumento. A acção decorre n'uma aldeia de Portugal. D'aqui se originam certas exigencias de indumentaria, de enscenação, de ambiente, que no film desastrado do sr. Julio de Moraes, falharam quasi em absoluto. Se dissessemos, por exemplo, que a acção decorria n'uma aldeia italiana, o caso era o mesmo. Mas continuemos no argumento. E' simplesmente crú, isto é, falho de vida, de sequencia, de razão, um romance de amor feito em tres pulos. Mal nos percebemos do principio já chegamos ao fim. Entretanto, n'uma aldeia de Portugal, em qualquer das suas ridentes provincias, era facil traçar as linhas movimentadas d'um empolgante e gracioso drama de amor, tão cheio de sentimentalidade e de graça é a alma d'aquelle povo. E', pois, um argumento chôcho, apagado, sem vida. Na realisação, no pormenor, na direcção, emfim o sr. Julio de Moraes foi infelicissimo. Temos alli a designação de *alcaide* para a autoridade policial d'uma aldeia. Alcaides em Portugal! Onde está a cabeça deste director? Ha quasi dois seculos que não ha alcaides em Portugal. São regedores de justiça, sr. Julio de Moraes, regedores! Onde se viu, n'uma casa de aldeia, em Portugal, beber-se vinho em canecas allemães de cerveja? Em que recanto, do Minho ao Guadiana se viu um lavrador puxar os seus bois de lavrar por uma corda? Que imagina este director de filmes que seja um engenheiro na

---

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

Telephone Norte 4424

AVENIDA PASSOS, 120 - RIO

32$ Fina pellica envernizada, preta, com fivela de metal Salto Luiz XV, cubano, médio.

42$ Em fina camurça preta.

Pellica envernizada preta, com naco cinza ou beije, salto baixo:

De ns. 28 a 32........ 25$000
De ns. 33 a 40........ 28$000

Todo preto, menos 2$000.
Porte, 2$500 em par.

32$ Fina pellica envernizada, todo preto, ou combinação de naco Rosa ou Cinza, Luiz XV, cubano, médio.

Porte, 2$500 em par.

Superiores alpercatas de pellica envernizada, preta, typo meia pulseira, com florão na gaspea:

De ns. 17 a 26........ 8$000
De ns. 27 a 32........ 10$000
De ns. 33 a 40........ 12$000

Em naco beije, mais 2$000.
Porte, 1$500 em par.

Catalogos gratis, pedidos a

JULIO DE SOUZA

"Vá dizendo a toda gente" que o

ELIXIR DE INHAME

DEPURA-FORTALECE-ENGORDA

SELECTA A RAINHA DA ARTE MUDA

NOS CINEMAS DA AVENIDA (*Continuação*)

terra do seu progenitor?... Um jogador de pau!... Quando se viu jogadores de pau baterem-se com delgados *palitos*, como os que taes jogadores esgrimam? Os padres de aldeia, em Portugal, sr. director da *Alma Camponesa*, não andam de batina, faxa e chapeu bicorneo, á D. Basilio do *Barbeiro de Sevilha*. Do Minho ao Algarve não encontra um, juramos. Finalmente (porque seguir os dislates seria occupar muito espaço) a direcção do filme acompanha dignamente o enredo. A photographia é boa. Para sermos justos — o que aliás é todo o nosso empenho — devemos marcar um valor á technica com que se filmou a dança, da terceira ou quarta parte. Concluindo, devemos affirmar que desejamos ardentemente que o nosso vaticinio do principio d'esta nota se não realize.

Cotação — MENOS QUE SOFFRIVEL

CINEMA ODEON

O NOIVO CARADURA — Da Metro

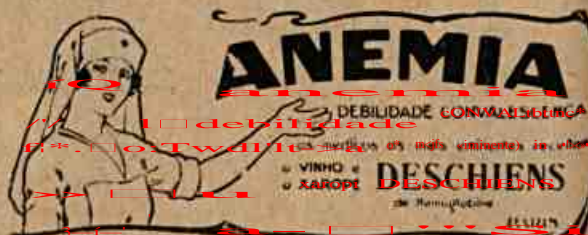
Film que, no seu genero, se póde considerar sem favor um bom trabalho. Buster Keaton tem tido o bom senso de não architectar as suas pelliculas, ou não aceitar trabalhos dos scenaristas com a exclusividade da sua pessoa na primeira fileira. Evidentemente, elle é o fulcro do filme, mas a execução é brilhante e os companheiros de que elle se cerca são por egual figuras de destaque. O melhor elogio que se pode fazer ao trabalho da Metro é que elle alcança o seu objectivo fazendo rir a bom rir. A technica é superior.

Cotação — BOM

CINEMA IRIS

FEBRE DE BROADWAY — Da Tiffany-Stahl

O cinema fallado está privando o Quarteirão de alguns bons filmes silenciosos. Este é um delles. Comedia com espirito; situações interessantes e com a logica possivel em trabalhos d'este genero; scenas de amorosidade bastante delicadas e graciosas. Lady O'Neill é uma artista que tem o segredo de nos alegrar com aquelle seu feitio de garota travessa, ella só dá vida e alegria aos filmes que interpreta.

Cotação — BOM

O DENTIFRICIO
IDEAL

PERFUMARIAS
LOPES
RIO-S.PAULO

Á VENDA EM TODO O BRASIL

Contra insectos — BORICAMPHOR

É digno de lêr-se o que diz o oculista Dr. Moura Brasil do Amaral

Dr. Moura Brasil do Amaral.

Attesta que tem empregado com exito nas affecções oculares de fundo syphilitico o preparado «ELIXIR DE NOGUEIRA».

Rio de Janeiro, 20 de Maio de 1929.

Dr. Oswaldo Moura Brasil do Amaral.

Grande e Poderoso Depurativo do Sangue.

"Elixir de Nogueira"

do Pharmaceutico Chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA.

Tem seu attestado na voz do povo!

Licenciado por diversos Departamentos de Saude Publica — Premiado em diversas Exposições, com medalhas de Ouro.

Vende-se em todo o Brasil, Republicas Sul-Americanas e em alguns paizes da Europa.

O VELHACO

O senhor Guindilla achava-se em seu gabinete, fazendo calculos sobre certas operações que estava em vias de realizar, quando a criada entrou, dizendo:

— Patrão, no vestibulo está o alfaiate, com a conta.

— Estupida! — gritou o senhor Guindilla, cravando na empregada seus olhos de rato occultos pelos vidros acinzentados de seus oculos. — Não lhe disse que, quando viesse o alfaiate, ou o padeiro, ou quem quer que fosse, com uma conta, lhe dissesse que eu não estava em casa?

— Mas, eu não disse que o senhor estava, mas que ia ver si estava.

— Mal feito, depois do que lhe recommendei.

— E' verdade, patrão. Mas eu suppunha que, por fim, se resolveria a pagar suas contas.

— E eu não as pago? Quem lhe disse o contrario? Apenas eu as pago quando tenho bem vontade e não quando scismam de m'as vir cobrar. Diga-lhe que não estou em casa. E, si insistir, que é possivel que não volte até amanhã ou depois. E, si continuar insistindo, que fui viajar para as ilhas Baleares.

— Muito bem, patrão.

Sahiu a criada a cumprir o que lhe ordenava seu amo, e o senhor Guindilla — commissionista em immoveis e construcções — voltou a se embeber em seus calculos, emquanto esperava a chegada de algum interessado pelas casas que tinha á venda e que naquelles dia havia annunciado em um jornal em condições extremamente tentadoras. Era tal seu optimismo, que bem depressa se esqueceu da desagradavel scena que acabava de sustentar com a criada. Mas esta não tardou em voltar, para dizer:

— Cumpri o que me ordenou, patrão. Disse ao alfaiate que o senhor não estava em casa; e, ao perguntar-me si demoraria muito em regressar, que sim, porque o senhor havia embarcado para as ilhas Baleares.

— Muito bem.

— Então, o alfaiate tirou seu relogio do bolso, olhou as horas e, sentando-se no sofá do vestibulo, disse: "—Pois esperarei até que regresse. Não me vou daqui sem receber esta conta."

O senhor Guindilla franziu o cenho e olhou a criada por cima dos oculos. Foi um olhar duro, que fez tremer a pobre rapariga.

— Disse isso, hein? Pois bem: deixe-o que espere... E agora é que não lhe pago...! E é só! Pode retirar-se.

Quando a criada havia sahido, o senhor Guindilla poz as mãos na cabeça, como costumava fazer quando se via num becco sem sahida, cousa que lhe occorria frequentemente.

— Que azar! — exclamou. — Que alfaiate maldito! Eu não contava com isso. Mas não importa. Desta vez elle não receberá, e depois procurarei outro alfaiate para substituil-o.

Deixou o lapis e levantou-se. Sua inquietude levou-o a passear de um extremo a outro do gabinete, como um leão em sua jaula. Ruminava em silencio sua desesperação, fazia gestos ridiculos. Quem quer que o visse assim, e não o conhecesse, havia de tomal-o por um louco. Entretanto, surgiu de novo a criada, dizendo:

— Patrão, veiu um interessado por uma dessas casas que o senhor annunciou no jornal.

— Muito bem. Mande-o entrar. Entrar immediatamente.

— Mas é que...

— Que o que? — inquiriu o senhor Guindilla, ... meroso.

De

JOSÉ M. BRAÑA

— Mas é que o despachei, dizendo-lhe que o senhor não estava em casa... Estava viajando para as ilhas Baleares...

— Mas você enlouqueceu?

— Patrão! E que queria o senhor que eu dissesse, si o alfaiate estava presente, ouvindo tudo?

— Tem razão. Retire-se. Deixe-me em paz, que estou terrivelmente indignado.

Foi-se a criada, e o senhor Guindilla recomeçou seus passeios de leão enjaulado, mas de leão enfurecido. Havia momentos em que tinha impetos de correr ao vestibulo e deitar as mãos ao pescoço do alfaiate e não o soltar emquanto não o visse livido. Continha-se, porém, pensando que o alfaiate acabaria cansando e indo embora. Era homem de negocios e não ia abandonar estes para ficar eternamente cobrando sua miseravel conta, que não receberia, porque não tinha elle a menor vontade de pagar-lhe. E não era porque se considerasse um vulgar velhaco. Absolutamente. Não pagava, segundo dizia, por atavismo. Nem seu pae, nem seu avô pagaram jamais suas contas.

Estava ruminando tudo isso, quando a criada reappareceu á porta:

— Patrão — disse, balbuciante: — acaba de estar ahi outro interessado pelas casas que o senhor annunciou...

— Outro?!

— E eu não tive outro remedio sinão dizer-lhe o mesmo que havia dito ao anterior. Que o senhor estava para fóra; que negocios de familia o chamaram ás ilhas Baleares...

— A's ilhas Baleares!

— O homem sentiu muito, porque disse que o annuncio o havia interessado muito.

— Basta! — rugiu o senhor Guindilla. — Não me esquente mais o sangue! Faça o favor de dizer ao alfaiate que, caso não se vá embora, sou capaz de estrangulal-o!...

E quando a criada já ia dar o recado, elle a conteve:

— Não! Não lhe diga nada, porque, então, ficaria sabendo que eu estava em casa.

Alguns minutos depois, a criada voltou a annunciar a visita de outro comprador: um homem que tambem dizia ter muito interesse pelo annuncio publicado.

— Fil-o esperar — disse — para que o senhor resolva si deseja estar aqui ou continuar viajando para as ilhas Baleares...

— Outro comprador, hein? E eu estou perdendo esses negocios! Veja, Manoela. Desta vez, perdi a partida. O alfaiate ganhou-ma. Pague-lhe em nome da Patroa e diga-lhe que eu o marido della não mais procurará a sua casa...

Entregou á criada umas notas que tirou da carteira.

— Aqui tem. São duzentos mil réis. Exija o recibo. E mande o outro senhor entrar.

Aguardou, iracundo e esperançado, a chegada do novo interessado, que não se fez esperar. Vinha acompanhado da criada, que trazia na mão a conta do alfaiate com o recibo devidamente passado.

— Entre, senhor — disse o senhor Guindilla, convidando-o a penetrar em seu gabinete. — De modo que vem pelo annuncio de hoje?

O supposto comprador, covarde como um rato, não foi capaz de affrontar o olhar inquisitivo do senhor Guindilla, que havia tirado os oculos. Tremulo, balbuciou:

— Não; não, senhor. Eu não sou nenhum comprador. Como os outros que aqui estiveram antes de mim, sou empregado do senhor Fidelis, o alfaiate, e limito-me a cumprir o que elle me ordenou... Apenas. Boa tarde, senhor.

M.

Eu tambem fui Anarchista

De FREDERICO TRAGELLO

CONHECI aquelle livreiro nos primeiros tempos da mocidade, quando meus sonhos eram muitos e meu dinheiro tão escasso que nunca dava para adquirir livros novos.

Era um velho de aspecto veneravel, muito magro, typo de um d'esses judeus de lendas, que conservam entre os trapos, riquezas immensas e segredos prodigiosos. Ao que parecia, elle tambem sympatisava commigo, pois não raras vezes, deu-me conselhos preciosos quanto á escolha de livros e — facto notavel — cedeu-me muitas vezes a preços especiaes, obras custosas.

Era uma tarde de Julho, luminosa e perfumada. A temperatura estava deliciosa; a natureza parecia respirar alegria, convidava a viver...

Como tantas outras vezes, entrei na loja do velho Thomaz e, approximando-me das empoeiradas estantes, distraia-me lendo os titulos dos livros. Estava em frente á secção de obras anarchisas, onde se alinhavam ás dezenas os tratados de rebeldia e amargura, obras de terror nas quaes se adimiravam co-

rações dilacerados pelo desengano ou ebrios pela ambição. O livreiro deteve-se uns instantes ao meu lado, murmurando em seguida:

— Quantos sonhos encerram esses livros! Quanta chimera impossivel! Tambem eu, ha tempos, deixei-me apaixonar por elles! Tambem eu fui anarchista!

Calou-se um instante, com o que coordenando idéas, depois continuou:

— Dizem que a duvida é a metade da verdade; não foram, porém, esses livros que me ensinaram... Foi a vida.

— Mas — perguntei um tanto duvidoso — você foi anarchista?

— Sim, e dos mais convencidos. Venha ao meu quarto, vou contar-lhe...

Entrámos n'um quartinho, onde havia uma pequena machina, de fazer café. Sobre uma mesinha estava uma boneca vestida de roxo com um chapéo de velludo preto.

Thomaz sentou-se, poz a boneca sobre os joelhos n'um gesto muito natural, serviu-me café e começou:

— Meu pae — que Deus tenha em sua Santa Gloria — foi tão bom para mim, creou-me com tantos mimos, que perverteu o meu caracter tornando-me vaidoso e soberbo.

"Estudei e li muito, porém sem ordem nem methodo e como nunca me submetti á disciplina alguma, cheguei aos vinte e tres annos "com muito talento" como diziam meus amigos, porém inutil, incapaz de ganhar a vida.

"Quando morreu meu pae, herdei uma pequena fortuna que, bem administrada podia garantir-me uma vida modesta. Porém nem isso sabia fazer. Em cinco ou seis annos puz tudo fóra e fiquei sem recursos. A miseria surprehendeu-me em Napoles, n'aquella bendita terra, onde o sol queima-nos a imaginação de sonhos de amor e de ventura. E eu, baralhando no cerebro leituras confusas e literarias mal digeridas, attribui á humanidade inteira a culpa de minhas desventuras. Em vez de conformar-me, procurando um novo rumo no trabalho resignado, rebelei-me, pensando em vingar-me dos que continuavam a ser felizes, quando eu deixei de sel-o.

N'essa occasião conheci um homem singularissimo, no qual havia tanto de principe como de mendigo e bandoleiro. Era um homem amargurado e triste que odiava a humanidade, talvez por motivos semelhantes aos meus. Dentro de pouco tempo nos entendemos e nos enthusiasmámos mutuamente com as confidencias de nossos pensares.

"Depois, Carlos Duval — assim se chamava — apresentou-me á uma sociedade anarchista á que pertencia e onde conheci varios individuos originaes, enigmaticos, cheio de odio e pessimismo.

"Foi correndo o tempo e como ninguem vive sem affectos, enamorei-me da unica filha de Duval uma linda rapariga de dessesete annos a quem o pae déra o lindo nome de Liberdade. Creatura singular que chorava ao ouvir executar ao violino a serenata de Shubert, ou ao vêr um passaro morto de frio, mas que falava com ardor de bombas de dynamite, capazes de matar a toda gente.

"Por demais consumida por uma enfermidade fatal, a pobresinha não era responsavel por aquellas excentricidades, producto de uma educação desordenada, actuando sobre um organismo enfermo.

"Casámo-nos, e quando nasceu a nossa primeira filhinha, ella soffreu uma transformação radical: tornou-se terna e começou a ter horror ás idéas modernas.

"Demos á nossa filha o nome de Violeta, nome de flôr e de modestia. Vivemos felizes uns annos, não sei quantos, sem duvida poucos. A tuberculose, pouco a pouco, matou-me a esposa que na hora da morte — fez-me um unico pedido: que abandonasse aquelle ambiente de terroristas. Assim chamava ella aquelles amigos da liberdade e da anarchia.

"A dôr porém, envenenando-me o espirito, enleiou-me ainda mais nas chimeras reformadoras. Que foi finalmente a infeliz Liberdade senão uma victima da sociedade actual, que deixa os pobres sem abrigo e sem hygiene, até morrerem de miseria?

"D'essa maneira, raciocinava eu então. E queria vingar a pobre morta tirando a vida aos governantes.

"Com aquella idéa fixa, propuz nas reuniões que tive com meus correligionarios, um attentado sensacional, compromettendo-me a pôl-o em pratica. Sabedor que um famoso chefe de Estado iria visitar Paris, parti para a cidade-Luz e para escapar á vigilancia da policia, levei a bomba dentro de uma grande boneca, que a presença de minha filha, tomava perfeitamente insuspeitavel.

"Aluguei um quarto no ultimo andar de uma casa, deante da qual devia passar a comitiva do illustre hospede, e preparei o attentado, nos seus menores detalhes. Vivia

com minha filha e simulava ser vendedor ambulante de quinquilharias. Sahia e entrava a horas fixas; puz Violeta n'um collegio religioso dos arredores, e trazia-a todas as tardes para casa, onde ficava sosinha, emquanto eu la comprar a nossa ceia.

Ao regressar, encontrava sempre a menina quietinha e até admirava-me que pudesse ficar tanto tempo sem a minima distracção.

"Ao cabo, porém de quatro dias, chegou o momento tão esperado. A comitiva régia approximava-se entre clarins e exclamações populares.

Corri á minha maleta, saquei a boneca que trazia preparada de Napoles, subindo á uma cadeira, postei-me attento, á janella. Como o monarcha estava ainda longe, voltei-me e lancei um olhar inquieto á minha filha. Ella estava de pé n'um canto e parecia muito assustada... No primeiro momento, achei natural aquella expressão; em seguida apercebendo-me de que ella não podia imaginar o acto que eu preparava, surprehendi-me ser que se mostrasse tão alarmada.

"Além disso, ao susto de Violeta pareceu-me a attitude de uma creatura que houvesse commettido uma acção reprovavel e adivinha que

EU TAMBEM FUI ANARCHISTA

(Conclusão)

está a ponto de ser descoberta. Estive quasi a perguntar-lhe o que tinha. Porém, a algazarra e a musica approximavam-se já. Não podia distrair-me para não perder o momento mais opportuno...

A commitiva estava passando por debaixo de nossa janella. O magnifico coche real estava perto já; levantei o braço direito, em que tinha a boneca, para dar impulso e jogal-a. N'esse momento a voz de Violeta vibrou por detraz de mim, supplicante e aflicta.

"— Papa!?...

"Voltei-me sem abandonar o gesto ameaçador que aquelle grito immobilisou.

"— Papa!... repetiu juntando as mãositas n'um movimento de desespero.

— Não atires a minha Lúlú... Não lhe tocarei mais, não mexerei mais na maleta... mas não a jogues...

"Saltei da cadeira como um louco, e correndo para ella com o coração aos saltos, perguntei-lhe com voz tremula: —Como!... mexias na mala?!... Tocavas nesta boneca?...

"— Para brincar... só para brincar, quando tu sahias... Mas brincava muito quietinha, sem maltratal-a, porque é minha filhinha... chama-se Lúlú...

Fiquei gelado de espanto, sem ouvir a musica que vibrava n'aquelle momento na rua em frente mesmo á casa.

Pensando no que podia ter acontecido, vi Violeta cahida ao chão, despedaçada pela bomba, com o rostinho ensanguentado, as mãositas dilaceradas. Que horror, Deus meu! Que horror! E, abraçado á ella, chorando convulsivamente comprehendi o soffrimento dos outros que foram alcançados pelas bombas.

*
* *

— Hoje — concluiu o velho livreiro, — Violeta está terminando o curso de professora publica e é noiva de um excellente moço trabalhador e ajuizado... E eu conservo aqui esta boneca, como recordação do tempo em que tambem tive sonhos loucos...

FEDERICO TRAJELLO.

O Erro de Emilio

De FREDERICO BOUTET

EMILIO sahiu contentissimo da delegacia.

Era já todo um homemzinho de dez annos, pallido, loiro e com um par de orelhas muito grandes e muito abertas. Seu temperamento o inclinava á honradez e ao respeito pelos principios moraes. Gozava da alta estima do mestre da escola, que o mostrava sempre como exemplo aos outros revoltosos da classe.

Infelizmente, Emilio ia deixar breve os estudos para aprender um officio. E digo infelizmente, porque todas as suas aspirações consistiam em chegar a ser mestre de escola. Mas, como seu pae era um desses operarios que estão eternamente sem trabalho e assiduo frequentador das tabernas, não podia o estudioso menino levar a termo seus desejos.

O que acabava de occorrer a Emilio constituia o acontecimento mais sensacional que lhe succedera em sua misera existencia. Ao sahir, á tarde, da escola, passando em frente da estação de Lyon, afim de ir direitinho para casa, encontrou junto ao meio fio uma bolsinha de couro cheia de moedas de ouro. Apanhou-a, emocionadissimo, e, sem vacillar nem um momento, saturado como se achava dos preceitos moraes de que estavam cheios seus livros de estudo, se dirigiu, correndo, á delegacia de policia, para entregar o achado.

Felizmente, o recebeu o senhor commissario em pessoa e esse representante da lei, homem de letras e idéas optimistas sobre a perfeição humana, ao ver o bello gesto daquelle menino, que lhe levava um montão de ouro anonymo (havia na bolsa cincoenta luizes), se sentiu tão commovido por uma emoção official, que se dignou manifestal-a com toda a solennidade possivel.

Sentado á sua mesa, affavel e magestoso, disse ao menino, em presença de seu secretario, de todo o pessoal da delegacia e de bom numero de agentes, um magnifico discurso de felicitação.

Fallou do desprezo á riqueza, na probidade innata no coração do povo, da futura carreira de Emilio, sobre a qual aquelle acto projectava esplendidos fulgores, e da immensa alegria que experimentariam os ditosos paes daquella criança, quando elle lhes contasse sua boa acção.

Emilio, em pé, com o gorro na mão, pallido de satisfação, consciente de sua importancia e reconhecendo nas eloquentes phrases do commissario as edificantes maximas de seus livros de aula, gozava, a mais não poder, daquillo que para elle constituia o maior bem na terra: as felicitações e a estima da autoridade.

— Espero, além do mais, correcto homemzinho — concluiu o commissario — espero que a formosa acção que acaba de realizar não ficará sem recompensa. O dono desse ouro, que espontaneamente você trouxe á policia, dando exemplo de alta honestidade, se apressará, si o encontrar, a demonstrar-lhe seu agradecimento. Já sei que não entrou semelhante calculo na realização da nobre acção que acaba de fazer. No emtanto, eu faltaria a todos os meus deveres si, pessoalmente, não levasse ao conhecimento de meus chefes tão boa conducta e se não o fizesse, tambem, em relação a seu mestre, que, não o duvido, saberá manifestar-lhe sua satisfação perante todos os seus discipulos. E, por ultimo, não se esqueça você de dizer a seu digno pae, homem que sabe dar a seus filhos semelhante educação (infelizmente, rara hoje em dia), e a quem me considerarei feliz podendo felicitar pessoalmente. E agora, deixe-me estreitar-lhe a mão. Mão de um excellente menino que chegará a ser um homem honrado.

Acabado o discurso, sahiu Emilio da delegacia radiante de orgulho e de satisfação, e deitou a correr para o lar paterno.

Chegaria tarde para jantar (si é possivel que um heroe da honradez chegue tarde a alguma parte)! mas, pela primeira vez em sua vida, não temia a ira paternal, e si corria era só pela impaciencia de contar quanto antes sua façanha e seu triumpho.

Subiu, sem respirar, os seis andares da immensa casa de commodos em que viviam.

Penetrou o heroe, exhausto, ansioso, n o pequeno e misero compartimento onde se amontoavam todos: o pae, a mãe, Emilio e seus dois irmãozinhos.

— Dize, por que demoraste tanto, patife? Tua mãe teve que ir fazer as compras. Outro dia te deixaremos debaixo da mesa — exclamou o pae, que acabava de sentar-se para o jantar.

— Que importa! — disse a mãe. — Assim tomou um pouco de ar.

A mãe, mulher envelhecida pelo rude trabalho, procurava acalmar o marido. Emilio, ainda exaltado, contou sua aventura, o achado, seu acto de honradez, sua ida á delegacia, o enthusiasmo do commissario e seu magnifico discurso. Repetiu as palavras de elogio que lhe dirigiu e que dedicou tambem a seu pae. Pintou o successo atropeladamente, tomando alento, insistindo nas mais solennes palavras do discurso. Todos o ouviam com a bocca aberta, sentados em torno de uma mesa desmantelada, sobre a qual ardia uma candeia de azeite junto a um *ragout*, não muito abundante, digamos.

Falava em meio de um silencio geral. Silencio que continuou ainda um momento depois de ter o menino concluido sua interessante narrativa.

De repente, o pae deu um tremendo murro na mesa.

— Pela vida de todos os diabos! Pedaço de asno! Quer dizer que encontras mil francos na rua e não os trazes para teu pae, que morre de fome para manter-te?

O ERRO DE EMILIO

(Concluido)

Levantou-se o desgraçado operario, livido, tremendo de ira.

— Não vês tua mãe envelhecendo á força de coser todo o santo dia para ganhar tres miseraveis francos para te dar de comer? Não vês teu pae em gréve ha tres mezes, só para manter os direitos de seus companheiros?... Não vês tudo isso, ignorante? E ainda mais! Com os diabos! — exclamou, aterrado por uma idéa repentina. — Com isso vaes fazer com que a policia me deite as mãos. Na semana passada dei uns bofetes num investigador, e agora vão encontrar-me, e estou perdido, idiota! Espera um pouco, que vaes ver as felicitações que te guardei.

Louco de raiva, por dois copos mais que tinha no corpo, cahiu sobre Emilio.

Este, apanhado de surpresa, assombrado, tonto, não teve tempo de ganhar a porta da escada, como fazia sempre. As bofetadas, os murros, os pontapés choviam sobre seu corpo. Emilio, queixando-se, defendendo a cabeça com os braços, deixou, afinal, de gritar, quasi desacordado pela enorme surra. As meninas choravam e gritavam a um canto, a mãe procurava conter o braço de seu marido, para evitar as pancadas, e recebeu tambem boa parte dellas.

Afinal, se cansou o barbaro. Atitou para o lado o menino todo machucado, poz o chapéo e sahiu.

Quando Emilio voltou a si, momentos depois, começou a soluçar desesperadamente. Tinha todo o corpo dolorido. Mas a dôr moral era ainda maior que o soffrimento physico, e elle não achava palavras para expressar o pensamento a sua mãe. Esta procurava consolal-o. Quando, por fim, conseguiu vel-o um pouco mais tranquillo, disse:

— Não has de, por isso, ter raiva de teu pae, meu filho. Somos tão pobres!... Devemos tres mezes de casa e vão nos despejar... Teu pae é um homem digno de compaixão. Tem um genio muito violento, e, além disso, bebe. Tem tantas angustias! Comprehende-o, meu filho, ao pensar que tu lhe houvesses perdido trazer mil francos em moedas de ouro... Põe-te em seu logar... Sim, já sei: tu foste bom, fizeste o que devias... Mas qualquer outro menino se teria lembrado de seus paes... E' claro que faria mal... Tu procedeste bem, e estou contente comtigo, apesar de tudo...

— E, agora, que vae ser de mim? — gemeu Emilio, em lagrimas. — Vão dar-me um premio na escola. Quando o souber meu pae, novamente me baterá.

— Não, meu filho, não. Eu evitarei que apanhes mais. Elle não o saberá.

— E a medalha?... O commissario me disse que me darão uma...

— Eu ta guardarei. Teu pae não a verá, e a conservaremos bem escondida nos dois — respondeu a mãe nesse tom de indulgencia com que se perdôa uma travessura aos meninos.

M. C.

A Papa do Imperador

ESTA', certa vez, o jovem monarcha em companhia do padre Diogo Antonio Feijó, a conversar acêrca de assumptos varios, quando o criado lhe traz um prato de papa. A esse aquelle offerece o manjar, — muito bom para quem lhe gosta, como o jovem imperante; mas o regente agradece a imperial gentileza e accrescenta paternalmente que deve elle comel-a já para não esfriar.

Sem cerimônia o menor Pedro II, que tinha bom appetite por doces, vae papando o delicioso manjar e, ao mesmo tempo, trocando idéas com o reverendissimo.

E' Feijó o estadista mais energico daquella épocha. Prevalecendo-se da condição especialissima de regente da corôa e com o poder espiritual do sacerdote, passa a ser verdadeiro educador de Pedro, para quem em palestras intimas diariamente faz prelecções acêrca das virtudes civicas, procurando influir-lhe sobre a moral, a instrucção, educando-lhe a intelligencia, aperfeiçoando-lhe os costumes, adornando-lhe os pensares, afim de o tornar grande na alma popular. E elle, como humilde educando, ouve-o cheio de attenções e bebe-lhe com avidez os ensinos de civismo.

Observa o regente que sua alteza come a papa com o vicio da gula e, quando está elle na metade, ordena ao criado:

— Póde levar o prato.

— Porém... ainda não comi toda a minha papa, contesta sua magestade.

— Sim. Estou vendo, mas póde deixar o prato.

— Eu ainda não comi toda a minha papa, retruca algum tanto arrogante e não menos irreverente, e ella está muito bôa e eu desejo...

— Sei, meu amigo, interrompeu Feijó. Explicar-lhe-ei depois... Novamente se dirige ao criado:

— Leve daqui este prato.

E' immediatamente obedecido.

Crava-lhe Pedro os grandes olhos azues e interroga-o então com breve resentimento.

— Desejo saber: por que mandou levar o prato ainda com tanta papa?

— Por isto: Vossa Magestade, segundo observei, estava dominado pelo vicio da gula, quando comia o seu delicioso manjar; e o homem que vae dirigir milhões de homens não póde, não deve ser dominado por erro algum. Lembre-se bem do que se acaba de passar neste momento e nunca resolva cousa alguma sem profunda meditação, nada de impetuosidades que o podem arrastar para o descaminho do cumprimento da lei. Comprehende?

— Sim. Muito obrigado pela lição. Nunca me hei de esquecer do que se passa neste momento. Muito obrigado.

E proseguem ambos na palestra, sempre se referindo o padre ao predicamento civil do joven e ao cumprimento dos seus deveres.

* * *

DIZIAM intimos de D. Pedro de Alcantara, contado pelo proprio, que muitas vezes suspendêra a penna ao dar um despacho, por se lembrar da memoravel lição de Diogo Antonio Feijó; e então ia elle meditar profundamente acêrca do caso em causa, para resolver com mais acerto, procurando os meios possiveis de fazer justiça com toda a inteireza.

E quanto beneficio para o povo não resultou da leve advertencia do energico estadista?

Os carecentes da lição devem deixar pela metade o que, em dado momento, desejem muitas vezes fazer de um impeto, nunca entregando ao esquecimento o bello ato da menoridade de Pedro II, o expressivo episodio da papa do Imperador.

HORMINO LYRA.

O Meu Retrato

(Para recitar)

Como aos ventos do sul a rosa verga,
Definha, murcha e morre,
Se o orvalho da manhã não vem beijal-a,
Se o sol lhe não soccorre;

Assim, na primavera da existencia,
Aos ventos do desgosto,
Vejo penderem, pallidas, exangues,
As flores de meu rosto!

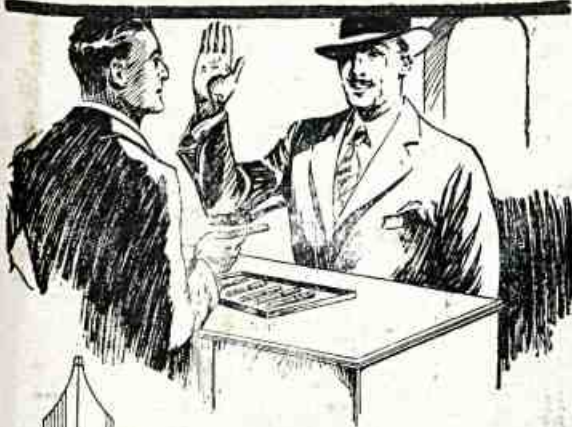
A fronte sempre altiva do poeta,
Sublime, sonhadora,
E' hoje o mausoléu de uma esperança,
Idéa do que fôra!

Dos olhos, que em effluvios magneticos
Scentelhas desprendia,
Bebendo inspirações, ou inspirando
Amor e poesia;

Desses olhos, que assim me reflectiam
Uma alma pura, ardente,
Um coração sincéro, nobre, vasto,
Um craneo incandescente;

Desses olhos a luz... vêdes — apagou-se!
São tochas mortuarias
Da mente e coração velando — frias,
As campas solitarias.

(*Posthuma*)

Leopoldo F. Amaral

"Dê-me uma Geo. S. Parker Duofold—"

Só é legitima a caneta que tem esse nome gravado em seu corpo.

AO primeiro relance pode confundir-se qualquer imitação barata com a Parker Duofold, mas ninguem deve illudir-se pois basta procurar esse nome protector que se acha sempre gravado na caneta legitima.

Esta caneta representa 36 annos de pratica, 47 aperfeiçoamentos e 32 creações patenteadas, além do uso de cinco bellas côres modernas.

A tampa e o corpo da Parker Duofold são feitos de "Permanite", que é mais leve do que a borracha e não se quebra.

O principio que faz a caneta escrever *sem pressão* elimina todo e qualquer esforço no uso da Parker Duofold. O seu proprio peso atomico inicia e mantem uniforme o correr da tinta. Não exigindo pressão dos dedos ou qualquer outro esforço, ella não fatiga.

Junte-se a tudo isso as duradouras pennas de Iridium e ouro de 14 quilates, tampas hermeticas e o facto de que clima algum pode affectal-a e ahi temos a melhor e mais fina caneta que se fabrica em todo o mundo.

Procure no corpo de cada uma a inscripção "Geo. S. Parker—DUOFOLD". É a única maneira de V.S. se certificar de que a caneta é legitima.

Duofold Tamanho Grande Rs. 70$000; Duofold Jr. Rs. 50$000; Lady Duofold Rs. 50$000

Lapiseiras Parker Duofold para fazer jogo com as canetas:

Único distribuidor no Brasil: A. Cardoso Filho
Rua Buenos Aires, 141, Rio de Janeiro

Parker Duofold

Lysol, en tempo de epidemias

Para que a limpeza seja uma verdadeira protecção do lar

Para defender o seu lar do ataque impiedoso de molestias contagiosas, faça com que todo o dia de limpeza seja um "dia de Lysol". Em tempo de epidemia, como a grippe, o typho, a febre amarella, a disenteria, a variola, etc., a protecção que o "Lysol" offerece na *limpeza completa* da casa é medida indispensavel.

Os gérmens que propagam a molestia escondem-se ameaçadores e sinistros no trinco das portas, no corrimão das escadas, nas cadeiras, nos soalhos, emfim, em todo o objecto exposto ao contacto da mão humana, dos adultos ou das creanças.

Não importa o cuidado com que se faça a limpeza, usando-se o sabão e a agua, os gérmens continuam impiedosos, na sua missão de morte. Combata-os! Proteja o seu lar contra elles.

Nas épocas de epidemias use-se o "Lysol" tambem para desinfectar as mãos varias vezes por dia, *diluindo-o* de accordo com as direcções do rótulo.

Lysol se vende nas Drogarias e Pharmacias em vidros de tres tamanhos.

Acabemos com as merendas desiguaes!

Um acatado mestre em pediatria e medico escolar brasileiro reconheceu em bôa hora o pouco valor alimenticio das merendas, que os alumnos levam para a escola e que devoram ahi nas horas de recreio, e com alto criterio, introduziu, este sabio especialista, copo de leite.

QUE SENSATA E ADMIRAVEL MEDIDA!

Sigamos o exemplo das escolas na America do Norte, onde se dá systematicamente ás creanças, como "lunch", uma bôa chicara do *Leite Maltado Horlick* e onde, por pesagens continuas, é verificado o augmento do peso nas creanças atrazadas, alimentadas com este leite. Isto seria o complemento ideal desta medida louvavel em todos os sentidos.

O *Leite Maltado Horlick* não deve ser posto, quanto ao seu valor nutritivo, em parallelo com o leite de vacca. O *Leite Maltado Horlick* reune em si todas as substancias necessarias para o sustento das nossas funcções organicas, de sorte que o leite de vacca póde ser perfeitamente dispensado.

Paes, Mães, Professores e Autoridades, que tendes que velar pela saude da nova geração de que depende o futuro da Nação, dae aos vossos tutellados o *Leite Maltado Horlick*, e em pouco, coroada a vossa iniciativa, vereis creanças sadias, robustas e alegres.

PEÇAM AMOSTRAS GRATIS A:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. | S. Bento, 35 — S. Paulo.